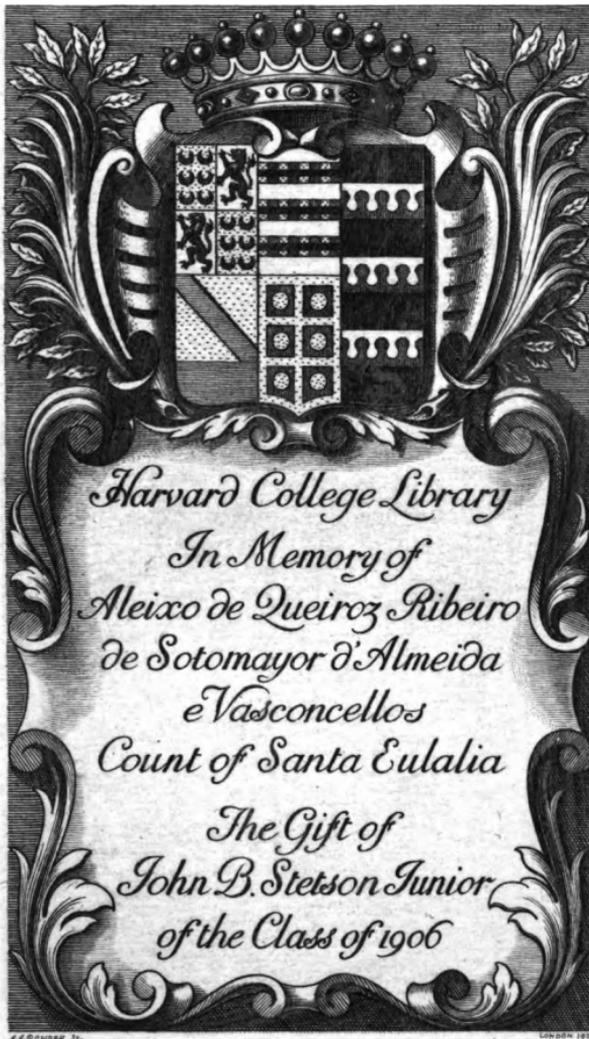


WIDENER



HN Z193 J

Part 5965. 81. 65











# A ENGEITADA

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO

**Typographia de Commercio**

Rua da Ferraria n. 102 a 112.

**1868**

1852  
LIVRARIA

DE

PALHA

N.º 044

EST. 7. 3

# A ENGEITADA

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO



PORTO

**Typographia do Commercio**

Rua da Ferraria n. 102 a 113.

—  
**1866**

Part 5905.81.65

25

# DEDICATORIA

---

AO

ILL.<sup>mo</sup> E EXC.<sup>mo</sup> SNR.

**MANOEL DE FREITAS COSTA**

**Meritissimo Juiz da Relação do Porto**

---

N'este romance encontra v. exc.<sup>a</sup> o desenvolvimento da historia que me communicou. Se algumas côres do quadro substitui por outras, obedeci a umas regras d'arte que prescrevem ao romancista a dura lei de recompôr o que parecia estar bem feito das mãos da natureza. D'onde havemos de inferir que o verdadeiro, em romances, nem sempre é o bello, e rarissimas vezes é o bom. N'outro paiz, n'outros costumes e com mais habil colorista, a historia, referida por v. exc.<sup>a</sup>, seria uma perfeita urdidura de optimo romance. Aqui na nossa terra, excellente, mercê de Deus, em muitos sentidos, requer-se melindroso geito n'isto de contar vicios. Não discuto se o contar-os é fomental-os, e se a ignorancia d'elles é fingimento. Seja o que fôr. Se ha innocencia, é dever santo conserval-a. Se dissimulação, é obsequio á historia das nossas virtudes dissimularmos tambem.

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
FROM THE LIBRARY OF  
FERNANDO PALHA  
DECEMBER 3, 1928

D'estas considerações, meu amigo, e d'outras que o seu recto e claro espirito lhe ha-de suggerir, vai v. exc.<sup>a</sup> dar-se o motivo de alguns acrescentamentos e mudanças que fiz no entrecho d'este romance, que lhe offereço, com esta desusada simplicidade. As coisas de pouco ou de nada assim se devem offerecer.

De v. exc.<sup>a</sup>  
*affectivo e obrigadissimo creado*

Camilla Castella Branco.

# A ENGETADA

---

## I

### O incendio de Santa Maria de Pombeiro

Ó quadra saudosa de patriotismo ! ó guerra dos francezes ! ó heroico Portugal no tempo em que tu eras tão portuguez, tão inimigo de estrangeiros, tão façanhoso contra francezes e tão roupa d'elles ! . . . Ó tempo, tempo em que nem ainda as francezas se podiam tolerar n'este abençoado torrão, d'onde pululavam Viriatos, como tortulhos bravos quando chove !

Que figados tão nacionaes sahiam pela bocca fóra da gente, que gritava com ferocidade pulmonar, se a serpente enorme de brilhantes escamas, o exercito de Massena ou Junot, de Loison ou Soult colleava as suas roscas de ferro lá em baixo, ingulindo aldeias e vomitando-as em lavaredas das entranhas bestialmente francezas !

Tão perto vão de nós.esses dias de febril gloria ! Meio seculo apenas ! Uma escassa vida de homem ! Há ainda ahi pulsos de aço e musculos de couro de elefante que estrangularam francezes em barda ! Nossos pais todos mataram soldados de Napoleão; nossas mães todas mais ou menos tenderam a inxertar-se na genealogia da forneira, que amassava hespanhoes como padas de trigo. Isto foi hontem, hontem!—e já hoje todos trajamos á franceza, pensamos francezmente, fallamos como pensamos e escrevemos para fazer pensar e rir a posteridade, os nossos bisnetos, uma gente nacionallissima que não ha-de ter nação nenhuma !

Ha cincoenta e tantos annos ! cada homem, cada portuguez a pedir um Thucydides e dous Homeros ! uma epopêa para cada osso lusitano, e um Pantheon para cada aldeia !

E, depois, a gentalha d'aquelle periodo de tres heroicos annos era uma gentalha que dava pela barba aos gigantes do nosso tempo, Adamastores de pantano que salpicam a gente de vaza quando se remechem.

Que plebe tanto mais furial quanto briosa ! Como ella matava os afrancezados e lhes incinerava os cadaveres no brazido das casas incendiadas ! Que espora tão penetrante os apostolos da christandade portugueza lhe chegavam aos ilhaes !.. Desfaziam a cruz de Christo em dous varapãos e da-

vam a deslomar ! Como a inquisição já não funcionava, iam aos armazens dos instrumentos e traziam as cordas para a força dos jacobinos !

Quem podéra ter visto aquelle frade dominicano, chamado na invasão franceza o *Religioso do habito branco* ! Que homem, que portuguez ! No pulpito, mandava matar; no campo da batalha, matava. E não tinha arma predilecta. Matava a tiro, a cutelo, a espadão, a faca, á pedrada, a malho e a páo ! Era o S. Thiago de Salado e o S. Jorge de Aljubarrota ! Quando elle passava de habito branco, matando francezes e bestas, (veja a GAZETA DE LISBOA de 28 de outubro de 1809) o Loison encolhia-se a bater os dentes, o Soult salvava-se a unhas de cavallo !

Não cabiam dous homens na Europa : Napoleão e o dominico portuguez fr. Antonio Pacheco !

No dia em que Beresford brindou o frade com uma-espada e uma espingarda inglezas, a fortuna, árbitra dos Encélados que se atrevem a esburacar o olympo, derribou o tigre côrso e levantou o frade até á perpetuidade da GAZETA DE LISBOA.

Ora este fr. Antonio, no dia 13 de março de 1809, depôz na sacristia de uma egreja de Penafiel a espingarda ainda ferrugenta, a espada tñgida de sangue, e subiu ao pulpito. Estava presente o general Silveira, a coisa mais redondamente portugueza, boçal e valente que deu o seculo.

O frade, tambem conhecido pelo *Mestre-Indio*, não orou, espumou sangue. Cada palavra reboava nas naves como artilharia grossa. Quando elle dizia—« morra Napoleão ! morra a gran-besta do apocalypse ! Abaixo a estatua de Nabuco ! »—o povo urrava, e as peanhas dos Christos, batidas pelas vibrações do ar revolto d'aquellas baforadas de patriotismo e vinho, cambaleavam.

Os milicianos e guerrilhas sahiram da igreja com fome e sêde de carne e sangue francezes. Queriam ser martyres e antropófagos ao mesmo tempo. O religioso do habito branco permittia-lhes e aconselhava-lhes, primeiro que o martyrio, o sêvo na carnicaria, espedaçar francezes a dente quando cansassem as garras.

Abalou o Silveira sobre o inimigo. Lá ia o frade, o alento, a ferocidade da tropa.

No dia 15 travaram-se hostes em demorado fogo. No 16 até 18 se andaram os dois exercitos disputando posições. No dia 19 fortificou-se o fugitivo Silveira em Amarante, assoberbado pelas forças de Delaborde e Loison. Parte da antiga villa alumiaava os dois exercitos com o incendio das suas casas. No dia 20, travaram-se doze horas de fogo na ponte. O religioso do habito branco fez proezas, e continuaria a espostejar francezes, se o duque da Dalmacia no 1.º de maio não varresse os bravos, incluindo o frade, pela serra do Marão fóra.

No dia 9, era sublime o frade já de volta sobre o inimigo. Levantou-se ao mais alto picôto do Marão, quando Silveira dava folga á tropa. Fallou, trovejou, era o escandalo de Jehóvah pelo intuito da imitação do Sinay. Fôra com o sacrilego!

Seguiu-se o ataque de Ovelha no dia 11. O frade foi superior á espingarda ingleza. Matou quanto pôde; matou a pontapés desventrañdo os feridos que podiam ter mais de uma vida e sete cabeças como a hydra. O general Loison fugiu para as montanhas de Gatiaens. Tinha visto o habito branco a esvoaçar pintalgado de sangue.

No dia 13, o Silveira e fr. Antonio lá iam trepando á serra. O general francez desamparava o posto; e, perdido o itinerario de Mont'alegre, sempre sobranceado da espingardaria dos guerrilhas, foi dar a Santa Maria de Pombeiro, convento de monges bento's, uma legua distante de Guimarães.

A ralé senhoreou-se do mosteiro para bem resguardada aproveitar as balas. Loison viu cahirem alguns de seus ajudantes, atravessados dos pelouros de tão despresivel milicia. Fugiu a desapoderado galope, mandando retinir os toques de retirada.

Um coronel, que cobria a retaguarda, gentil typo de bravo soldado, na maxima robustez da idade, repelava as barbas, e exclamava:

— Ó soldados de Jena e Marengo! o que é feito de vós!

Olhava em volta de si, via recrutas imberbes, batia com a mão na testa, e murmurava :

— Ó imperador! vê que vergonhosa perdição esta! Vê os teus generaes que te deshonoram!

Os soldados obedeciam ás trombetas e não ao coronel que lhes bradava :

— A' fórma! á fórma, covardes!

A fuzilada das escorvas, o troar das descargas, o escabujar dos francezes moribundos era incessante. O mais mortifero fogo sahia do convento.

O coronel chamou a si pelos nomes alguns dos seus mais velhos soldados.

— Ao convento! — gritou elle.

Cem seriam os intrepididos devotados á morte. Romperam as portas a machado, escalaram por sobre cadaveres as paredes, retravaram-se arca por arca, matavam-se peito com peito.

Pouco depois, irromperam linguas de fogo por algumas janellas do mosteiro. Por entre as lavaredas saltavam guerrilhas e francezes promiscuamente, agarrados ainda pelas gargantas e cabellos, para se acabarem de matar á luz do incendio, por que lá dentro era trevas, noite e fumarada espessa do arder da casa e da espingardaria.

Os que não morreram fugiram. Os frades apagavam o fogo, cortando-o no ponto em que um lanço do edificio pegava com o incendiado. O abba-de amaldiçoava em nome de Deus a sacrilega ple-

be que fizera baluarte de guerra no templo do man-  
sissimo cordeiro, no sanctuario de Deus-vivo! Es-  
te abbade desadorava o patriotismo do *religioso do*  
*habito branco*.

Cortada a serpente das chammas, que amea-  
çavam a completa destruição do mosteiro, o abba-  
de foi chamado á cella d'um frade.

Entrou e viu prostrado sobre a cama do mon-  
ge um official francez, com o rosto ensanguentado.

— Achei-o alli no dormitorio — disse o dono  
da cella — Pareceu-me que estava a agonisar...  
Receei que o acabassem de matar sem sacramentos  
e trouxe-o para aqui.

— Fez bem — disse o superior.

Acercou-se do official e perguntou-lhe:

— Está muito ferido? onde se sente mal?

— Creio que estou a passar... Rogo— disse  
o official com tardas vozes—que me tomem o meu  
nome...

— Primeiramente cuidemos em vêr o seu es-  
tado, snr. official. Eu vou chamar quem entenda.

E voltou d'ahi a pouco acompanhado de um  
medico de Guimarães, suspeito jacobino, que esta-  
va escondido nas tulhas do mosteiro.

O medico examinou-lhe as feridas de rosto,  
peito e braço.

Deteve-se na do braço esquerdo, atravessado  
por uma bayonetada acima do cotovello e disse:

— Cortado o braço, snr. coronel, responsabilizo-me pela sua cura.

— Não. Deixem-me morrer.

— Isso é impiedade!—accudiu o abbade.

O coronel contorcia-se dolorosamente.

— E' tempo! — disse o medico — haja quem vá a Guimarães buscar-me o estôjo.

— Quem terá coragem de lá ir?!—perguntou o abbade.

— Eu! — respondeu o frade que tinha levado em braços o coronel para a sua cella.

Passadas duas horas, o medico, auxiliado pelo boticario do mosteiro, entrou á presença do enfermo e disse-lhe:

— Coronel! se tem mãe, esposa e filhos deixe-se operar, que eu lhe asseguro a vida e por ventura ainda a felicidade. O braço esquerdo não me neia a espada. E' uma coisa inutil. Reanime-se...

— Isto não é fraqueza, senhor!— disse o official.

— E' fraqueza, não tem outro nome... E' querer morrer. Não tem ninguem que lhe chore a vida?..

O coronel, com os olhos, súbito, aguados de lagrimas, sentou-se com violento esforço no leito, pediu que o ajudassem a despir-se, arrancou a empuções a camisa empastada no sangue, estendeu o braço e disse:

— Corte!

## II

### Alfredo Gassiot

O coronel, que os frades gasalharam, chamava-se Alfredo Gassiot. Figurava trinta annos pelo muito. Bella presença de guerreiro, tanto em arraiães, como para salões; nos arraiães com a pujança do braço herculeo, nos salões com a fulminante magia de olhos. A braveza inferia-se-lhe da desesperada lucta com as numerosas e traiçoeiras envestidas das guerrilhas; o esforço estava-se mostrando na corpulencia, e no stoicismo com que elle se deixava amputar o braço esquerdo e cerrar os rebordos ensangentados das feridas.

Alfredo fallava intelligentemente a lingua hespanhola por que sua mãe era madrilense. Os frades affeiçãoaram-se-lhe porque o ouviam raciocinar prudentemente ácerca das calamidades da guerra. Por sobre os prestados beneficios da religião sancta, ganharam-lhe amizade, e tanta que choravam todos, quando, em sequencia da rebeldia d'uma fe-

rida no pulso direito, sobreveio ao enfermo um accesso de febre traumatica.

Ao fim de dous mezes de cama, levantou-se o francez tão dessangrado e magro que a sua convalescença semelhava ao fenecer-se lento d'um ethico. Mais d'anno se lhe prognosticára a morte. Oppresso de mais a mais pelo presagio da morte proxima, Alfredo Gassiot entrou-se de tamanha tristeza e aborrecimento da companhia dos beneditinos, que se andava sempre furtando aos disvelos d'elles, escondendo-se nas brenhas da cerca ou fechando os janellas do seu cubiculo afim de que o suppozessem a dormir.

Alguns fidalgos de Guimarães, aparentados com os frades, vencendo o seu horror a francezes e o receio da pêcha de jacobinos, frequentavam a conversação do coronel, e compadeçiam-se de o verem finar-se na flôr da vida e nas esperanças d'ella tão temporãmente adiantada em prosperidades. «Coronel aos trinta annos!—diziam elles—Onde iria dar este rapaz, se a morte lhe não cortasse a carreira!»

Attentos os cavalheiros de Guimarães ao allivio de Alfredo Gassiot, convieram em tiral-o das tristezas do convento de Pombeiro, logo que as forças o ajudassem a mudar para a villa. Assim queriam elles defendêl-o de alguma injuria do povo, que o andava espiando para o acabar a tiro; e, ao

mesmo tempo, desabafar-lhe o espirito no tracto com pessoas de aspeito menos sombrio que os monges.

Convidaram-no a transferir-se para Guimarães, e o francez respondeu que tão pesada lhe seria a terra da sepultura no convento como nos templos da villa.

Sobrevieram com instancias muito affectuosas, e alfim conseguiram removê-lo, sob condição de que os ossos do seu braço amputado seria removido tambem para a cova onde lhe sepultassem o restante do cadaver: clausula que Alfredo tirou a partido.

Despediu-se dos frades a chorar, andou-se na mata abraçando algumas arvores e escutando os ultimos rumorejos das fontes e regatos que sós e unicos lhe tinham os segredos de seu coração e as cogitações acerbas da patria, e talvez dos amores que iam perdidos com ella.

Um dos fidalgos, que tinha quinta muito aprazivel fóra do lamacento e escuro berço da monarchia, venceu os outros na satisfação de hospedar o francez, cuja fronte se enrugára ao conspecto da villa retalhada e recruzada de bêcos e viellas.

Alfredo acceitou com ares de contente um quarto que lhe deram, cuja janella enramada de trepadeiras parecia a graciosa avenida de uma gruta, abobodada externamente de doceis de hydranjas e baunilhas.

Alli era a permanente residencia do francez, deitado sobre o leito, com a face voltada á janella, por onde lhe entravam as fragrancias do campo, e por ventura tambem as saudades da patria e da vida. Rara vez, o fidalgo hospedeiro se consolava de lhe vêr os olhos sem lagrimas.

Concorriam visitantes á camera de Alfredo; estimulavam-no a discorrer; e elle o fazia, com muito acôrdo, sobre a guerra, sem desculpar as desmedidas ambições do novo Alexandre, contrapezadas pelas iniquidades infligidas a nações pacificas, e mais que tudo pelas incalculaveis desgraças de familias, infernos obscuros que se accendiam aos milhares por cada instante, alegre de Napoleão.

Estes dizeres animaram o fidalgo a inquirir do taciturno hospede qual familia tinha em França; se lá deixára esposa e filhos ou coração de futura esposa que lhe tornasse mais dolorosa a ausencia.

Alfredo sorria com a expressão dos labios que responde a taes perguntas, se as lagrimas não respondem logo.

Um dia, a só com o seu hospedeiro amigo, contou o francez que era pai de dous filhos, um menino de tres annos, e uma menina de um, bem que não estivesse sacramentalmente ligado á mãe. Ajuntou que o seu intento era casar com sua pa-

renta, logo que se restabelecesse a paz, e elle, com os salarios de sua patente, podesse sustentar familia, sem dependencia de seu pai, que vivia pouco afortunado, e do pai de sua prima, o qual, por ser um fabricante opulento, lh'a não quizera dar, forçando assim a filha a pedir ao crime os honestos bens que a virtude lhe podéra ter dado.

Estas e poucas mais revelações, intermettidas de lagrimas e abafados silencios, grangearam maior affecto no animo do fidalgo e dos seus visitantes. Cada um trazia seu medico ou chamava de longe o mais famoso para atalhar a mortal consumpção do enfermo. Uns davam-no como incuravel; outros confiavam na distracção do espirito para ideias que lhe fossem quebrando os espinhos da saudade. Acertaram os segundos.

Alfredo cobrou-se vagarosamente de forças e côr. Já sahia aos campos e se quedava a contemplar os meandros da agua com semblante de suave melancolia. As agoureiras rozêtas da face esmaíram-se: antes a pallidez que lhe ia volvendo o rosto á graça antiga e aos olhos a branda luz que tinha sido um brilho febril no tempo desesperado de cura.

Pouco afastada, estava uma outra quinta, por igual aprazivel, pertencente a um ministro criminal que o povo tinha matado um anno antes, como jacobino. Vivia alli a viuva do magistrado com duas filhas, formosas meninas de quem os vima-

ranenses diziam que eram as tres graças, não obstante serem duas; por que as duas em si sobreexcediam o total dos dons das tres graças da fabula. N'este dizer, se estava denunciando que em Guimarães existira uma academia de litteratos marinistas, gongoristas, quanto quizerem, mas entendidos em graças mythologicas, e, o que melhor é, em graças genuinas, tangiveis e sinceras graças.

A viuva estava alli como emboscada com suas filhas, aguardando a paz e ensejo de entrar com ellas n'algum mosteiro, onde as visse professar, e acabar ella seus dias de viuvez saudosa, no meio das suas duas freiras bentas ou carmelitas.

Acontecia, porém, que Miquelina, a bella de cabellos d'ouro e olhos azues celestes, não queria ser freira de ordem nenhuma; e, por isso, fazia votos pelas victorias incessantes de Napoleão, até se extinguirem os conventos. A outra menina de olhos negros e labios nunca ridentes lia Santa Thereza de Jesus, e passava seu tempo inramilhetando os altares da capella e coroando de grinaldas as santas cabeças das imagens.

Não se davam nem se queriam as duas filhas da viuva.

Se o amor de Deus não fosse graça igual e universal de quantos o amam, dir-se-ia que se andavam desavindos aquelles dois anjos na competencia de o amarem.

O hospede de Alfredo Gassiot, uns dias por outros, visitava a solitaria viuva, levava-lhe as novidades da guerra, lia-lhe a CAZETA DE LISBOA, e contava-lhe o progresso inesperado nas melhoras do francez, contando-lhe maravilhas do juizo, urbanidade e sublime espirito do coronel. Miquelina perguntava como estaria elle triste sem o braço, tão necessario para batalhar. Roberta, a jardineira dos santos, perguntava se elle podia sem o braço ser frade. O interrogado respondia a ambas que sim, e á mãe pedia licença para lhe apresentar o seu amigo logo que elle podesse aceitar essa honra.

— Se o francez vem cá — exclamou a viuva — o gentio, que me matou o marido, é capaz de nos pôr fogo á casa!

O receio da dama era cordato. Vieram, portanto, em que as visitas do francez se fizessem a resguardo do povo, de noute e com precaução, tão necessaria á familia mal vista do vulgacho, como propriamente ao coronel.

Vencido o temor da viuva, aprazaram a noute da primeira visita.

\*

### III

#### Milagre de certo doutor

Este capitulo e o seguinte são máos de escrever, e hão de sahir como de rastos e contra-vontade.

Quem se deleita na pintura do mal? Póde ser que o talento : o pincel, que se ensopa na mescla de côres, e esponja da palheta chagas vivas esbeçadas de pus, uma coisa que vos inculcam primor d'arte, e vós m'o inculcaes a mim como tal, embora vos inoje e afflija. Taes paineis não me detenho a vêl-os nem os recommendo.

Mas a verdade usa prerogativas funestas e irrecusaveis com artistas de indole avêssa, qual a minha, ás noventa e nove faces que ella nos mostra por cada uma formosa que tem.

Que ha de fazer a gente, condemnada a este meu triste officio, quando a Verdade lhe fila do pulso, e brada : «Se escreves de mim, pinta-me qual eu sou no mal; por que, se me favoreces as feições hediondas, não te mostrarei depois as bellas.»

— Mas, augustissima soberana ! — accudo eu — Em honra vossa; em louvor de Deus, cuja filha sois; em lisonja da philosophia que vos está sempre adjectivando epithetos divinos; em gloria da humanidade que ha centenares de seculos vos anda apalpando o rasto, ora por sobre flôres, ora por sobre agulhas de rochedos... não será melhor, mais util, mais humanitario, ó luminosa columna d'este nosso deserto, que eu vos corrija e endireite os aleijões, de sorte e por maneira que toda a gente vos ache bonita ?

— Não. Como hei de eu, que sou a Verdade, receber de mãos tão indignas as confeições, arrebiques e galanices da mentira ? Mente, falsêa-me a teu talante e ao sabor dos innocentes que enganas; mas não enxovalhes o meu nome, campeando de inspirado por mim.

E, dito isto, a Verdade, figurada com uma das mais disformes caras que eu lhe conheço, travou-me do pulso e levou-me á quinta de Calvados, onde morava a viuva do magistrado e as duas filhas, Roberta, a namorada dos santos e do claustro, e Miquelina, a namorada dos rouxinoes e... do francez.

Se se uzassem meios-pontos de admiração, o remate do periodo anterior devia ser meio-ponto. Admiração inteira seria encarecimento. A san moral escripta manda que se não poupem, em certas

e determinadas passagens das novellas, os pontos admirativos, visto que ainda se não inventaram os pontos de indignação; mas a gente de bom juízo dispensa que o romancista lhe decrete o espanto, porque sabe muito bem quando ha de admirar-se. Deixo ao alvedrio de cada leitor pontuar o período á medida do seu pasmo.

Eu tambem pasmei da repentina mutação de scena que se fez no espirito de Alfredo Gassiot, desde que, n'uma noute calmosa alumiada pela lua de julho de 1811, foi conduzido á quinta de Calvados e encontrou sentadas á volta d'um tanque a viuva e as meninas.

Triste pensão do peccado! Cria Deus espectaculos sublimes, e o homem quer logo senhorear-se d'elles e constituil-os theatros de suas perversissimas figurações!

Aqui é que é o espantarmo-nos e o chorar! Estava o ceu cravejado de estrellas, a lua brilhante, á viração perfumada, os rouxinoes em primorosas competencias de seus namorados regorgeios; a bacia da fonte offerecendo á formosura do céo o seu cristalino espelho, á volta d'ella uma senhora vestida de negro, a viuva consternada a cuidar que a alma do marido a vê; e duas peregrinas formosuras silenciosas, escutando cada uma os dizeres do seu anjo confidente, que lhes fallava

na sonora queda d'agua á superficie levemente agitada do tanque.

Eis aqui o espectaculo sublime que Deus criára.

E, logo, Alfredo Gassiot, como enleiado de tanta belleza e magestade, em vez de altear-se em louvores do Creador de coisas tão surpreendentes, desceu ao mais razo das mundanidades, imaginando as delicias d'uma alma de homem que estivesse áquella hora, sendo querido de uma das duas meninas. Triste pensão do peccado! A serpente do Eden, sempre a maldita! E nos jardins principalmente; por que folga de sob-rojar-se por entre fiôres, lembrada e saudosa do primeiro theatro da sua maioral façanha.

Alfredo, acolhido com urbanas expressões da viuva e acanhadas mesuras das filhas, fallava pouquissimo como se receasse quebrar com o ruido de palavras profanas a magia d'aquelle silencio, senão antes d'aquelle longinquo sonido de musicas vindas d'além-mundo. Os ouvidos é de crêr que elle os tivesse attentos á harmonia das esferas; mas os olhos tinha-os em Miquelina.

Instado a responder ás perguntas da senhora e do amigo, o coronel, mais commovido que eloquente, contou successos das suas batalhas, permeando-os de considerações sobre a felicidade dos poucos d'este mundo que nasceram e morreram em paz com os homens e com a sua consciencia, no

berço e sepultura de seus avós, em obscuras aldeias por onde nunca passou o calcanhar sacrilego do homem de guerra abrindo praça ao carro triumphal d'algum sanguinario ambicioso.

Esta e outras reflexões na mesma toada, ditas por bocca d'um francez, impressionaram gratamente a viuva para quem *francez e impiedade* eram sons da mesma corda.

Referiu a dama pelo miudo a desastrosa morte de seu marido, em Braga, ás mãos do povo. Embargada pelos soluços, calou-se cedendo aos rogos do estrangeiro que se accusava de ser o involuntario provocador da referencia a tão deploravel successo.

Do jardim passaram á sala, onde Alfredo viu em todo brilho as primorosas graças de Miquelina.

Sendo a gentileza fêmeal, como theologos dizem e eu creio, traça e armadilha do inimigo da alma, de vêr é que tem muito de ficticia e de por arte; e tão sobre o certo é isto. que a mais consummada formosura, vista á luz do dia, tem senões que se desfazem, se a vêdes á luz artificial. Ora como não havia de ganhar em lindeza, com a mudança do pallido da lua para o brilhantismo do candelabro de dez lumes, a candidissima face de Miquelina enquadrada em caracoés do oiro de seus cabellos!

Alfredo deteve-se a contemplal-a mais que o

rasoavel. Parecia esquecido. O assombro era justo e até certo ponto justificado como enlevo de artista; mas é bom saber-se, e bom seria saber-o também elle, que ás contemplações artisticas fornecem os Canovas e os Rafaeis estatuas e retabulos, *Psyches* e *Galateas* que não córam come córou Miquelina..

É condão das boas mães folgarem de ouvir dizer virtudes de outras. Alfredo, bem disposto a fallar da sua,—por que poesia, mãe e amor tudo é um.—referiu em termos suaves e ás vezes sublimes as suas reminiscencias de menino, as primeiras lições de lingua hespanhola hauridas em beijos dos labios maternaes, as branduras e juizo de seus conselhos na juventude, o desagrado da santa quando elle se alistou nas bandeiras do primeiro cônsul, os vaticinios de grandes desgraças que lhe ella fez. . .

—Ai! —balbuciou Alfredo—O peor de todos me não fez ella! Fui; e, quando voltei condecorado e engrandecido, capitão aos vinte e um annos, radiante de gloria, a procurar a minha ovação nos braços de minha mãe, já a não encontrei... Estava morta... Ninguem orava pelos mortos em Pariz; mas eu fui ajoelhar sobre um combro de terra, onde meu pai me levou, e orei, e detive-me alli silencioso como se esperasse ouvil-a dizer-me: «Eu te abenço!»

A viuva e as filhas embebiavam nos lenços as lagrimas. O coronel arrancou-se do seu recolhimento mudo, exclamando:

— Mão hospede sou, minhas senhoras! Ou lhes desperto lembranças amargas, ou as faço sofrer das minhas!.. Ainda se não disse palavra alegre... e eu, em verdade, não sei dizel-a...

A tempo foi que o relógio de parede soou as doze horas. Levantou-se o official. Inclinou-se profundamente e sahiu.

Ao outro dia, o fidalgo de Guimarães e seu hospede receberam convite para jantar na quinta de Calvados, sob condição de que ninguem diria coisas tristes que salgassem de lagrimas o parco jantar.

Alfredo, sabedor do convite, apertou a mão do seu hospede e disse-lhe:

— Parece que estou ouvindo a voz de meus filhinhos que me chamam... Quem me dá forças e segurança para passar a França!

— Irá, quando muito a seu salvo possa ir. Restaure-se e espere a oportunidade...

— Mas... a minha pobre prima... — atalhou o francez.

— Quer? — accudiu o fidalgo — Pensemos no modo de ella vir com os filhos para Portugal.

— Generosa alma é a sua! mas... assim estou eu inválido e inutil para me deixar aqui ficar

ao amparo da sua beneficencia, meu amigo? Não pôde ser. Hei de ir procurar a minha bandeira onde ella estiver.

— É razoavel e nobre esse proceder; mas, se me permite, vou perguntar-lhe que imaginações são essas de o estarem chamando os seus filhos, no acto em que recebemos o convite das nossas vizinhas?

— Não sei que imaginações são, meu amigo; assevero-lhe, porém, que vi e ouvi meus filhos... AQUI tem! A polvora não queima os órgãos das lagrimas... nem a desgraça as esgota...

E chorava fallando assim.

O fidalgo, feita uma breve pausa, disse:

— Se o incommoda ir ao jantar, qualquer desculpa nos serve.

— Pois não vamos, e dê-se da falta o verdadeiro motivo: diga v. s.<sup>a</sup> que eu não quiz ir.

— É necessario pagar mais delicadamente a quem nos convida: será melhor simular a escusa com a sua doença.

O coronel pensou alguns segundos e volveu:

— Vamos.

E, d'ahi a pouco, ajunctou:

— Que fraqueza! que ridiculos trinta e um annos os meus!

— Então que vem isso a dizer, snr. Gassiot?!

— perguntou o fidalgo, sem necessidade de o perguntar.

E riu-se do silencio do coronel, apertando e sacudindo-lhe a mão:

— Ah! meu bravo francez! Fica-lhe um braço em Portugal! D'isso é que não ha já duvidar. Agora, cautela, que lhe não vá ficar tambem o coração! Mulheres d'aquellas tem melhor e mais matadora pontaria que dois batalhões de ordenanças! Diga-me cá: em Pariz quantas mulheres viu tão lindas como Roberta?

— Miquelina é mais linda que Roberta e que as mulheres todas do universo...—respondeu com vehemencia o francez, agitando um braço e o côto do outro:

— A mais linda do universo! — observou o vimaranense— Bem se vê que o snr. Alfredo é filho de hespanhola! Verdade é que um seu patricio viajante, Virey cuidou que era, escreveu que nos arabaldes de Guimarães vira mulheres eguaes ás mais formosas de quantas vira na Europa. Leu isto?

— Não li; vi, que é melhor.

— Mas os cabellos e olhos negros de Roberta? Sinceramente gostá mais de Miquelina?

— É a cabeça de um anjo. As loiras só a natureza as faz bellas. Uns olhos azues não sahem lindos se não das mãos de Deus. Ora o pincel de cada pintor celebrado tem uma e muitas Robertas.

Miquelina é aquella que vive e ha de morrer sem retrato.

— Que entusiasmo! E o caso é que está ganhando côres! Se eu o vejo captivo d'uma portugueza, coronel! Se eu o vejo ainda a bater-se contra a França por amor da lusitana fada que o inliçou!.. Oxalá que Junot ou Massena a tivessem visto!.. Que Circe milagrosa alli tinhamos para transformar fêras em...

O fidalgo subtrahiu a palavra *javardos* para não offender a França. Pouco lido em mythologia, o coronel não deu tento da illisão.

— Então sempre vamos?—disse o cavalheiro.

— Vamos: um francez grosseiro seria a maxima deshonra da França.

— É assim, coronel, é assim—tornou sofrindo o fidalgo—Agora muito a sério lhe digo que me congratulo de o vêr assim a viver, a renascer! Vida verdadeiramente é isso que lhe dá rebate no coração!..

— O quê?!—atalhou Alfredo com feitiço espanto.

— O amor: pois que ha de ser! A virtude de amar as coisas dignas; a fraqueza que mede a extensão das grandes almas. Sabe que eu amaria Miquelina senão...

— Se não quê?

— Se não amasse Roberta?

— Ah! ama?

— Amo; porém, desesperado! Tenho um rival!

— Um rival?

— Sim!.. e invencível rival que elle é!

— Oh! Mais rico? mais gentil? mais fidalgo?

— Mais rico do que Salomão, mais gentil do que Narcizo, mais fidalgo que os reis da Tartaria filhos do sol!

— Está brincando!..

— Isto é mais sério que um tumulto!.. O snr. Gassiot, em lhe eu dizendo quem me contesta a posse de Roberta, assombra-se da minha coragem em disputar-lh'a!

— E eu conheço?

— Deve conhecer de nome e do retrato.

— Quem é?!

— O seraphico padre S. Francisco.

— Oh! oh!—clamou o francez ás gargalhadas.

— Como lhe digo:—tornou gravemente o fidalgo—O padre S. Francisco leva-m'a ganhada para um dos seus sagrados palacios. A rapariga quer ser freira.

— E Miquelina?—accudiu o francez.

— Não se assuste! Miquelina não leu a *Religiosa* do seu Diderot; mas detesta os conventos como se lêsse e acreditasse o novellista francez. A dos olhos negros vê tudo d'este mundo pela côr dos seus olhos; a dos azues celestes vê tudo da côr

do céo e d'elles. Uma quer a escuridão abafadiça da claustra; a outra sobe aos picos d'estes montes para vêr muita luz e respirar muito ar. Parece mais franceza do que ás francezas, não é assim?.. São horas: vamos, que os jantares portuguezes, ás duas da tarde, principiam a derrancar-se... Agora reparo!—disse impetuosa e jovialmente o fidalgo— O snr. Gassiot está outro homem! que côr! que olhos! que mavorcio aprumo!.. Está curado!.. Veja o milagre do doutor!..

— Que doutor?!

— O doutor Cupido! Pois quem havia de ser?!

## IV

### Segredos

Imaginaes o que sejam dous convisinhos volcões que a subitas repuxam espadanas de lume, golphos de materias igneas, as quaes se cruzam, travam, confundem e consolidam n'um mesmo corpo de lava escandecente?

Formai assim muito em sombra uma ideia do repentino amor em que as duas almas de Miquelina e Alfredo se incenderam.

Esta mutua conflagração, annunciada na vespera, irrompeu durante o jantar. Assim foi profanada a hora mais solemne da vida!

A viuva, sem impedimento da saudade do seu defuncto, comia. Roberta, com o espirito sedento das santas aguas do claustro, comia e bebia. O fidalgo, bem que anavalhado pelo desdem da beata, comia á tripa forra como se carecesse de succar os musculos para se bater com os patriarchas de todos os conventos da christandade. Todos

comiam, exceptuados os dous Vezuvios, Miquelina e Alfredo.

Dava na vista aquella abstinencia! Ha amores que intupem. Era de vêr o esforço de ambos para deglutirem o bocado, que se lhes atravessava nos gorgomilos como phrase allemã, coisa que encerra em si todas as espinhas do reino aquatico!

O francez tinha ares de seraphim enjoado das virtualhas com que a humanidade se enxundeia. Miquelina parecia a rôla gemente obrigada a assistir a um festim de corvos n'aquella carniça de perus e leitões.

A viuva, como quêr que intumecesse bem os laboratorios digestivos, ficou mais esperta e perspicaz. Deu logo n'ella. Entendeu que sua filha aparrava em cheio no coração as setas que o francez despedia dos olhos indiscretos. Isto inquietou-a e encruou-lhe a digestão.

Depois do jantar, passaram ao jardim e do jardim ao bosque. Na revolta d'uma alea de arvores, a viuva, apertando o passo, apanhou a filha em flagrante innocencia de acceitar da mão de Alfredo um raminho de murta florida.

Fez-se a viuva escarlata e resmuneou o que quer que fosse ao ouvido de Leonor. O fidalgo, que vinha do outro lado da viuva, disse de si para consigo: « O coronel é pouco menos de doudo! »

D'ahi a pouco, a mãe de Miquelina inventou

uma enxaquêca e pediu que lhe perdoassem a necessidade de recolher-se ao seu quarto.

Os hospedes despediram-se.

A viuva chamou a filha a contas. Não lh'as glosou a menina. Confessou que amava Alfredo. Repetiu, sem discrepância d'uma, quantas finezas lhe ouvira. E, no tocante á flôr da murta, revelou que o francez, ao dar-lh'a, dissera: « Que saudade me faz esta florinha! As noivas em França coroam-se com ella. Acceite-a, que eu lh'a offereço com o amor santo dos noivos ás companheiras da sua vida. »

— E eu queria lá que esse homem fosse teu marido! — exclamou a viuva — Um francez!.. um herege!..

— Isso é que elle não é — atalhou a menina.

— Não?! quem t'o disse?

— Foi a mãe.

— Eu?!

— Pois não disse ainda hoje de manhã que elle não era herege porque fallava no santo nome de Deus?

— Diria; mas fallar em Deus, isso ha muito quem se finja lá para os seus fins... Deixemo-nos de razões, Miquelina!.. Ora esta! se eu via uma filha de meu marido casada com um estrangeiro! com um manêta! E a graça que tu achaste ao homem! De que te servia aquelle aleijado? Sabes lá se elle é filho d'algum alfaiate lá da França?..

Douda assim! Olha o juizo de tua irmã! Vê se ella fez caso do homem ou de nenhum! Anda ahi o morgado de Figueirôa a beber os ventos, e ella sempre na mesma, com um tino que faz mesmo a vaidade de uma mãe!..

Miquelina escutava com abafada indignação os argumentos nem eloquentes nem persuasivos da mãe.

Ao mesmo tempo, Alfredo Gassiot referia ao morgado de Figueirôa lealmente as phrases que dissera e as poucas que ouvira de Miquelina.

O fidalgo sisudamente lhe observou que não adiantasse relações de todo o ponto inconvenientes, sendo certo que já não podia nobremente desligar-se da mãe de seus filhos.

O francez, pungido até ao imo do coração, não pôde redarguir. Quedou-se pensativo e disse:

— Tem razão. Não voltaremos á quinta, se nos convidarem.

— Convidarem! parece-me que nunca mais. A mãe de Miquelina começou hoje a padecer de enxaquêca, e não mais se restabelece, em quanto o coronel estiver aqui.

— Pois bem!—accudiu Alfredo— Amanhã se restabelecerá. V. s.<sup>a</sup> vai dar-me de esmola uma roupa velha com que eu possa chegar desfarçado ás fronteiras de França. Já me sobra vigor para

a jornada. D'alguma coisa serviu a milagrosa cura do doutor Cupido.

— Pois não vai, em quanto a Península estiver agitada—contraveio o morgado—Olhe que o matam.

— Eu fallo hespanhol—atalhou o coronel.

— Um hespanhol afrancezado que é lá verdadeiro passaporte para o outro mundo. Não vai; mais facilmente virá para aqui a sua familia.

— Não, senhor. Eu careço da sua generosidade; minha prima e os filhos estão a coberto de privações. Lá está meu pai, que tira da sua officina de lapidario o bastante para amparo d'elles. N'uma entre-aberta de paz, posso mais facilmente passar sósinho do que acompanhado a França. Entretanto, como desejo mostrar-lhe que não receio cahir de minha dignidade pór me ter affeioado a Miquelina, ficarei; muito quizera, porém eu, que ella não padecesse máos tractos por minha causa. Faça v. s.<sup>a</sup> saber á mãe que o coronel do grande exercito é um cavalheiro.

— Basta que eu o saiba. A viuva que pense o que quizer.

— Não é assim. A suspeita de que eu não sou póde molestar a pobre menina por felicidade de quem o menor e maior penhor que eu posso dar é a minha vida.

O morgado foi á quinta e ouviu as queixas da

viuva. Quiz desfazer as suspeitas, argumentando com a probidade do seu hospede. Não fez nada. A dama desmentiu-o com as proprias revelações da filha; por onde o fidalgo entendeu que Miquelina era párvoa.

Cortadas as relações, a paixão afogueou-se de um lado e d'outro. O coronel, quando contrafazia coragem e desprendimento, dava a prova suprema da fraqueza: adoeceu. Miquelina, colligada com a ama que a criára, sabia tudo da despenseira do morgado, mulher azevieira, que andava ás escutas para ter que contar e com que ir entretendo a temporada da aldeia. E assim correram dez mezes tranquillos na apparencia.

O fidalgo tinha ido ao Porto, quando a despenseira contou ao francez as inquietações da menina em informar-se de sua saude. De confidencia em confidencia, a officiosa amiga da ama de Miquelina offereceu-se para passar uma carta. O coronel escreveu, e a resposta veio sem detença. Este dialogo epistolar proseguiu tão amiudado e salutifero que, na volta do fidalgo, já Gassiot passava na quinta; e, conforme as denuncias dos creados, sahia fóra dos muros por noute alta.

Estomagou-se o fidalgo e destemperou em censuras acres á imprudencia do hospede. Defendeu-se froixamente o francez. Faltava-lhe o arnez da innocencia.

As denuncias chegaram tambem á viuva. Passou-se o inferno para Calvados. Miquelina foi fechada no seu quarto; mas, como a janella era baixa, fugiu e foi esconder-se a chorar n'uma gruta do bosque. Acharam-na as creadas, trouxeram-na desmaiada em braços, e romperam todas a praguejar contra o francez, tirante a ama da menina. Os creados encorporaram-se e perguntaram á fidalga se queria que matassem o herege.

— Isso veremos ainda . . . — disse a senhora.

E, convocando seus irmãos e os de seu marido, contou-lhes o successo.

Miquelina, rodeada de homens de cabellos brancos, e interrogada por todos a um tempo e virulentamente, disse que o coronel Alfredo Gassiot queria casar com ella, e ella não casaria com outro.

Que celeuma! que murros nas taboas das mesas! que saltos a dous pés!

Os mais cordatos sahiram fóra e disseram entre si: « mate-se o homem. »

— Mas avise-se primeiro o morgadò que ainda é do nosso sangue— emendou o mais civil.

Vieram n'isto.

O fidalgo foi avisado e não se irritou grandemente com a conjuração.

— Ponha v. s.<sup>a</sup> o caso em si! — diziam-lhe os mensageiros.

E elle, pondo o caso em si, condemnou o pro-

cedimento do hospede, sem, como devia, se condemnar tambem por ter galhofado de principio com taes amoríos já encaminhados a funesta sahida.

Passou o aviso a Alfredo Gassiot.

O coronel, mais véxado que medrôso, disse:

—Será inútil pedir a mão da Miquelina?

—Inutilissimo. Não lh'a dá a mãe, nem os tios consentiriam.

—Pois então que me matem!—disse serenamente o coronel.

—E os seus filhos? e sua prima?—objectou o morgado.

Alfredo immudeceu. A consciencia estrangulava-o.

Apertaram os avisos e ameaças d'um assalto á quinta.

O fidalgo disse peremptoriamente ao hospede:

—E' necessario sahir, que eu temo a ira da canalha. Vem aqui matal-o. Eu e meus creados temos de defender a dignidade d'esta casa: morreremos todos!

—Não!—atalhou Alfredo.

O francez quiz escrever a Miquelina; mas a despenseira já tinha sido expulsa, como suspeita medianeira da correspondencia.

Pensou em suicidar-se, atirar-se inermes ás balas dos assassinos e morrer á vista de Miquelina; mas o Senhor mandou que dous anjos lhe avoegassem

deante dos olhos mergulhados na voragem dos criminosos a quem não resta sequer a virtude da expiação. Eram os filhinhos d'elle. A imagem da mãe não vinha. Essa não a mandára Deus, porque também era peccadora.

Calada a noute, Alfredo Gassiot abraçou os joelhos do seu bemfeitor e sahiu com um guia. De madrugada estavam em Barcellos, desviando-se de estradas e pontos do Minho mais cortados de guerrilhas. O coronel trajava de almocreve castelhano. O córte cerce das barbas desfigurava-o, e a linguagem não desdizia do trajo. Ao meio dia, descansaram em Ponte do Lima. Aqui deu o creado do fidalgo um embrulho de ouro ao francez. O coronel, contado o dinheiro, escreveu um recibo em fórma de titulo de divida que entregou ao creado. Deixou a cavalgadura, e foi pernoutar ao Tizou dourado.

Que vá com Deus.

Os arcabuzeiros de Calvados recolheram os espias. Ora, os parentes mais briosos, ao saberem que o francez passára a Hespanha, arrellavam as honradas cans, envergonhados de o deixarem ir.

—Matal-o era de mais!—contradizia o chantre do cabido bracharense — Não vêem que se o matassem diffamavam nossa sobrinha, e maliciavam uma inclinação amorosa que não passou de cartas?

— Mas venham as cartas para se verem! — exclamava um capitão-mór — As cartas é que hão-de dizer...

— Não nas ha! Miquelina queimou-as.

A tempestade acabou n'isto. Recolheram aos seus solares, conventos e cabidos os parentes.

A viuva serenou. Roberta, escandalizada das scenas tumultuosas que lhe quebravam a sua usual oração *em estado de embriaguez e dormitação das potencias*, como diz Santa Thereza de Jesus, pediu a clamores que a deixassem ir recobrar-se e socegar no convento das Ursulinas de Braga. Era justo o requerimento. Foi, socegou e fez vida de céo.

Ficou Miquelina com sua mãe.

Vivia no seu quarto. Ouvia missa na capella da casa, e ficava horas esquecidas a orar, devoção que não usava d'antes. Deus teve pena da sua formosa creatura. Mandou-lhe a fé pela mão da desgraça. Raras vezes deixam de andar unidas.

Correram alguns mezes. A reclusa pediu um confessor dos franciscanos de Guimarães, ancião que gosava de conceito de illustrado e santo.

Foi confissão larga e de muito soluçar.

Volvidos dias, o frade fechou-se com a viuva. Miquelina soube da sua ama que a mãe dava grandes gritos e o frade exclamava: « Perdão, caridade e misericordia! »

Ao outro dia, a viuva sahiu de Calvados, e

foi juntar-se á filha, que principiára noviciado nas Ursulinas.

Os creados foram despedidos pelo frade. Na quinta ficaram a filha e sua ama.

Mais tarde, correu o boato de que Miquelina se recolhêra ao mosteiro de Lorvão, onde tinha parentas.

Facilmente o creieris. Nem uma janella aberta das espaçosas casas! Nem viva alma nos arredores da quinta, senão o frade de Guimarães e um leigo, os quaes entravam em dias sanctificados. O povo conjecturou que o frade ia alli dizer missa por alma do magistrado, sendo-lhe obrigatorio suffragar no altar da casa.

O que aqui vai de segredos para quem ignora as declarações que Miquelina fez ao seu confessor!

## V

### Flavia

Às onze horas da noite dez de setembro de 1812, dous vultos, vindos da banda de Calvados, entraram em Guimarães e pararam pouco distantes de uma casa alpendrada na rua chamada Sapateira, attentando o ouvido e certificando-se de que não eram seguidos nem espiados.

O vulto mais corpulento era de homem, e de frade leigo dos capuchinhos de Santo Antonio, qualidade que ninguem lhe assignaria no escuro da noite, por ter elle arregassados e apertados na cintura os habitos. De feito, era elle o companheiro e fidelissimo confidente das virtudes do confessor e pai espiritual de Miquelma.

Era de mulher o outro vulto encapotado n'um jozozinho de mangas, como então se dizia d'uns capotes que tiveram em Portugal reinado longo.

Pois como assim? Às onze da noite, n'aquelle deserto de Guimarães, um leigo capucho a sós

com uma creatura femeal de jozezinho?! É então certo que se tinha corrompido a religião seraphica no mal lavado berço do primeiro rei?

Não, zelosos peitos, não! Aquella mulher, maior de cincoenta annos, era a ama de D. Miquelina; e o leigo que lhe está ciciando não sei que segredos é a pureza em pessoa, a virtude tão no requinte da simplicidade que chega a dar pela barba do idiotismo: tanta é a semelhança dos louquinhos mansos d'este mundo com as altas intelligencias engolfadas no seu Creator! Senão, ouçam o que fôr audível do dialogo:

— E então, irmã, que fazeis agora?

— Agora, snr. fr. Joaquim, vou puchar á campainha e deixo a creança na roda.

E, dizendo, buscava a ama enxergar as feições da menina, ao mesmo tempo que lhe achegava dos beiços uma chuchadeira de marmelada.

— Como é lindo o anginho do céo—murmurava a ama—Quer vêr, snr. fr. Joaquim?..

— Valha-me Deus!—dizia o frade descurioso da lindeza do anjo—Não estamos aqui bem, snr.<sup>a</sup> Custodia! Olhe se se avia quanto antes... Póde vir gente e os tempos vão máos para se andar a tacs deshoras na rua... Ande depressinha pelas almas... Leve lá a creança que eu espero aqui.

— E para que ha-de v. mercê esperar? O me-

lhor é ir-se com Deus—disse a snr.<sup>a</sup> Custodia ao leigo que tremia de susto e frio nervoso.

—Então eu ao que vim?—tornou elle—O reverendo snr. fr. Lazaro recommendou-me que assistisse á postura da menina no hospicio dos engeitadinhos.

—Pois eu vou já, que alli abaixo n'aquelle alpendre está a roda; mas se v. mercê lá chegar á beira e alguém o vir e conhecer que dirá?..

—Isso assim é! Diz vossê muito bem, snr.<sup>a</sup> Custodia! Se me vissem, eram capazes de... Credo! nem quero que me lembre!..

—Pois ahí está!—volveu a ama de Miquelina—V. mercê, snr. fr. Joaquim, arrede-se para mais longe, que eu vou levar a menina á roda, e de lá vou descançar até á madrugada a casa d'uma irmã que tenho na rua da Infesta.

—Então vossê não volta já para Calvados?!

—Não, senhor, que tenho os pés a escorrer sangue. V. mercê vai?

—Pois valha-me Deus, que remedio tenho se não ir? As portas do convento não m'as abrem agora; e o snr. fr. Lazaro ordenou-me que voltasse com a snr.<sup>a</sup> Custodia.

—Eu cá de mim não vou. O que posso fazer é pedir a minha irmã que mande um filho acompanhar o snr. fr. Joaquim se tem medo.

—Ágora tenho eu medo! A estrada está lim-

pa d'aqui até á quinta ; mas eu sempre quero vêr se lá fica na roda a creança : é a ordem que me deu fr. Lazaro.

Custodia cogitava inventos com que affastar o leigo, quando o acaso lhe accudiu com prompto remedio. Abriu-se o portal de uma das muitas casas nobres da rua Sapateira, e por elle sahiu um magote de damas e homens que vinham de passar um delicioso sarau no jogo do «Anel» e do «snr. abbade.»

O leigo, quando viu dez creados com vinte lampiões de quatro lumes cada lampião, e uma chusma de boas quarenta pessoas em grilharia de risos e adeuses, despediu a fugir para o escuro d'uma viella, resmungando :

— Valha-me Deus ! valham-me as Tres Pessoas ! . .

A snr.<sup>a</sup> Custodia, em vez de seguil-o tomada de susto escapuliu-se pela travessa do Anjo, desceu por atalhos á rua do Bimbal, e d'aqui á da Calçada por onde entrou na estrada de Braga.

Que affoitesa de velha por aquella escura noite e pedregosos caminhos com uma creancinha aconchegada do bafejo de sua bocca !

Alvejava a manhã, quando Custodia chegou a um logar chamado as Gaias, na freguezia de S. Martinho de Sande. Bateu á porta d'uma casa bai-

xa e chamou por Luiza do Canto, que lhe abriu prestes e mandou entrar.

— É rapaz ou cachopa?—perguntou a mulher das Gaias, tomando a creança dos braços de Custodia.

— É uma menina. Já traz agua benta, por que a pequenita vem tão-infezadinha que parece ir-se d'este para o céo.

— Já tem nome?

— Flavia.

— Flavia! isso não é nome christão! Flavia!.. que berzabum de nome! Quem lh'o pôz?

— Foi lá quem quiz, não sei. . .

— Foi a mãe?

— Seria. . .

— E então vmc.<sup>e</sup> — disse Luiza, aleitando a creança faminta — não me ha de dizer quem é a mãe d'esta menina?

— Já lhe disse que nem á custa da salvação o diria; e vmc.<sup>e</sup> não m'o torne a perguntar que perde o tempo; e mais lhe digo que, se eu souber que alguem anda a botar inculcas, tiro-lhe a creança; e, se lh'a tirar, é uma moeda de ouro que perde cada mez.

— Moeda de ouro! — exclamou como assombrada Luiza—Então eu ganho uma moeda de ouro?!

— É como lhe digo.

— Então a menina é filha de fidalgo ou fidalga!..

— E ella a dar-lhe!.. Que lhe importa?! Ora tome tento no que vou dizer-lhe: vmc.<sup>o</sup> ha de fazer constar que foi buscar esta menina á roda do Porto, ouviu?

— Ouvi: isso lá não me custa.

— Se lhe perguntarem quem vem aqui vê-la ou quem lhe traz fatinhos, vmc.<sup>o</sup> diz que é de muito longe que lhe mandam os vestidos; e ainda que acerte de me vêr alguém n'esta casa, nunca diga que eu venho aqui á conta da menina.

— Esteja descansada.

— Agora aqui tem dous mezes da criação, e até breve que eu cá virei trazer-lhe maior enxoval. Este que lhe deixo é para remediar.

Custodia ajoelhou-se a beijar a face da creancinha e sáhiu apressadamente por caminho opposto ao que levára, afim de desviar qualquer suspeita de Luiza.

A mulher sahio á porta e disse:

— Ouviu?

— Que é?

— Vmc.<sup>o</sup> como se chama? Nem me diz o seu nome!..

— Sou Gertrudes.

— Então adeusinho, tia Gertrudes... Vmc.<sup>o</sup> por onde vai por esse lado?

— Vou para Santo Antonio das Taipas. Fique com Deus.

Luiza scismou alguns minutos e disse consigo:

— A mulher é de Braga... Que me cortem as orelhas, se esta menina não é filha de algum senhor conego da Sé!.. Uma moeda de ouro por mez! Se isto assim fôr, ainda arranjo dote... Foi Deus que me fez topar esta creatura na feira de Guimarães!

Volidas duas horas e meia, Custodia entrava na quinta de Calvados.

Foi á camara de Miquelina. Estava junto do leito d'ella uma velha de Guimarães, confessada de fr. Lazaro. Era uma mulher esgrouviada, formidavel e apontada ao céo como flecha granitica de cathedral. Com os braços cruzados sobre o arco-boço do peito e os olhos mortiços nas suas cavernas escarnadas parecia o frade vestido de mulher. Todavia, como toda ella simulava uma silente e feia morte, para congruencia do todo, segredo que lhe dissessem cahia n'uma sepultura. Esta mulher, medianeira em obras grandemente caritativas de fr. Lazaro, sabia do proximo umas misérias de tal tamanho que, por não poder referil-as, eram como cancrios que lá dentro lhe roiam as carnes e os ossos até ás medulas.

Miquelina fitou os olhos nos de Custodia e

abriu um sorriso de alegria em resposta ao da sua ama.

A confessada de fr. Lazaro sahio fóra da alcova, acenou a Custodia e disse-lhe :

— Foi tudo bem com Deus ?

— E com a sua mãe santissima—respondeu a ama—Puchei pela corda, como vnc.<sup>o</sup> me ensinou, puz a menina na roda e dei-lhe a volta. D'ahi a nada ouvi lá dentro reboliço e dei tino de tirarem a menina da roda... Que pena me deixou no coração vê-la ir, snr.<sup>a</sup> Maria Euzebia!..

— Pois sim, sim, filha; mas...—disse a medianeira de fr. Lazaro afastando-se para mais longe da alcova.

— Uma menina tão fidalga, de tão bom sangue...—proseguiu Custodia.

— Credo!.. não diga isso—atalhou a beata—Lá por parte da mãe o sangue bom é e christão do melhor; mas do pai não fallemos; que sangue de herege que o leve a breca; e de francez então, arreda da minha porta para as profundas do inferno, Deus me perdôe, e minha bocca não peques!

E, dizendo, tapava com a palma da mão direita a bocca, penitenciando-se com uma sonora palmada.

— Pois sim...—replicava Custodia;—mas a

creancinha que culpa tem?! E' tão filha de Deus como vmc.º e eu e todos.

— Appello eu, snr.ª Custodia! Vmc.º não sei; mas eu cá de mim não tenho sangue de herege no meu corpo. A minha geração é bem conhecida; pobre sim; mas de limpeza de sangue, sou como as mais limpas, não no digo por gabação. A creança deixe-a crescer, e verá quem viver como ha de atirar á inclinação do sangue que a gerou. Sabe vmc.º? Muito grande favor lhe fazia Deus se a levasse já para o céu.

— Descance, snr.ª Maria Euzebia, que o mais certo é isso, — atalhou Custodia — lá na roda de cem escapam dez engeitadinhos; e então aquella, que era mesmo umas lérquinhas, está alli está ida...

— Pois Deus a tome de sua mão...

— Uma filha da snr.ª D. Miquelina! — proseguiu a ama, com as mãos postas a tregeitar por maneira de muito lastimada — uma neta do snr. corregedor, que Deus tem!...

— Isso agora... — interrompeu Maria Euzebia.

— Isso agora o quê?

— Que Deus tem... resta saber... Vmc.º bem sabe que elle não morreu por bom, se é verdade o que dizem. Por ahi rosna-se que elle era jacobino; e, se era, morreu pelos seus justos cabaes

Que eu não sei se era nem se não... Cala-te, minha bocca.

E esbofeteou os amarellidos beiços com severa caridade.

Depois, continuou :

— *Peccatus meus contra mé és sempre*, como diz fr. Lazaro. Veja vmc.<sup>e</sup> o castigo! Elle pagou-o; e o sangue d'elle cá o está pagando. A filha está alli sem mãe nem parentes, desamparadinha, a penar os seus peccados. A neta lá está na roda para... Deus sabe o quê. Em fim, o castigo é claro como a luz ao pino do meio-dia! Não posso, não posso levar á paciencia que esta fidalga perdesse os seus credits com um sevandija immundo lá da França!.. Que isto ninguem o sabe se não nós... Quem no diz bem é o leigo fr. Joaquim que é um santo. Diz elle que o herege devia ser queimado para applacar a vingança de Deus. Deixaram-no fugir! Que cabeças estas de senhores parentes d'esta casa!.. Se déssem cabo d'elle, talvez que Deus perdoasse á peccadora e voltasse para outra parte o raio da sua justiça... Em fim, rezemos muito para que a fidalga se esqueça d'elle, e confundido seja o demonio nas profundas do inferno. *Padre nosso que estais no céo, sanctificado seja o vosso nome...*

Custodia correu ao quarto de Miquelina, ouvindo-a gemer.

Maria Euzebia foi depoz a ama, resmuneando a sua oração.

A enferma, como visse assomar á porta o coração repulsivo da beata, fez um tregeito de enfado e disse:

— Está tu ao pé de mim, Custodia. Vmc.<sup>o</sup>, snr.<sup>a</sup> Maria, se tem de ir á sua vida, vá que eu estou bem com a minha ama.

— Estou ás ordens do snr. fr. Lazaro—disse Maria Euzebia impertérrita.

— Mas o snr. fr. Lazaro que ordens lhe deu?

— Que estivesse aqui á beira da senhora e lhe chegasse os caldinhos.

— Pois cá tenho a minha ama...—accudiu Miquelina agitando-se colerica—Deixe-me!.. Deixe-me morrer em paz!

Maria Euzebia, com as mãos cruzadas sobre o seião, hirta e dura como o batente da porta a que se encostára, continuou o *Padre nosso* interrompido, dando de olho a Custodia como se dissesse: « Está impecadada! é o demonio que a está atormentando! »

E, sahindo fóra, tirou d'uma caldeirinha de estanho um ramo de alecrim ensopado em agua benta, e entrou a aspergir as paredes da ante-camara e a padieira da porta da alcova, murmurando:

— Vai-te, cão tinhoso, para a tua furna; vai-te onde não faças mal, dragão, pêrro!

E amezendrou-se á porta da alcova.

A um aceno de Miquelina, inclinou-se-lhé Custodia com o ouvido aos labios.

— Ficou em Sande?—segredou a menina.

Custodia fez um gesto affirmativo.

N'isto, ambas deram conta de entrar rente com a couçoeira da porta uma coisa que parecia mover-se aerea e lentamente dous palmos acima do soalho: era a cabeça de Maria Euzebia.

Miquelina, incēndida em raiva, sentou-se no leito e exclamou:

— Saiha d'ahi! Que fantasma do inferno!

— É fantasma do inferno, é...—disse Maria Euzebia sacudindo outra vez o ramalhudo hyssôpe e esconjurando o demonio com apostrophes energicas e seu tanto ou quanto pavorosas.

## VI

### Coração de mãe

Maria Euzebia valia tanto no animo de fr. Lazaro que vingou convencel-o da efficacia dos exorcismos na zanga indiabrada que Miquelina lhe tinha a ella. O capuchinho, porém, provocando o supposto satanaz com as palavras que o fazem espintotar dentro dos energumenos, e vendo que Miquelina as esçutava impassivelmente, desistiu das operações demonifugas, e entendeu que a austera virtude da velha fazia repugnancia com o espirito juvenil e peccador da dama. Pelo quê, ordenou á sua confessada que sahisse de Calvados e fosse entender n'uns actos de virtude e prestimo analogos aos que acabava de exercitar.

Aqui é tempo e lugar de dizer aos curiosos investigadores da arte obstetrica em Portugal, e nomeadamente em Guimarães, que Maria Euzebia, quando a sciencia de partejar começava a dilucidar-se das trevas do empyrismo, já ella se gosava

do renome de primeira obstetrix do Minho, e tambem de confidente de culpas, as quaes, denunciadas, cobririam de crepes enlameados os mais arrogantes brazões de algumas familias sobremodo prolificas, contra o licito e decoroso.

Desafogou-se, pois, D. Miquelina de fr. Lazaro, do leigo fr. Joaquim e da beata Maria Euzebia. Já podia em todo desassombro conversar com a ama, chorar com ella, desabafar saudades da filha, e até lastimar-se mais desopprimida ao Senhor, pedindo-lhe perdão de seus delictos, ou invocando-o no remedio de sua honestidade e creditos perdidos.

Foi de pouca duração o socego e liberdade que lhe deixaram.

Os tios congos e capitães-móres, sob capa de administrarem os bens da viuva reclusa nas Ursulinas, introduziram em Calvados um capellão tambem encarregado de feitorisar as quintas e dispôr de tudo, sem dependencia de Miquelina. Com o padre entraram creadas e creados de sua confiança, bem adestrados em espiarem os actos da senhora. A parentella temia-se de alguma invasão pessoal do francez á quinta, desde que o morgado de Figueirôa, divulgando que Alfredo Gassiot lhe enviára de Madrid um creado com o dinheiro que recebera de emprestimo, propalava o cavalheirismo do coronel, e asseverava que elle viria a Por-

tugal reparar os créditos desdourados de D. Miquelina.

Isto justamente é o que não queriam a viuva, os prebendados e os capitães-móres. A honra d'elles transigia com o desdouro da parenta, fazendo de conta que a infamada era ella tão sómente; ao passo que o casarem-se os culpados redundava em affronta que ia pelos seculos volvidos a encarvoejar a candida memória de avós, e entrava aos seculos porvindouros, representada nos descendentes do francez e de Miquelina.

De sorte que, á roda da oppressa senhora, formou-se uma jolda de espias que a traziam de olho e a não deixavam sem testemunhas fallar com pessoa de fóra.

Desagradou ao padre feitor a muita intimidade de Miquelina com sua ama. Propôz aos parentes o affastamento da creada suspeita. Os parentes consultaram a viuva. A viuva condescendeu na despedida da velha ama, que tinha vinte e tres annos de casa.

Custodia recebeu o aviso de se apromptar para receber suas soldadas e sahir. Miquelina ouviu os gritos de sua ama. Soube a causa. Nem leve queixume soltou. Recolheu-se á sua camara e sahiu logo vestida para sahir.

Accudiu o capellão, fiado na sua authoridade até então tratada com indifferença, senão menosca-

bo. Fallou com altaneria e provocou a ira, a soberba e destemido arrebatamento da fidalga.

— Hei de sahir com esta mulher!—exclamou ella de fito a fito com o pallido clerigo—Hei de sahir com esta mulher que me creou ao seu peito. Não tenho outra familia. Não tenho outra mãe. Minha mãe é esta. Se me impedirem a sahida, podem arrancar-me a vida a pedaços, que eu hei de romper ainda que se levantem contra mim os creados d'esta casa!

O capellão esmoreceu. Póde ser que o não infreassem tanto as razões como a esplendida belleza de Miquelina colerica. Nem os capellães, digamos isto sem deslouvor d'elles, são insensiveis aos nervos de uma formosa mulher a faiscarem áscuas electricas por labios e olhos!

Chamou o clerigo a lagrimosa Custodia e disse-lhe que ficasse até nova ordem. Contou o caso aos conegos; os conegos ouviram a viuva; e a viuva, sisudamente aconselhada, ordenou que se não despedisse a ama, a fim de evitar que Miquelina, levada da sua desesperação, sahisse á luz do mundo com algum maior escandalo. O chantrê conselheiro de bom aviso quebrou o genio furioso da velha, dizendo-lhe que os crimes de Miquelina seriam notorios, se ella, abandonada dos seus, sentisse o impudente prazer de os assoalhar.

Acalmada esta borrasca, os dias de Miqueli-

na correram intercalados de lagrimas e esperanças. O chorar era-lhe tão natural que nem ella poderia viver sem isso; mas o esperar, n'aquelle ser de vida tão sem luz de perto ou longe, não sei eu que esperava ella!

Tirante Custodia, ninguem lhe dizia palavra de Alfredo Gassiot. As coisas, que a ama lhe dizia, nada tinham com o futuro. O fidalgo, que tão amigo fôra d'elle, nunca mais Miquelina o viu; e Custodia, espreitada tanto como a sua senhora, não ousava tentar vê-lo.

Então que esperava Miquelina? Tudo que póde caber de esperanças doces e regosijos realisaveis em coração de mãe.

Esperava sua filha. Que infinitos horisontes para os anhelos d'uma alma sosinha e sequestrada d'outras consolações! Esperar uma filha! Que enchentes de jubilosos ancêos! Que exultações concede a benigna misericordia ás condemnadas pela nossa jurisprudencia! O mundo, uma coisa que se chama enfaticamente « o mundo », apedreja a pobre, que se imparéda para não ser afogada em lama; mas se a precíta põe mão no seio esquerdo, e diz « eu queria ter aqui meu filho, Senhor! Eu sou criminosa; mas sou mãe! » se ella assim dá suas lagrimas a traduzir aos anjos, o Senhor responde: « Espera tua filha! »

E estas palavras são diviñas e soam como as

outras de Jesus: « Deixai vir para junto de mim as creancinhas. » Que santo e meritorio pois, não será na mente de Deus o pedirem-lhe as mães seus filhos para as doçuras do seio palpitante d'ellas! Que faz Deus então ás que lhe pedem?

Envia-lhes a esperança.

Aqui está o que eram as intercadencias de socego na vida de Miquelina. Esperar, mas sómente esperar sua filha.

De dous em dous mezes, Custodia, com astuciosa submissão, pedia licença ao clérigo para ir passar dous dias a Guimarães com a sua irmã da rua de Infesta.

Sahia, forrada á minima suspeita, e, por caminhos trocados, ia a S. Martinho de Sande, e passava algumas horas em casa de Luiza do Canto.

A creança, abrindo cada dia uma pétala formosissima da flôr que havia de ser, tivera a dita de ser confiada a uma boa ama. Custodia, do pouco que D. Miquelina podia dar-lhe e das suas soldadas, pagava generosamente os disvelos de Luiza, com promessas de grandes beneficios ao futuro. Algumas vezes, lhe tisoirava uma loira mecha de cabellinhos e os levava á mãe. Miquelina escutava anciada a descripção por miudo das feições de Flavia, com os cabellos d'ella, humidos de lágrimas, colados aos labios. Dizia que as feições da filha as via no espelho da sua alma, e que

entre mil creanças saberia estremar a sua. Porém, como este vêr imaginativo não bastava ao seu amor, a pobre senhora chorava muito e fantasiava desatinos que se desfaziam na validissima palavra de Deus: «Espera».

Dos desvarios que a esperança sopeava não era o menor querer ella fugir, senhorear-se de Flavia e ir n'uma cidade longe servir uns annos que a deixassem nas horas desobrigadas estar com sua filha. Que maviosidade tem isto de serem os instinctos fidalgos supplantados pelo amor de mãe!

Custodia sem o querer, auxiliava o intento, dizendo-lhe que ella trabalharia para sustentar mãe e filha; mas contra estes incentivos do louco fantasiar sobrevinham outras esperanças mais brilhantes e accommodadas a um espirito formado na casa solarenga de Calvados. De si consigo dizia Miquelina: «Minha mãe está velha, e minha irmã professou. A herdeira d'esta casa hei de ser eu necessariamente. Assim que minha mãe fallecer, estou rica e livre. Minha filha virá então para mim e será recebida no seio da abundancia e do contentamento. Estas dôres de hoje são fortes, mas não me hão de matar; as alegrias do futuro serão tamanhas que eu hei de tornar á mocidade para poder folgar e brincar com a minha filha...»

N'estas alternativas decorreram dous annos.

A viuva continuava a viver.

Mas o peor não era viver. Figurou-se-lhe que a madre santa Thereza de Jesus ou os patriarchas S. Bento e S. Bernardo deviam de agradecer-lhe muito o reduzir ella Miquelina ás celestiaes delicias d'um convento de franciscanas, de bentas ou bernardas. Quem lhe suggeriu esta devota ideia foi seu cunhado capitão-mór no intuito de puchar a casa do corregedor, seu irmão, a um filho d'elle, dado o caso de professarem ambas as sobrinhas.

Chegou a proposta a D. Miquelina, mediante o capellão. A senhora respondeu prompta e redondamente que não tinha tendencias para freira, nem chegaria com vida ao convento onde a quizessem matar aos poucos. Sabedora da resposta a viuva, exasperou-se, mas cedeu ante a inutilidade da violencia. Occorria-lhe sempre a idéia temerosa d'algum enorme escandalo. O facto entre a sua ira e a inobediencia da filha quem o fazia era o segredo de ella ser avó.

O capitão-mór, baldada a sua velhacaria, entrou a scismar, como homem de pundonor que era, no theor mais honesto de ajuntar á sua a casa do irmão. De conselho em conselho, parou no mais racional: casar um filho segundo, idiota e aleijado, com Miquelina. A propria viuva se espantou da proposta; mas, em abono do capitão-mór, assevero que o homem não sabia de sua sobrinha se

não que entre ella e um francez se trocaram cartas.

A cunhada, ouvida a proposta, passou do espanto ao riso;—ella que nunca mais se rira depois que lhe mataram o marido! Obrigada a explicar o riso, disse a viuva que Miquelina de certo não acceitava um marido que passava o seu tempo a fazer caretas a um espelho e a imaginar que um Joelho monstruoso que tinha de nascença era a cabeça de um apostolo de pau.

O irmão do corregedor não achou graça a isto, nem eu.

Que tinha que o moço carateasse e imaginasse n'um ou nos dous Joelhos cabeças de apostolos?! Podia ser com tudo isso um optimo marido.

D'ahi a dias, voltou o capitão-mór e offereceu á viuva o primogenito, rapaz bem posto, valentão, que se jactava de ter matado cinco francezes em Pombeiro; não fallando em sete feridos que elle fizera queimar vivos no carro que os transportava: feito horrendissimo que tornára o patriota o mais repulsivo dos homens aos olhos de Miquelina.

Como quer que fosse, a viuva disse que não propunha casamentos a sua filha, escusando-se de declarar os honrados escrupulos que a impediam.—No entanto, ajuntou ella, não promovo nem embaraço tal casamento.

O capitão-mór determinou entender-se com a sobrinha, por intermedio do padre feitor.

Alegrou-se notavelmente o clérigo com tal mensagem, e deu, sem mais nem menos, como concluido o ditoso enlace. Foi muito jovial á presença da senhora, prefaciou a proposta com desusadas galanterias e graçolas, teve-a suspensa sobre adivinhar a festiva novidade que lhe levava, e finalmente espezitorou a proposta.

D. Miquelina quedou-se um instante meditativa. O meditar não era reflectir. Era dominar o impeto de raiva que lhe aqueceu as faces contra o incendiario dos francezes feridos. Apagado o relampago da colera, disse:

— Não caso !

O clérigo atordoado não atinava com palavras; que ideias boas seria milagre que as elle tivesse então pela primeira vez. Tartamudeou. Mas ella, erguendo-se de salto, repetiu :

— Não caso, já disse !

E' sahiu.

Foi o capellão emborcar este pedaço de fel nos gorgomilos do capitão-mór, o qual n'este acto, para se vingar dignamente do desaire, deu a entender, em phrases nada equivocadas nem honestas, que sua sobrinha não gosava bons creditos em sentido nenhum.

Vingança briosa!.. O padre propriamente,

com ser um villão maior da marca, notou que o fidalgo, antes da negativa da sobrinha, já devia de saber que ella não gosava bons creditos em sentido nenhum.

E foi tão longe a sanha da beliscada honra do capitão-mór que por bocca d'elle, a vomitos de calunnia, regorgitou a noticia de que Miquelina tinha sido apanhada em arranjos de fuga para França em cata d'um atheu que os soezes frades de Pombeiro não tinham deixado matar.

Era pessimo o inimigo!

Antes, mil vezes antes, casada com o idiota que tinha no Joelho uma cabeça de apostolo!

## VII

### Um sorriso da traiçoeira desgraça

Afez-se Miquelina a vencer. Tinha levado a melhor na lucta com os parentes que lhe queriam tirar a confidente; voltára impunemente as costas ao convento proposto pela mãe; repellira com denodo o primo, filho do capitão-mór. Habitára-se á victoria na resistencia. Ganhou ousio e destimidez para abalançar-se a executar uma empreza que a trazia, de muito, alvoroçada:—vêr a filha.

Flavia tinha vinte e seis mezes. Podia passar algumas horas sem a ama, visto que já se não alimentava do seio d'ella. Custodia, com as cautelas do costume, iria buscá-la á aldeia das Gaias; e por caminhos travessios chegaria á extrema da mata de Calvados, onde Miquelina iria ás escondidas pelo mais afogado do bosque.

Hesitou Custodia; mas as caricias lagrimosas da menina poderam tanto no seu amor que não dilatou a condescendencia nem a ida.

Foi, enroupou a creança com os seus vestidinhos mais secios, jurou á ama que, dentro de cinco horas, lh'a restituiria, e pôz-se a caminho por devezas e tapadas que ella conhecia de sua mocidade de pegureira.

Á hora convencionada, Miquelina, como o padre andasse fóra e os creados estivessem longe, foi despercebida ao logar ajustado e esperou breve tempo.

Adivinhou-lh'a o coração, quando Custodia vinha subindo rente com umas ribanceiras, sem poder ser vista da mãe arquejante. Miquelina tinha as mãos postas sobre o mais alto do seio, e murmurava: « Eu vos agradeço, meu Deus, eu vos agradeço meu Deus! Sou tão feliz que o não merecia. . . »

N'isto, assomou Custodia á vista da mata; e logo Miquelina, transpondo o portêlo que a separava do caminho, correu para a filha, exclamando:

— Oh! como ella é linda! ai! a minha filha que parece um anjo!

— Falle baixo, menina! — disse Custodia, examinando em volta por entre a clareira das arvores — Ninguem a veria?

— Ó Flavia!. . Ó Flavia! — clamava Miquelina, tão embevecida na creança, que não ouvia as perguntas assustadas da creada.

— Ninguem a viu sahir de casa? — instava

\*

Custodia, puchando-lhe pela manga do vestido, em quanto ella, sentada no chão, com a filha no regaço, lhe dava tantos beijos quantas eram as lagrimas de alegria que cahiam nas faces da menina algum tanto estranha e assustada.

— E hás de tu sahir dos meus braços outra vez?! — exclamava Miquelina — Ó Custodia! eu vou ficar outra vez sem minha filha!..

— Que remedio, senhora!

— Ai! não me digas isso, por amor de Deus!.. Ó filha! ó innocentinha! pede ao Senhor que te não arranque de mim! Pede-lhe que me ensine o modo de ter-te sempre nos meus braços!.. Ó Jesus! ó mãe das Dôres! ó Maria Santissima... dai-me esta felicidade de todas as mães, que eu nunca mais levarei aos pés do confessor um peccado que me envergonhe do mundo e me faça cahir no vosso desagrado!.. Flavia, Flavia!.. pedes ao Senhor?

A creança chorava.

Que resposta á maviosa supplica da mãe!..  
Chorar!

Se a pobre senhora tirasse agouros d'aquella subita explosão de lagrimas que lavaram o rosto da creancinha, fita e como espantada nas phreneticas blândicias de sua mãe!..

Custodia passou á mão de Miquelina uns bolinhos que a creança não quiz comer.

—Será de sêde que chora? — perguntou a mãe.

—Será... mas a agua corre lá em baixo tão longe...

Miquelina levantou-se de golpe e desceu accelerada por entre uma vereda de espinheiros e silvas, defendendo a filha com a cabeça e braços para que algum espinho a não ferisse.

Custodia forcejou em vão por contê-la dizendo-lhe que ia ella. A mãe, que simulava a bella demencia do amor maternal, corria como se a perseguissem. Chegou á ourela d'um ribeiro; debruçou-se a colher agua nas mãos com a qual enchia a bocca e a passava aos beiços da creança. A menina bebeu, aquietou-se e quiz sentar-se n'um relvêdo que a corrente humedecia. Sentou-se ao lado d'ella a mãe, e quedou-se enlevada a vê-la atirar seixinhos á agua.

A creada queria lembrar a D. Miquelina que era tempo de separarem-se; mas o coração não na deixava. A mãe ia e vinha, sentava-se e logo se levantava, sorria e chorava, com a filha tão vertiginosamente estreitada ao seio que já a ama lhe dizia:

—A senhora abafa-me a pequenita!..

—Deixa-me... deixa-me que ella já sabe que eu sou sua mãe! Não vês este olhar tão piedoso que ella me lança? Que formosura! como eu

quero á ama que tão linda te tem! E gordinha como ella está! não vês, Custodia?... Quando eu fôr rica, hei de dar uma casa com uns bens a quem te cria, meu amor!.. Bem m'ó dizias tu que nunca tinhas visto creança tão bonita... E disseste-me que eu era assim em pequenina!..

— Era sim, minha senhora.

— Não é possível!.. Eu não podia ser tão linda... Oh!.. que lembrança, meu Deus! perdoai-me! não me castigueis... Tende compaixão de minha fraqueza!..

E, dizendo, mudou tão de repente para o torvo da amargura, que parecia a transição do jubilo de louca para a intermittente da tristeza.

— Que tem, menina?! — accudiu a ama — Que lembrança foi essa!?

— Tenho mêdo de t'ó dizer... Deus castiga-me...

— Porquê?... pois Deus não é tão bom!.. Que é, minha filhinha? que lhe lembrou...

— Que me lembrou?... Sabes o que foi?... Olha... lembrou-me... se elle a visse... se Alfredo visse este anginho!.. Deus não me castigará! — disse ella com muita anciedade — Deus não me castigará?..

— Não, menina, pois que mal faz isso? Póde ser que elle ainda a veja e lhe dê tantos beijos como a senhora lhe deu, e lh'os dê até ir na

velhice para o outro mundo... Mas — continuou em tom de susto — são horas de ir...

— Já!

— Já; se quer que eu lá torne... Não vamos nós com a demora tolher tudo. Deixe-me ir, snr.<sup>a</sup> D. Miquelina, que eu lhe prometto de hoje a um mez estarmos á mesma hora juntinhas, sim?

— Que crueldade!.. — disse abafada por soluços D. Miquelina — Pois eu hei de ficar sem a minha filha?!..

— Valha-me Nossa Senhora! — lastimou Custodia — Então a menina faz-me arrepender d'esta imprudencia!.. Olhe se acaso passa por ahi algum caçador ou algum creado lá de casa!.. Que havemos de nós dizer? que ha de ser de nós?..

— Vai! vai! — clamou impetuosamente a mãe, sem largar a filha — Ahi a tens, leva-a, que me levas a alma!.. — E cada vez mais a cingia ao seio sem a largar ás mãos da creada que lh'a ti-ravam com força.

E rompeu em alto choro que podia ouvir-se de longe.

Custodia, já enfadada, disse com aspereza:

— Isso não é assim, menina! Se não tinha animo, dissesse-m'o, que eu não cahia n'esta! Ora aqui está!.. Ficamos aqui até vir gente, que vá dizer a sua mãesinha: «A Custodia lá estava no

ribeiro com a creança que foi lançar á roda e mais com a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina ! » Quer isto assim ?

A desgraçada largou a filha, escondeu a face nas mãos, e encostou-as ao tronco de uma arvore para abafar os gemidos.

Custodia sumiu-se na vereda do matagal.

Quando Miquelina entrou em casa, já o capellão a estava procurando nas grutas do jardim e nas avenidas de arvoredos fechado que conduziam ao portal da quinta, ao passo que um creado mais de sua confidencia entrára á mata e lhe ia seguindo a pista, denunciado por um pedacinho de fôlho do vestido, que encontrára preso d'uma silva.

Miquelina ignorou estas pesquisas, por que o velhaco sollicitador do capitão-mór ordenou ao creado que não dissesse nada do vestigio que encontrára, e espiasse a casa de Figueirôa afim de saber se lá estaria algum hospede. Afigurou-se ao clerigo que o francez andava por perto de Calvados.

Quando Custodia voltou das Gaias, encontrou febril e na cama D. Miquelina. Fallou-lhe muito da filha, reanimou-a, restaurou-a, e todo o dia e noute lhe deu ouvidos ás recordações lagrimosas para lh'as consolar com muitas promessas e esperanças de completa felicidade no goso de sua filhinha.

Um dissabor, porém, inquietava Custodia e

attribulava Miquelina: e era que, algumas vezes deram tino de as andar alguém escutando, quando de noute se tinham fechado no quarto. Todavia, como nada ouviram na seguinte noute, vieram em que o mêdo as enganára, e assim se dissiparam os receios.

O capellão, fallando um dia com o capitão-mór, fechou um olho, pôz o dedo indicador sobre a aza esquerda do nariz, e murmurou:

— Meu senhor! eu ando-lhe na piugada!.. Deixe-me cá, que ella ninho, atraz da orelha, não m'o faz. Aqui ha o quer que é; seja lá o que fôr... O porquê d'esta minha desconfiança, por ora não lh'o digo, que me não quero enganar; e tenho cá os meus escrupulos de diffamar ninguem sem ter as provas na mão. Mas que eu lhe dou na malhoada isso é tão certo como estar no céu quem nos ha de julgar!..

E mais não disse por muito que o capitão-mór lhe quiz entrar ao fundamento da suspeita.

Volvido um mez, Miquelina pedia, rogava, supplicava, e Custodia resistia á nova ida em busca de Flavia. A mãe lembrava-lhe as promessas, os juramentos; a facilidade com que ella tinha ido e voltado, sem causar desconfianças a ninguem.

A ama teimava em desculpar-se e remir-se d'os juramentos e promessas, dizendo que uma voz do coração lhe agourava desgraça e desgraça grande.

Não a queria escutar Miquelina. Depois de muito chorar, adoeceu; e, doente, pedia a Deus que a levasse para si e lhe dêsse lá no céu a sua filha.

Custodia, condoida d'aquelle quadro consternador, e vencida pelas faces lividas e queimadas de lagrimas da sua estremecida menina, fez calar a voz do coração para escutar outra mais d'elle que lhe dizia « vai! »

E foi.

## VIII

### A denuncia

Miquelina seguiu o mesmo trilho do bosque, esperou no mesmo sitio, e sentiu as mesmas e novas exultações de felicidade maternal. As lagrimas foram menos, e mais os beijos dados com os labios ridentissimos da alegria do coração.

Bem que a ama lhe dissesse os seus receios, fundados em ter visto no alto de monte sobranceiro a Calvados um vulto, que se lhe figurára o padre feitor, D. Miquelina dava-lhe pouca attenção e menos credito ainda sobre ser o padre o homem visto no cume da serra.

Separaram-se, depois de muitas instancias e infados de Custodia. Flavia ia encapotada n'um gibãozinho de tafetá, que a mãe lhe fizera, para este dia, d'uns sobejos de vestido seu, e no pescoço levava um cordão de perolas com umas reliquias que um padrinho e bispo do Ultramar lhe tinha dado.

Recolheu-se D. Miquelina a casa. Procurou

desfarçadamente o padre. Não o viu nem os creados lhe deram novas d'elle. Assustou-se. Foi á capella e resou muito.

Decorreram arrastadas quatro, cinco, seis horas, e Custodia não chegava. Era noute cerrada e não vinha. Eram dez, onze, meia noute, e nem leve rumor nas portas. O silencio e a desesperação, o terror, e a alma já sem fé, sem alentos para se confidenciar com Deus e com os santos! N'aquellas atormentadas horas, Miquelina dar-se-ia em alma e corpo ao demonio que em troca lhe dêsse a certeza de que a sua filha não tivera perigo.

Mas nem Deus nem satanaz. Dir-se-ia que não existia nenhum, se ha impiedade que se atreva a tão absurda hypothese.

Eis o que passára lá fóra d'aquelle inferno da deploravel senhora.

Verdadeiramente, era o clerigo quem estava no picôto da serra. Era elle: não podia ser outro. Era o homem que não diffamava sem provas na mão.

O velhaco, desde o achado do farrapinho esgarçado de vestido, em occasião que a ama da fidalga tinha sabido a visitar a irmã de Guimarães, tractou de concordar, confrontar os factos e tirar d'elles o fio conductor para futuros descobrimentos.

Esperou o novo requerimento de Custodia; licenciou-a como costumava; emboscou o espia pre-

dilecto nos arredores da mata, e sahiu elle da quinta para ganhar o ponto mais eminente ás avenidas de Calvados.

O que elle descobriu lá do alto foi a passagem de Custodia á raiz d'um monte, por caminho de pé-posto, só trilhado de cabras, sem poder atinar de que lado ella vinha, porque lhe appareceu subita e logo se sumiu acoberta de uns sarcaes.

Desde o sumidouro até á quinta cerrava-se o arvoredo tão fechado que o lynce não pôde entrever Custodia nem certificar-se do que é que ella trazia nos braços, se embrulho, se creança, bem que lhe parecesse mais creança que embrulho.

Se uma lage da serra lhe não fosse tréda, o padre, com o passo que trazia na descida, vingava descer á mata ao mesmo tempo que Custodia entestava com os muros da quinta; porém, como um pé lhe escorregasse no puido da lage, e os lombos topassem materia mais rija do que elles, ficou o padre boa hora e meia apalpando um por um os ossos da suan, e sondando a posição normal de cada entranha da caixa thorácica.

O desastre exacerbou-lhe a bilis contra Miquelina.

— Deixa-te estar, minha relamboria!—regou-gava elle—que tu m'as pagarás, ou eu não hei de ser padre João Nunes da Silva!..

Entrou á quinta, quando Miquelina já estava

nos seus aposentos. Inquiriu o creado, e soube que ella entrára no bosque e sahira hora e meia depois; que levára um embrulho debaixo do braço, e voltára sem nada.

— Um embrulho!—disse o padre.

— Sim, senhor.

— Então a outra tambem trazia um embrulho...

— Qual outra?—perguntou o creado.

— Que diabos de embrulhos são estes?!.. — resmungou meditabundo o capellão — Que é da Custodia?

— Ainda não veio.

— Estás bem certo d'isso?!..

— Pois não venho eu de a procurar!

— Então não põe cá mais o pé em casa. Deixa-mé ir para o portão da quinta; e tu vem tambem, que, a querer ella entrar á força, ha de ser repellida a fueiro.

Á hora costumada chegou a ama de Miquelina. Quando viu o clerigo tremeu, descórou e denunciou-se.

— D'onde vem vossê? — perguntou padre João.

— D'onde hei de vir?! venho de Guimarães; pois vossa mercê não me deu licença?

— Pois, se vem de Guimarães, torne para lá, que n'esta casa não entra mais.

— Então que mal fiz eu?..

— Que andava vossê a fazer com um embrulho acolá pela serra?

— Eu!.. com um embrulho!.. Valha-me a Virgem do céu!..—tartamudeou Custodia.

— Faça-se de novas, sua recoveira de fidalgas perdidas!.. Que creança era aquella que vossê trazia! Diga ahi já!

— Creança!.. ai que mentira, snr. padre João!..

— Vossê desmente-me!—accudiu elle quasi já convicto de que real e positivamente era uma creança o equivoco embrulho—Ha de dizer; se não, os tios da menina hão de pôl-a a tormentos até vossê confessar...

— Santo nome de Jesus!—exclamou Custodia sem atinar com a exclamação mais ajustada ao seu afflictissimo apêrto—Eu não sei o que vossa mercê me está dizendo!...

— Que foi fazer a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina á mata? onde se metteu vossê com a tal creança? que embrulho levava ella? Diga, diga, se não vai malhar com os ossos n'uma enxovia!—rebramou o capellão.

— O' snr. padre! Vmc.<sup>o</sup> está enganado!—retorquiu Custodia sem energia nem atino do que devia dizer e fazer..

— O' mulher do inferno! pois vossê quer des-

mentir o que os meus olhos viram?!—refilou elle —Vá-se com dez milhões de diabos, que eu já a não vejo! Se fôr necessario, os quadrilheiros a irão buscar onde vossê estiver para a fazerem vomitar o que sabe...

— Mas, senhor!—balbuciou a ama—deixe-me ir ao menos buscar a minha arca...

— Lá lhe irá ter a casa de sua irmã! Fuja-me da vista; se não mando-lhe quebrar esses ossos, sua alcôfa!

Custodia, cega de lagrimas, desandou vagarosamente, cogitando no turvamento de sua grande angustia em atirar-se ao primeiro pôço em que podesse morrer e esquecer-se da sua infeliz senhora. No proposito de matar-se foi indo, até que a razão a demoveu, lembrando-lhe que poderia ainda ser sua vida muita necessaria á creancinha e á mãe.

O padre mandou apparelhar a egua muito em segredo, ordenou que se fechassem todas as portas da quinta e sahiu para casa do capitão-mór a contar o successo. O tio de Miquelina exultou. Associou a si o padre, e foram para Braga a entender-se com os conegos e com a viuva. Os prebendados não entendiam ou simulavam desperceber o que fosse a creança que já padre João asseverava ter visto. O capitão-mór, porém, accudindo á ignorancia dos irmãos e cunhados, expendeu

com superabundante clareza as desconfianças que lhe bacorejavam no coração a respeito da sobrinha e do herege francez.

Segundo elle, a filha de seu irmão, além de estar de todo em todo desacreditada, perdida e incapaz de achar um mecanico que a quizesse para mulher... além de tudo isto, na sua opinião d'elle, era mãe da creança que o padre vira.

Os conegos fidalgamente indignados mandaram-no pôr mordança; e um cunhado, mais brioso de quantos formavam o conciliabulo, ousou cravar-lhe na cara uma affronta das que Deus absolve.

— Admiro—disse elle—que v. s.<sup>a</sup> quizesse para sua nora a mulher perdida que nenhum official mecanico aceitaria!

— Não que eu—replicou o fidalgo levemente frêchado pela injuria—quando fallei n'isso não sabia d'isto.

— D'isto quê?—redarguiu o chantre.

— Da creança que viu o padre.

— E veria vmc.<sup>o</sup> uma creança, sôr padre João?—voltou contra o denunciante o defensor de Miquelina.

— Vi.

— Ha de jurar que viu sobre umas horas!

— A fallar verdade, parece-me...—gaguejou o feitor de Calvados—; mas depois quem me persuadiu foi a atrapalhação da creada.

—Egual á sua, snr. padre João! Ora queira Deus que lhe não sejam pedidas contas da calumnia!

—O melhor— tornou o clérigo assanhado, mas apertando a lingua com o freio—é fazer prender Custodia e obrigar-a a dizer a verdade do que sabe.

— Isso mesmo!—exclamou o capitão-mór.

— Fôra com a estúpida lembrança!—contra-veio o chantre— Os senhores estão aporfiados em tornarem bem publica a deshonra de uma parenta! Vilissimos desejos! Eu de mim, irmão de sua mãe, não quero que o nome de Miqueliná seja arrastado até ás averiguações da justiça, entendem?

O maior numero assentiu com um grave bamboar de cabeça.

O chantre proseguiu:

— Seja consultada minha irmã sobre a conveniencia de ser immediatamente recolhida a um convento sua filha.

— Bom! sou tambem d'esse parecer!—approvou o capitão-mór expansivamente como quem de tal obra inferia a favoravel contingencia de lhe cahir na sua a casa de seu irmão.

— E se ella não quizer?—enterveio um dos conselheiros.

— Quem?

— A filha.

—Obriga-se!—disse severamente o irmão da viuva —Obriga-se porque é esse o nosso dever, muito outro e diverso de lhe andarmos fazendo praça de suas culpas, se por desgraça alguma tem. A estar innocente, o tempo a vingará; se delinuiu, a reclusão a purificará. O meu voto é este.

Approvação unanime.

Ao outro dia, foi informáda a viuva dos promenores do conselho da vespera, congregado para deliberar ácerca da denuncia do feitor.

A mãe de Miquelina declinou sobre seu mano o alvitre e a responsabilidade da execução.

Presuposto isto, encaminharam-se para Calvados um conego, um tercenario, um arcediago, um chantre e o capitão-mór, que não prescindiu de ter seu quinhão de honra no desaggravo de seus avós.

Miquelina estava na cama, encendida da febre.

Avisaram-na de que sahisse á sala, onde era esperada por seus tios.

—Perdida!.. — exclamou ella, correndo a esconder os cabellos da filha no segredo de um velho contador de pau santo, que estava a um canto da recamara. E, além dos cabellos, a esconder tambem as cartas de Alfredo Gassiot que estivera lendo, em uma das quaes escrevera minutos antes, com tinta diluida em lagrimas, estas palavras: *Ó minha Flavia, ó minha querida filhinha, não tornarei a vêr-te? Ó meu Deus, dai-me um signal de*

\*

*que eu não morrerêi sem vê-la uma vez, uma só vez vos peço!*

Fechada a gaveta contra o espaldar do contador, em que se abria o segredo, Miquelina cobrou animo, vestiu-se, e nenhuma ideia lhe atravessára o espirito senão que ia ouvir fallar de sua filha. E quaesquer que fossem as circumstancias imprevistas e muito amargas que lhe sahisses, aquella supposição dava-lhe alma..

Fallou o tio que mais seu amigo tinha sido na altercação de Braga. Declarou em brandos termos o fim a que vinha, pedindo-lhe que não quizesse explicações de tal passo. Moralizou diffusamente sobre o dever da obediencia aos pais. N'este dever filiou todos os outros, dando os pais como subalternos immediatos de Deus. No tocante á entrada em convento, disse que sua sobrinha nem ia professar nem abjurar dos gosos honestos da vida. Pintou-lhe os bens da convivencia monastica, onde, embora o contrário dissessem os inimigos das religiões, eram muitos os recreios e divertimentos que se alternavam com os actos piedosos. Encauceceu a tristeza de uma menina de vinte e dous annos sósinha n'um êrmo, sem amigas nem parentas que lhe quebrassem o monótono enôjo da solidão. Ajuntou que, satisfeita a vontade de sua mãe temporariamente, tornariam a reunir-se na sua casa, e acabaria o ajuizar offensivo de ociosos

que andavam farejando crimes e ignominias n'uma separação tão repentina quanto inconsiderada.

Miquelina, ouvida silenciosamente a parlenda conceituosa e delicada do tio, perguntou :

— E a ama que me criou vai commigo ?

— E ella a dar-lhe com a ama ! — parvoejou o tio capitão-mór.

O chantre invieizou uma olhadella furiosa ao alarve, e respondeu :

— A respeito da ama que te criou, minha sobrinha, fallaremos de espaço. Não serei eu quem me opponha á tua vontade, e farei por quebrar a resistencia de tua mãe, se resistir.

— Mas onde está ella?.. a minha ama? —olveu Miquelina.

— Em Guimarães, segundo ouvi dizer.

— Quando foi ?

— Quando foi, snr. padre João? —perguntou o tio.

— Hontem ás tres horas da tarde — respondeu o capellão.

— Quem a mandou? — disse com energia Miquelina.

Ninguem respondia. O chantre relançou os olhos entre o padre e a sobrinha, e disse :

— Dispensa tu, menina, de saber quem a mandou embora.

— Foi aquelle villão? — exclamou ella apon-

tando o clérigo — Foi este infame que veio para esta casa roubar o que 'é meu e roubar-me a pouca felicidade que Deus me concedia no meu infortunio? O malvado não ousa levantar os olhos diante de mim!

— Eu bem sei porque não ouso!.. — murmurou elle olhando de esguêlha contra o conego.

— Está bom! — atalhou o tio de Miquelina — Retire-se, padre João. Já o devia ter feito e ir curar de suas obrigações. Vá vêr os jornaleiros, que o seu officio é esse, nas horas vagas de espia.

Ŗahiú corrido e trespassado do insulto o denunciante. Miquelina, debulhada em lagrimas, desafogava a sua ira. Em seguida, achegou-se do tio e balbuciou em tom de maviosa supplica:

— Meu tio, deixe-me ter no convento a minha ama...

Depois, cahindo em si, e attentando no desvario da supplica, emendou:

— Não quero tel-a commigo: peço tão sómente que a deixem ir vêr-me algumas vezes...

A emenda procedia de lhe accudir logo ao espirito a impossibilidade de ter novas da filha, se Custodia entrasse no convento.

O conego acenou condescendente aos rogos da sobrinha e disse:

— Tudo se fará com prudencia e tempo. Quando podes entrar no convento, menina?

— Vou para as Ursulinas?

— Poderias ir, se quizesesses; mas, se me pedes conselho, digo-te que não vás...

— Não, que eu não quero ir!—sobreveio ella.

— Pois melhor, melhor. Tua irmã é esquisita; da tua mãe não me cabe a mim dar-te juizo! É tua mãe e minha irmã. Disse tudo. Se tu quizesesses, Miquelina, ias hoje para Braga; pernoitavas em minha casa, e amanhã combinaríamos no melhor recolhimento. Ahi fóra está uma liteira devoluta. Os teus bahunos me encarrego eu de levar-t'os e entregar-t'os. Que eu, a bem dizer, sou de opinião que não leves para o convento senão o urgente. Pelas minhas contas estarás lá... o quê? Dous ou tres mezes, se muito. Fundo-me em duas razões: primeira, porque os aggravos de tua mãe hei de eu amaciar-os; segunda, porque tens mãe para pouco. Vejo-a cadaverica, desfigurada, e sei dos seus medicos que vai tísica. Por tanto, menina, não tardas aqui. Resolves vir na minha companhia e de teus tios?..

— Vou—disse ella promptamente—mas dispenso na minha companhia o snr. Christovão.

O tio Christovão era o capitão-mór.

— Forte peça me pregas!—accudiu o fidalgo dando meia volta para pegar no chapéo e outra meia pará sahir porta fóra com as ventas a resfolegar fumo e coriscos de simonte.

Miquelina entrou na sua camara, vestiu-se e abriu a gaveta do toucador para se apossar das cartas de Alfredo e dos loiros cabellos de Flavia. Já tinha entre mãos o masso avultado dos papeis quando reflectiu no perigo de os levar consigo, tão em risco de darem nos olhos dos tios. Lembrou-se de fechal-os n'um bahu dos seus e esperar que lh'o mandassem ao convento; mas áquelle designio sobreveio a encontrada conjectura de que alguém lhe abriria com chave falsa o bahu em busca de cartas, que a denunciasssem e acabassem de a perder e á sua filhinha.

Final de razões, e animada da esperança de voltar cedo, recolheu outra vez o masso no segredo, depois de beijar o involucro do cabellino de Flavia.

Depois, sahü á sala e disse com voz trémula n'um angustiar-se d'alma inexprimivel:

— Estou ás suas ordens, meu tio.

## IX

### Uma sepultura que se abre

Rodaram nos gonzos as ponderosas portadas do convento da Conceição e Miquelina entrou com tres creadas que lhe deu o bizarro chantre. O recebimento, que lhe fizeram as religiosas, foi ceremonioso e lugubre. As alas das claras ao longo do patio interno da portaria davam a lembrar um sahimento de cadaver, no caminho da claustra.

A toda a pressa alfaiaram os aposentos de Miquelina com desusado primor n'aquelles viveiros de santas. Esmerou-se o chantre; e a mãe contribuiu com quanto lhe pediu seu irmão para grande tença, e liberdade de arbitral-a maior.

Miquelina, ao despedir-se do tio, beijou-lhe a mão e disse-lhe enternecida a lagrimas:

— Mande dizer á minha ama que venha vê-me, sim?

— Vou tractar d'isso, menina. Descança.

Não nos demoremos a contar em miudos os

tedios e temporãos aborrecimentos, as curiosidades e perguntas com que as religiosas cumprimentei-ras enfatiaram a nobilissima secular. Cá fóra do convento é que vai correr-se o panno d'um acto muito de dôres e compaixão da reclusa.

O padre João Nunes da Silva, affrontado, como viram, pelo chantre e por Miquelina, raivou satanicamente e revessou a sua colera em confidencias com o capitão-mór, tambem insultado pela so-brinha e pelo chantre.

— Hei de provar até á evidencia... ou mor-ra eu, se o não fizer!—jurava elle.

— Provar o quê?—perguntou o capitão-mór.

— Que Custodia levava uma creança e que a creança é filha da snr.<sup>a</sup> D. Miquelina.

— Vmc.<sup>o</sup> será capaz d'isso, padre João?! Se tal faz...

— V. s.<sup>a</sup> verá que faço. Eu não diffamo nin-guem sem provas na mão! Chamar-me ella a mim... infame!

— E villão—ajuntou o velhaco interlocutor.

— É verdade: villão e infame!..

— E ladrão—acrescentou o capitão-mór, ar-regaçando a queixada inferior, como signal de seu espanto e magoa de vêr ultrajado um homem de bem.

— Ladrão! pois ella chamou-me ladrão?! V. s.<sup>a</sup> engana-se...

— É como lhe digo. Lá o apregoou bem alto diante de cinco testemunhas: « que vmc.<sup>o</sup> lhe roubava o que era d'ella. » Queria dizer que o snr. padre João como feitor da casa apanhava o que podia.

— Sabe que mais, snr. capitão-mór?—interrompeu o padre esmurraçando tres vezes uma banca—se esta creatura não fosse sua sobrinha, o que ella é... dizia-lh'o eu! O que teve mão de mim não foi o patife do chantre, que é a vergonha do cabido bracharense e é tolerante porque os vicios d'elle são tantos quantos diabos ha no inferno. Não foi mêdo do tal chantre que me conteve; foi o respeito que tenho a v. s.<sup>a</sup> porque seu paizinho me ajudou á ordenação e v. s.<sup>a</sup> me tem dado sempre dinheiro a ganhar, dando-me boas esmolas de missas ás duzentas e mais. Senão, eu dizia-lhe alli a ambos o que elles foram e são e hão de ser... Mas, o que se não faz em Santa Luzia faz-se ao outro dia, como o outro que diz.

Já a eloquencia furial do padre se abordoava aos anexins, quando o capitão-mór, batendo-lhe mansamente com as duas mãos nas espaldas, lhe disse a meia-voz:

— Padre João, vmc.<sup>o</sup> é meu amigo?

— Para a vida e para a morte!

— Quer ter pão farto para a velhice?

— Pois eu para que trabalho? para que aturo que me chamem villão, infame, e...

— E ladrão.

— É verdade! essa não lh'a perdô a ella nem com a morte aqui nas campainhas!

Dizendo, o padre materialisava a imagem formando no pescoço uma forquilha com as mãos ambas.

— Pois se quer ter que comer e beber sem trabalhar, d'aqui a poucos annos... cá pelas minhas contas... Quantos annos tem vmc.<sup>o</sup>? Nós havemos de regular.

— Tenho cincoenta e quatro feitos.

— É isso: eu levo-lhe mais dous. Pois sabe que mais? Vmc.<sup>o</sup>, quando tiver os seus cincoenta e oito, está feitor de toda a minha casa, e tem um casal e uma vivenda excellente, que ha de ser propriamente de vmc.<sup>o</sup>.

— O' snr. capitão-mór! —atalhou o capellão maravilhado—que serviço posso eu fazer que mereça paga tamanha? Tudo que eu possa operar em seu serviço já está bem pago.

— Não é assim. O que eu quero parece pouco, mas é muito cá para os meus interesses. Sabe o que é? Faça vmc.<sup>o</sup> com que minha sobrinha não saia mais do convento. Arranje com que lhe falte a protecção de todos os parentes, principalmente do chantre, que aquillo é homem da breca! Se lhe

der p'ra'hi, tira a rapariga para fóra, e prega-nos com ella nas ventas, sem lhe importar o que fez nem o que diz o publico. Que lhe parece, padre João? Isto é possível?

O padre recolheu-se por espaço de tres minutos, findos os quaes, tirou do peito estas palavras:

— Eu já disse a v. s.<sup>a</sup> que não diffamava ninguem sem provas na mão. Protestei provar que a creada trazia no collo uma creança: hei de provar-o. A minha religião prohibe-me de publicar os peccados do proximo: não publicarei os de sua sobrinha; mas não posso deixar de confundir com a luz da verdade o chantre que me injuriou, e castiga-a a ella pelas calumnias que me assacou. Deus manda-nos ser pombas e serpentes ao mesmo tempo, e a razão natural obriga-nos a defender nossa honra e nossas palavras quando são recebidas como calumnias. Isto é o que eu vou fazer: provar que o embrulho era uma creança.

— E como ha de vmc.<sup>e</sup> averiguar isso? — perguntou esfregando alegremente as mãos o outro.

— Hei de pensar; por ora não sei; mas o crime por mais que se esconda tem lume de inferno que fumeга sempre. Ora agora, meu fidalgo, isto que faço, em proveito meu e desaggravo de minha honra o faço. Não quero outra paga senão a consciencia de ter mostrado a minha cara limpa do labéo de calumniador. V. s.<sup>a</sup> não tem que pagar-me

taes serviços, que lh'os não faço com intenção de lhe agradar.

— Pois ande! que o mais eu cá sei como ha de fazer-se... — concluiu o capitão-mór.

Convém saber que o capuchinho fr. Lazaro das Dores, uma vez por outra, ia a Calvados confessar D. Miquelina e esforçar-lhe o proposito de emenda, com paternal e verdadeira unção evangelica. A senhora acolhia-o benignamente, escutava-o e confessava-se, dado que no exame de sua consciencia lhe esquecessem muitas especies importantes de culpa. Sirva de exemplo não lhe revelar ella que tinha sua filha nas Gaias, e não no hospício dos engeitados. Verdade é que fr. Lazaro lhe não pedia contas d'isso, porque mais que muito convencido estava elle de que o leigo Joaquim assistira á exposição da menina na roda.

Padre João soubera ganhar a estima do frade, com quem se demorava a contar e a ouvir historias da *Mystica cidade de Deus* de fr. Pedro de Jesus Maria José — thesouro inexaurivel de pios logros, dos quaes padre João não cria nem um terço, e fr. Lazaro cria todos, e os mais que o tonsurado feitor inventava.

Como se não fosse isto bastante a senhorear-se da affeição do frade, muitas vezes padre João Nunes lhe dizia:

— Como vossa reverencia conseguiu fazer d'esta senhora uma exemplar virtuosa! o que póde a unção e a santidade d'um optimo director de almas!

— O que póde Deus Nosso Senhor Jesus Christo!—emendava o frade; mas lá no interior regosijava-se e ganhava santos brios para ceifar mais almas e tiral-as ao demonio e enyial-as ao céo, de que elle se chamava «humilde ceareiro.»

N'este ponto dé estima estavam os dous ministros do altar, ao tempo dos acontecimentos descriptos.

Padre João Nunes, á hora em que D. Miquelina entrava no convento de Braga, chegava á portaria do convento de fr. Lazaro em Guimaraes.

Chamou o frade e disse-lhe commovido:

— Trago-lhe tristes novas da sua confessada.

— Pois quê?! venceu-a o tentador?! e não me chamaram a tempo?.. Valha-me o padre S. Francisco!

— Não a lastimemos por esse motivo: não cahiu porque lá estava com ella o espirito de vossa reverencia. Inimigos peores do que demonios a perseguem. Saberá, snr. fr. Lazaro das Dores, que a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina foi para um convento...

— Bem foi: lá devia estar ella desde muito...

— Mas foi violentada e calunjada...

— Oh! isso foi máo! Reprovo o feito. Violencias não ganham almas para Deus; e calumnias fazem chorar os anjos... É preciso desfazel-as.

— É ao que venho.

— E poderei eu esclarecer a verdade?

— Vamos vêr. A calumnia é a seguinte: disseram á mãe e parentas da snr.<sup>a</sup> D. Miquelina que ella tinha um filho ou filha, e que uma sua creada, de vez em quando, a ia buscar e lh'a levava a Calvados.

Fr. Lazaro escutava taciturno, e o padre proseguiu:

— Esta noticia atarantou os parentes, que entraram de roldão pela casa e a levaram para um convento, e agora andam espalhando que ella teve um filho de um herege, e que o tem de sua mão para o fazer herdeiro dos bens de seus honrados e christianissimos avós. Ora aqui tem vossa reverencia a pobre senhora diffamada, presa, desacreditada, perdida para todo o sempre; e tão desgraçadinha que não tem quem saia por ella a defendel-a dos calumniadores...

— Saiho eu! — exclamou fr. Lazaro — Eu a defendo!

— Bem m'ó quiz parecer! — disse o padre com jovial aspecto — Boa inspiração me trouxe aqui! Partia-se-me o coração de a não poder justificar... eu! que tanto lhe quero e a respeito, e como venial

peccadora e pouco mais a tive sempre! Não a podia eu defender; posto que de sua vida passada sei o que dizem rumores vagos, e d'estes manda a prudencia e caridade que acreditemos pouquissimo, quando as atoardas são para mal e affrontamento do proximo. Entendi sempre que os segredos da vida da snr.<sup>a</sup> D. Miquelina quem os sabia era vossa reverencia; e logo me deliberei a invocar o seu testemunho a favor da innocencia d'ella.

— Veio bem. Veio onde devia vir. Quem são os accusadores e os parentes que a castigam?

— São todos, são todos, snr. fr. Lazaro.

— Pois então, eu vou amanhã procurar a mãe de Miquelina e esclarecel-a-hei.

— Vai mal, permitta-me dizer-lh'ó. A viuva é a mais implacavel inimiga da filha. Quem a ouve acredita que a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina, em verdade, praticou grande crime.

— Saneou-o com o grande arrependimento — accudiu o frade irreflectido; e o outro exultou como se o visse já meio preso na laçada.

— Justamente: saneou-o com o arrependimento — abundou o clérigo — Quem está livre de delinquir n'um mundo tão escorregadio?! A innocente deixou-se imbaír d'um malvado que lhe deu talvez a beber filtros ministrados por satanaz; mas, graças ao céo!, contra o veneno lhe accudiu vossa reverencia com a triaga da contricção e pe-

nitencia ! Cahiu : levantou-se. Que tem que vêr as linguas perversas com ella agora ?

— Linguas viperinas ! a maledicencia, filha primogenita de Belzebut ! — confirmou fr. Lazaro.

— Diz bem e santamente vossa reverencia. A maledicencia é o flagello com que o demonio se vinga dos que lhe fogem, e o anzol com que pesca mais almas atoladas no charco da calumnia. A este fim, contarei a vossa reverencia tres casos do nosso grande escriptor e moralista fr. Pedro de Jesus Maria José.

E contou os tres casos que diziam com a materia debatida, tabaqueando n'elles mui de pausa e dramatisando-os onde o dialogo o pedia. Findos os quaes, proseguiu :

— Pois louvado seja o Senhor ! vai vossa reverencia sahir em defeza da infeliz menina . . .

— Vou.

— Podésse eu tambem levantar a minha voz ! mas quê ? Assim que eu disse aos parentes que era calumnia ter ella sido mãe, mandaram-me callar, berrando todos : — « Vossê está ahi negando o que é publico e notorio ! . . vossê . . . »

— Publico e notorio ! — intertompeu o frade — Como assim ? é falso !

— Não é, perdoe-me o snr. fr. Lazaro. Falso será o dito ; mas falso não é que todos o dizem. É voz constante que . . .

—Valha-me Deus!.. quem poderia publical-o...—acudiu, sinceramente afflicto, o bonacheirão e simplorio do frade.

—Vossa reverencia de certo não; mas... é geral o boato; isso é que é verdade. Poderia dizel-o... quem?... um creado, uma amiga, um cirurgião, um qualquer velhaco que andasse na cata do segredo da separação da mãe e filha... emfim, as paredes onde o demonio põe ouvidos... E quem sabe? talvez a propria mãe...

—Mas a mãe sabe como as coisas se passaram...

—Ah! ella sabe? então não posso acreditar que haja mãe capaz de diffamar sua filha, de mais a mais com uma calumnia mortal... Quem poderia ser pois?..

—Estou a pensar n'isso... —murmurou o padre, e deteve-se calado e meditativo, provavelmente ponderando as virtudes do leigo Joaquim e da assistente Maria Euzebia. D'este scismar sahiuse com resoluta negativa:

—Não póde ser, não póde ser!

—Mas desgraçadamente sabe-se, snr. fr. Lazaro. E os que sabem do triste successo, vendo uma creança nos braços da ama de D. Miquelina, deram como certo ser ella mãe e de mais a mais mãe publica ou quasi publica.

—Mentira! mentira!.. Miquelina não sabe...

\*

E retrahiu a lingua que trazia na ponta o ultimo verbo, e triumpho completo do capellão.

— Não sabe, isso creio eu—apressou-se o padre—; que ella, tendo um filho, não andaria com elle alardeando seu crime, isso vou eu jural-o nas mãos de vossa reverencia...

— E póde jural-o sobre os sagrados Evangelhos.

— Juro; mas quem sabe que ella é mãe e a viu, como de facto viu, ao pé de uma creança, que ha de suppôr?!

— Mas isso é que é a enorme calumnia, padre João!—bradou o frade—Ninguem a viu ao pé de creança nenhuma, porque não na ha, não na tem, não sabe d'ella.

— Que desgraça! que desgraça!—exclamou o clerigo mascarando com declamações o prazer que lhe dava cada nova escorregadella do tão bom quanto lerdo fradinho — Como ha de vossa reverencia desfazer a calumnia? quem póde amordagar os perros do inferno? Toda a sua virtude, snr. fr. Lazaro, e todos os seus creditos adquiridos em cincoenta annos de provada e experimentada santidade serão inefficazes contra a calumnia! Como se defenderá a minha pobre senhora!? Se o filho veio ao mundo... sim... digo eu... se ella é mãe... como se prova que não póde saber de seu filho!?

— Não sabe.

N'este lanço, padre João, como fatigado de esperar a ultima revelação, achou que era tempo de romper n'um alvitre decisivo. Abraçou com respeitoso transporte o frade, e exclamou:

— Vossa reverencia vai defender a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina?

— Vou.

— Pois então é certo que ha de declarar a alguém segredos que lhe moram n'este honrado peito?

— Não tenho outro remedio.

— Bem! Saiba que os não dirá a ninguem que mais zêlo tenha em matar a calumnia. Abra-se commigo; dê-me a consolação de ter pugnado contra a falsidade do boato! Justifique a innocencia para que eu possa justificá-la, sem dizer a fonte onde bebi a santa agua da verdade!

Fr. Lazaro, apoz breve pausa, disse:

— Vmç.<sup>e</sup> é homem de bem e digno ministro da eterna verdade: é justo que a saiba. Em duas palavras lh'a digo: A filha de D. Miquelina foi engeitada.

— Oh! que alegria me infunde na alma! Foi engeitada!—exclamou o padre, abrindo os braços e atirando-os pelo ar acima.

— Um leigo de confiança acompanhou a mulher que a levou ao hospicio de Guimarães...

— E vive ainda o leigo?..

— Vive e jura-o, sendo preciso.

— Não é: basta dito por vossa reverencia.

Quem quer que foi deve ter muito gravada na memoria a data do dia em que a menina foi exposta, e facilmente se verifica o facto, se alguém o pozer em duvida. Vossa reverencia lembra-se?..

— Tenho-o apontado. Eu vou á minha cella e volto já.

Padrè João, no auge de seu contentamento, esfregava os joelhos e os artelhos, quando o frade voltou, dizendo:

— Na noute de dez de setembro de 1812.

— Dez de setembro de 1812—repetiu o clérigo duas vezes, e perguntou:

— Quando sahe vossa reverencia a esmagar os calumniadores?

— Amanhã.

— Pois não vá sem que eu lhe traga o documento, a mordça para a bocca damnada dos infames.

— Que documento é esse?

— A certidão de ter entrado no hospicio dos engeitados uma menina recém-nascida na noute dez de setembro de 1812.

— Faz-me muito favor... Lembra vmc.º acertadamente—obtemperou o frade.

## X

### Tres sepulturas que se fecham

N'este mesmo dia, ao escurecer, padre João entrou esbofado na portaria dos capuchos e chamou fr. Lazaro. Correu o ancião ao chamamento do padre, sem embargo de estar no côro: tanto era o jubilo com que elle ia apossar-se da certidão valledôra de Miquelina.

Achou o feitor com o semblante amargurado.

— Então?

— Então!.. desgraça sobre desgraça!—respondeu com pausas de suspiros o sacerdote—Aqui está a minha grande consternação, snr. fr. Lazaro! Aqui está a prova de que os denunciantes não calumniaram a lastimavel senhora!

— É possível?!—clamou o affligido capucho, tomando-lhe da mão o papel que tremia na mão convulsa do clérigo.

Abriu. Era a certidão passada pelo fiscal do hospicio de engeitados, attestando que na noute dez

de setembro de 1812, nem nas duas noutes anteriores nem nas tres posteriores entrára creança alguma na roda dos expostos de Guimarães.

— É falso o attestado! — bradou fóra de si o frade.

— Falso! — accudiu por sua honra o clérigo — Quem é então o falsario? eu, snr. fr. Lazaro?

— Vmc.<sup>o</sup> não, valha-me Deus! Quero dizer que ha engano e falsidade n'esta certidão, ou em quem a pássou. . . Não sei o que digo! Estou doudo, estou doudo!

— E eu como estou, reverendo senhor! eu, que punha as mãos no fogo por ella, e que gritei contra a mãe, contra os tios, contra quantos diziam què a desgraçada tinha um filho a criar, um filho do impio, do atheu da França, d'um incendiario que mandou pôr fogo ao convento de Santa Maria de Pombeiro! . . Céos! que situação a nossa, snr. padre mestre fr. Lazaro, á vista d'este attestado!..

— Isso não póde ser! — volveu o frade — Vmc.<sup>o</sup> deixa-me ficar em meu poder até ámanhã este papel? Preciso d'elle para acabar de me vencer, ouvindo o que me diz o virtuoso leigo que acompanhou a engeitada á roda.

Padre João lamuriou algum tempo ainda por conta da infeliz senhora, e mais consternadas exclamações vociferára, se a sineta não tangesse a fechar portas. Deixou a certidão e foi repousar-se

e cobrar-se do cansaço na sua cama em Calvados. Dormiu bem. Quem não provou somno foi o atormentado fr. Lazaro, depois do seguinte lance.

Chamou á sua cella fr. Joaquim, o companheiro logrado de Custodia, e disse-lhe:

— Meu amigo, fallai verdade no que vou perguntar-vos. Ponde o coração em Deus e respondi: Em que noute acompanhastes desde Calvados a Guimarães a mulher que levava a menina ao hospicio dos engeitados?

O leigo deteve-se a recordar e disse:

— Dez de setembro de 1812.

— Vistes depositar a creança na roda?

Fr. Joaquim conturbado e cabisbaixo murmurou:

— Não vi.

— Então mentistes-me, falso amigo.

— Não menti, snr. fr. Lazaro; que vossa reverencia não m'o perguntou.

— Mas mandei-vos.

— É verdade. Se m'o perguntasseis, dir-vos-ia que, ao tempo em que me avisinhava da roda, sahia muita gente com lampiões de tuma casa. Tomei susto de ser visto com o meu habito e fugi. Custodia caminhou direita para a roda e ao outro dia me jurou pela sua vida que a menina ficára lá.

— Não ficou: ide em paz e sahi d'esta casa

amanhã. Um falso, e um inobediente não pôde estar na casa da verdade e da submissão. Perdô-vos para que Deus me perdôe.

O leigo inclinou-se profundamente, sahiu da cella, e no dia seguinte do convento.

Padre João, ás dez da manhã, estava no alpendre da igreja, esperando que o frade descesse á sacristia. Fr. Lazaro viu-o, chamou-o, entregou-lhe o attestado e disse com muita dôr :

— Enganou-me Miquelina, Deus lhe perdôe. O leigo foi enganado por Custodia. O attestado é verdadeiro. Não tenho que fazer em defeza da mal-avisada senhora. Está pagando a perfidia que praticou com Deus e commigo. O mais que posso é aconselhar o perdão a quem a opprime, se me quizerem para essa e unica missão. Em defeza d'ella, bem o vê, padre, não posso sahir.

O clerigo abaixou os olhos contristados e balbuciou :

— Seja pelo divino amor de Deus ! Estão, pois, perdidas as ultimas esperanças ? O leigo confirmou o attestado ?

— Já lh'o disse. O leigo deixou-se enganar. Padre João, adeus. Não me demoro em pensamentos que me affligem e ao mesmo tempo irritam o animo. Vou sacrificar. Vá com a Virgem. Se eu poder beneficiar a desvairada senhora, aqui estou.

Foi padre João almoçar á tripa fõrra e cavalgou, caminho de Braga, volteando meia legoa para encontrar-se com o capitão-mór. Mostrou-lhe a certidão, referiu minudenciosamente os ardis com que tirára do estomago do frade todos os segredos, riu ás escancaras em quanto o fidalgo escouceava de jubilo, recebeu um tão arrojado abraço que o devia contar como comêço de castigo; e, almoçando segunda vez, continuou caminho, já acompanhado do capitão-mór.

Chegaram a Braga e a casa do chantre.

Padre João entrou humildemente á presença do tio de Miquelina e disse:

— Senhor! eu não diffamei sua sobrinha. Ella me injuriou e eu calei-me. V. s.<sup>a</sup> me offendeu no mais sensível da honra, e eu abaixei a minha cabeça e sahi em busca da desaffronta. Não me desamparou a justiça de Deus. Aqui está a prova.

E deu a certidão ao chantre, que a leu muito devagar, com visiveis signaes de não entender, e disse:

— Mas que significa isto? Que tenho eu ou que tem minha sobrinha com uma certidão do fiscal do hospicio de engeitados?!

— Tem que a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina — respondeu serenamente o padre — deu á luz uma menina em a noute dez de setembro de 1812. Fr. Lazaro das Dores, o virtuoso capuchinho de Guima-

rães, confessor e assistente de D. Miquelina, mandou a creança para a roda, segundo tinha ajustado com a mãe. A portadora da creança foi a criada que eu, ha tres dias, vi com ella no collo. Custodia, que já tinha sido ama da menina, enganou o leigo que a vigiava, como elle propriamente confessou a fr. Lazaro. A creança existe protegida, criada e reconhecida clandestinamente por D. Miquelina. Nada mais tenho que dizer a v. s.<sup>a</sup> Fui injuriado diante de testemunhas. Desaffronto-me sem ellas para que os creditos de quem me injuriou não padeçam. Recebo as ordens de v. s.<sup>a</sup>

—As ordens que tenho a dar-lhe são simples —disse o chantre— Vmc.<sup>o</sup> não entrará mais na casa de Calvados, e na minha encontrará um laçao com um tagante, se aqui voltar.

—Oh! senhor!—exclamou padre João.

—Retire-se!—bradou o chantre levantando-se de repellão e alongando machinalmente o braço para afferrar d'um ponderoso tinteiro de prata, optimo para medir a extensão facial do clerigo.

Padre João sahiu ás recuadas.

Escreveu o chantre a sua sobrinha e disse-lhe:

« Soccorre-te de Deus que eu não posso valer-te. Os teus infamadores não mentiram. Tenho « grande compaixão de ti, mas não posso, como ir-  
« mão de tua mãe e ministro do altar, prestar-mé  
« a instrumento de tuas contumazes culpas. Sei tua

« vida. Crimino-te e absolvo-te. Sofre para expia-  
« ção. Contra a justiça de Deus é baldada a mise-  
« ricordia dos homens. Tua mãe sabia melhor do  
« que eu tuas culpas. Duas vezes solicitei a ida de  
« tua ama ao locutorio. O mais que consegui foi  
« exasperar-lhe o rancor, sem lhe arrancar o segre-  
« do. Agora que tudo sei, tudo o mais em teu bem  
« me é vedado, salvo aconselhar-te paciencia e es-  
« perança na bondade divina e nas voltas do tem-  
« po, que costumam ser, por influxo divino, pro-  
« digiosas. Seja o que fôr e tenha sido, não me pe-  
« jo de assignar-me *teu tio*. »

Encheu-se de religiosas o aposento de Miquelina, cujos gritos, apoz a leitura da carta, quebraram o silencio do mosteiro e chamaram as freiras espavoridas.

Ao gritar sem lagrimas succedeu um desmaio de longas horas.

Recobrado o alento, Miquelina escreveu a seu tio uma confusa mescla de expressões maviosas e irritantes. Abençoava e amaldiçoava a Providencia. Pedia-lhe que a não deixasse morrer assim em tão acerbos agonias.

Pedia-lhe que a deixasse fugir que ella iria para tão longe que nunca mais sua familia soubesse nem se envergonhasse d'ella. Pedia, enfim, que antes a matassem a ferro ou com veneno os seus

verdugos para lhe abreviarem tão horrendos paroxismos.

Não respondeu, mas chorou o chantre.

Miquelina esperou em irrequietas corridas da cella á portaria. Perdida a fé na estima de seu tio e na piedade de Deus, cahiu, debateu-se em ancias que lhe aniquilaram as forças. Quando espertou, delirava em incendio de febre.

Chamava ella sua filha a brados, dando-lhe ás vezes o nome de *Flavia*, que as freiras não tomavam como nome christão; outras vezes chamava Custodia; e não raras pronunciava o nome de Alfredo Gassiot.

O medico mandou-a sangrar, receoso de congestão e insania. O cirurgião desangrou-a até lhe tirar forças com que resistir á morte, se ella viesse perto. Ficou prostrada, exaurida de alentos por algumas horas. Ateou-se o fogo febril ao terceiro dia. Voltou o medico e diagnosticou de maligna a febre, como quem dizia no vocabulario de hoje em dia *typho*. Os delirios tornaram ao quinto dia; ao sexto acalmaram. Succedeu o spásmo de olhos como cegos, a immobilidade corporal, a indifferença, uma especie de lethargia de embriagada. Cinco dias permaneceu assim.

Ao decimo terceiro dia ungiram-na com os sacramentos, e viram-na por volta de meia noute remechar-se ao longo do leito que rangeu em leve

convulsão. Era o derradeiro partir-se de fibra vital. Morreu.

Agora sabemos quem é esta mulher de annos adiantados que passa os dias e a maior parte das noites sentada a tiritar de frio e a desmaiar de fome em frente do mosteiro da Conceição. É Custodia. Está alli desde o dia em que Miquelina foi fulminada pela carta do chantre. Veio alli dar, quando, em resultado de custosas diligencias, soube que a sua menina fôra inclausurada n'aquelle convento. Foi á portaria pedir que avisassem a senhora de que estava alli sua ama. A porteira repulsou-a ameaçando-a de a mandar castigar e prender. Eram providencias dadas pela viuva.

Custodia sentou-se defronte do convento com os olhos fixos ora n'uma, ora n'outra gradaria das janellas. Ao segundo dia, uma servente do mosteiro, condoida da pertinacia da velha, chamou-a de parte e disse-lhe que não estivesse alli porque a senhora que ella procurava adoecêra e parecia douda.

Custodia ouviu como imparvecida a nova. Não acreditou. Foi sentar-se na pedra da rua com tão descarnado e doentio rosto que os raros transeuntes da rua dos Pelames lhe atiravam ao regaço esmolas. A velha agradecia com um aceno e dava as esmolas aos mendigos que passavam.

Ao amanhecer do quinto dia, uns caminheiros madrugadores viram alli aquella mulher cahida

em terra, com as mãos regeladas. Tomaram-na em braços e conduziram-na ao hospital. Estava viva; mas os sons da voz não lh'os percebiam. Opinou a sciencia que se lhe injectassem caldos, attentos os symptomas de inanição. Engoliu a enferma alguns alimentos ministrados á força. Renasceram as côres em seguida a um demorado deliquio e copiosos suores.

Lampejou-lhe não sabemos que esperança. Custodia aceitava os compassados alimentos que lhe dava uma compadecida enfermeira, conhecida e moça de sua creação em Guimarães.

No fim de alguns dias, pediu á enfermeira que lhe soubesse como estava a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina de Calvados, secular da Conceição.

A resposta já a enfermeira lh'a podéra ter dado de antemão. Sabia-se no hospital, desde a madrugada, que a filha do corregedor tinha morrido.

— Morreu esta noute—disse a enfermeira.

— Morreu!—exclamou Custodia, levantando-se inteiriça sobre o catre. Correram a segural-a; mas o terror que fazia aquelle rosto livido e transfigurado n'um medonho spasma, repellia as mais corajosas convalescentes e ajudantes da enfermaria. O galvanismo da subita angustia cançou depressa. Custodia cahiu como cadaver rijo que houvessem desatado de uma prisão, suspensa do tecto.

Vieram os facultativos da enfermaria. Pensaram em sangral-a. O mais entendido tomou-lhe o pulso e murmurou:

— Aqui não ha sangue que se lhe tire, collega...

Deteve-se alguns segundos esperando em vão que o sangue lhe passasse debaixo dos dedos, arregaçou-lhe as palpebras com a mão esquerda, e disse:

— Está morta.

Estão duas sepulturas fechadas n'õ mesmo dia.

A madre Roberta do Menino Jesus rezava muito por alma de sua irmã.

A mãe de Miquelina mandou-lhe suffragar a alma com seiscentas missas.

O chantre rugia abafados gritos.

Cumpre saber, todavia, o que passou antes que sua sobrinha se despenasse d'esta vida. Ordenou que viesse á sua presença o humilde fr. Lazaro das Dores, e em nome do Senhor lhe mandou contasse tudo que dizia respeito a D. Miquelina. O capuchinho, como se Deus o mandasse, tudo declarou a principiar do acto em que foi chamado a confessar Miquelina até á entrega do attestado do hospicio de engeitados que padre João lhe levára. Vociferava urros o chantre ao passo que o frade lhe referia por miudos a traça com que

o capellão lograra arrancar-lhe o segredo — perfidia que fr. Lazaro contava com a sua usual boa fé e crença na compaixão do denunciante.

Despedido o franciscano, recebia o chantre a noticia de que a febre de sua sobrinha assumira pessimo character e assustava os medicos. Mandou que a consolassem com esperanças de lhe ser feita completa vontade em seus desejos. Sentia-se o homem pungido de remorsos de ter escripto a carta, e não ter respondido á invocação afflicta de Miquelina. Do convento lhe participavam de hora a hora o estado da enferma, até que o aviso da morte lhe chegou no dobre a finados.

Entretanto, que fazia padre João Nunes? A Calvados não voltou. Hospedou-se em casa do capitão-mór, onde estava prelibando as delicias de feitorisar as quintas promettidas e possuir proprios e muito seus os bens estipulados no pacto, se Miquelina ficasse no convento.

Morta, porém, Miquelina, o capitão-mór dizia ao padre:

— Que diabo ganhei eu? A mãe ficou herdeira, e póde deixar a quem quizer os bens livres que é o mais da casa. Se a mãe morresse primeiro, isso é que era pechincha.

Por maneira que o padre, desanparado de jurisconsultos que ajudassem a convencer o capitão-

mór do interesse de lhe morrer a sobrinha, perdeu não só a confiança nas quintas para-feitorisar, que também e por maior motivo nos bens advindos como propriedade sua. Com o que, deliberou procurar sua vida e aceitar uma capellania que lhe offereciam os fidalgos de Briteiros. Zangado, porém, com o menospreço do capitão-mór e nenhuma remuneração de seus serviços, respirou vingando-se em contar tudo quanto sabia de Calvados para dar relêvo á ignominia d'aquella familia, cujo cabeça já tinha pago sua divida á humanidade e á santa religião morrendo como herege jacobino ás mãos do povo. Do chantre dizia protervias e calumnias de tal porte que os collegas do cabido lh'as fizeram saber ao injuriado a tempo em que elle chorava sua sobrinha morta e morta por effeito da denuncia e pertinaz guerra do padre.

Ora o chantre, se não era máo homem, e tinha melhor coração que todos os seus parentes, também não era um anjo. Quer elle entendesse que o vingar a sobrinha era acto meritorio, quer por vingança de sua honra ultrajada pelo capellão de Briteiros o fizesse, o certo é que de uma sua quinta sahiram em direcção de Briteiros dois corpulentos homens armados de arcabuzes. Os mensageiros, como encontrassem padre João no alto da Falper-ra, caminho de Braga, desfizeram-lhe a cabeça com

uma boa duzia de zagalotes, e prenderam-lhe a uma perna as redeas do macho, que o foi arrastando pelo trilho da casa até que, embaraçado de tal trambolho, se desembaraçou d'elle a couces.

A sepultura de padre João fechou-se vinte dias depois das outras duas.

## XI

### Granadina

Passou o dia em que Luiza do Canto, com a sua Flavia vestida de seda e enfeitada de perolas, esperava a costumada *Gertrudes*. O tempo aprazado entre ambas eram quarenta dias à contar da segunda ida de Flavia... para onde não sabia Luiza dizel-o.

Decorrido, pois, o dia, despiu a ama a linda creança e esperou o dia seguinte. Passou-se, passaram muitos e a mulher não tornou, nem a mentalidade devida accudiu aos cuidados de Luiza.

Devolvidos seis mezes a ama tinha gastado as suas economias, tinha empenhado as perolas e as reliquias, entretinha as fomes de Flavia com affagos, e já a criancinha começava a mostrar a carne alvissima atravez dos rasgados vestidinhos que, por terem sido de seda, relevavam por maior sua miseria.

As visinhas de Luiza deixaram de chamar a

Flavia a « fidalguinha » e principiaram a chamar-lhe a « engeitada » desde que a viram amarellida de fome e andrajosa.

Faziam roda á ama e chasqueavam-na por ella ter dito que a sua Flavia, segundo alguém lhe tinha pintado, ainda havia de ser muito rica, e, no fim da vida, lhe daria com que viver regalada e servida de creadas. Luiza chorava mais de raiva que de pena; e então as visinhas, como arrependidas de zombarem da pobre, lhe aconselhavam que fosse levar a rapariga ao hospício dos engeitados.

— Isso não! — dizia Luiza, alimpando as lagrimas á saia da pequenina—quando eu fôr pedir uma esmola hei de leval-a commigo.

Luiza tornou á vida de jornaleira. Levava comsigo Flavia; sentava-a entre os milhos de saccha, ou entre as messes da ceifa, e repartia com ella do seu caldo.

Aconteceu adoecer a ama. Estava para alli sózinha na sua cabana. Ninguem lhe chegava uma sêde de agua. A enferma, como não tivesse cibo de pão que dêsse á menina, disse-lhe:

— Olha, Flavinha, vai ahí para a estrada das Taipas, e pede um bocado de pão ou cinco-reisinhos a quem passar.

A creança de quatro annos e meio, descalça, meio-nua, com os cabellos arruivascados do sol e a cutis denegrida, foi á estrada e estendeu a mão

mendicante. Uns passageiros não a viram, outros não a ouviram, dous lhe atiraram de suas liteiras alguma moeda de cobre.

Flavia levou á ama o seu grangeio de duas horas e n'aquelle dia não se deitou em jejum.

Seguiram-se muitos dias de mendicidade. Flavia já não esperava que a mandasse senão o estimulo da fome. Ás vezes tão pungidôra lhe era que chorava pedindo. Muita gente que a via chorar dizia: «aquillo é manha!» e não lhe dáva nada. Outra gente de melhor fé, menos crytica e mais coração, acercava-se da creança, perguntava-lhe d'onde era e quem era sua mãe.

—Sou engeitada—dizia a pobre—a ama que me criou é a tia Luiza das Gaias que está doentinha.

Achavam-lhe graça á expressão pueril, acreditavam na sua necessidade de pão e davam-lh'o em abundancia para tres dias. Acabada a esmola, Flavia lá estava aconchegadinha d'um combro de bouça, umas vezes tremendo de frio, outras ensopada de chuva, alguns dias, muitas horas seguidas, sem que acertasse de passar alguém.

Melhorou Luiza. Voltou á sua vida de dar o dia por casas de lavradores e não consentiu que a engeitadinha voltasse a mendigar. Ás lavradeiras abastadas pedia os fatos velhos de suas meninas para vestir Flavia; ageitava-lhe uns gibões de pe-

daços variegados, e assim a ia forrando ao frio e á vergonha da nudez.

Que lagrimas chorava então a ama lembrando-se da limpeza e aceio com que a sua Flavia fôra criada! Perguntava-lhe se tinha alguma lembrança de ter tido vestidinhos ricos. A menina encarava muito de fito n'ella, dando ares de a não perceber. Não se lembrava senão da fome e dos vestidos rôtos. A Providencia fizera essa mercê ao anjo.

Luiza, sempre persuadida de que os pais da menina eram de Braga, tres vezes em tres annos seguidos foi áquella cidade, e por lá andou por praças, ruas e travessas a vêr se descobria *Gertrudes*. Queria perguntar, mas não sabia o quê, nem a quem. Contava o caso da sua engeitada; mas ninguem se interessava no ouvir-lh'o, e o mais que obtinha, como conselho de gente caridosa, era levar a rapariga á roda, provando primeiro que não era mãe d'ella. Emfim, deixou de ir a Braga.

Tocava por sete annos Flavia em 1819. Luiza tinha ido levar a Guimarães um carroto de fructa, em que mercadejava com credito de alguns lavradores. A menina ficára em casa, dobando uma meada que ella já tinha fiado em quatro mezes para ganhar trezentos réis.

Ouviu ella grande algazarra de rapazio e sahio á porta. Viu um arlequim com duas mocinhas vestidas de escarlata e borzeguins amarellos, ca-

minhandó para o largo das Gaias. Despegou da do-badoira e foi na matúla dos rapazes. O saltimban-co preparou o seu tablado em frente d'uma casa de boa apparencia, rufou n'uma caixa, alvoroçou a aldeia que se abalou toda para o redor d'elle, e começou suas arlequinadas, levantando as meni-nas, perpassando-as de mão para mão, torcendo-as, retorcendo-as e arqueando-as; ora formando rodas aerias; ora recebendo-as de pernas ao ar sobre a cabeça; já sacudindo-as por tal arte que cahiam em pé; já alçando-as sobre os joelhos formando gru-pos de innoveladas posturas que tanto excitavam o dó como o cascalhar da plebe.

Flavia estava enleada, suspensa e douda do que via! A gente grande calcava-lhe os pésinhos ou a repuchava de repellão; e a pequena, como se todo sentir lhe estivesse no animo estupefacto, pa-recia não dar tino das dôres do corpo.

O arlequim, findo o acrobatismo, pediu em hespanhol que lhe déssem alguma coisa. Desfez-se instantaneamente a plateia, como se lhe cahisse bá-tega de saraiva. O hespanhol aproveitou o azo de insultar a patria de Nunalvres, representada na ca-nalha das Gaias, e foi-se embora negando a taes sovinas o primor do espectáculo que era a dança na corda. Seguiram-no alguns rapazes até á sahi-da da aldeia: Flavia tambem foi. Os rapazes e ra-parigas voltaram. Flavia esteve alguns minutos sen-

tada a vêr ir as meninas vestidas de escarlate, com seus pandeiros sobraçados, e arcos floridos a tira-colo. Quando ellas iam já distantes, levantou-se Flavia, foi de corrida até as pilhar, e caminhou de par com ellas. Ninguem a viu ir.

Perguntou-lhe o arlequim para onde ia á mocinha.

— Vou tambem—respondeu ella.

— Vais comnosco ?

— Vou com estas—tornou Flavia apontando nas raparigas.

— E tua mãe deixa-te ir?—perguntaram ellas.

Flavia não respondeu.

— D'onde és?—tornou o hespanhol, reparando mui attento na pequena.

— Sou das Gaias.

— Tua mãe chama-se Gaias ?

— Não, senhor, eu sou engeitada.

— Que bonita moça se faz d'aqui !—disse entre si o funambulo examinando e palpando Flavia nos hombros e ancas—Então não tens mãe? és engeitada?

— Sou.

— E queres vir com estas meninas?

— Sim.

— Queres andar assim aceada e fazer habilidades com ellas?

— Queria, queria!..

O hespanhol sentou-se na *Fonte dos tres ir-mãos*, tirou d'um cabaz um paio castelhano, pão, borracha, e chamou para a sua beira Flavia.

— Vem merendar comnosco.

A menina comeu com vontade e bebeu.

— Como te chamas, menina?

— Sou Flavia.

— Pois has de mudar de nome se quizeres ir comnosco. D'aqui em diante chamas-te *Gránadina*.

Flavia sorriu-se e disse:

— Pois sim.

Transpозeram a Falperra, não se detiveram em Braga e seguiram caminho de Galliza. Gránadina—vamos com a chrisma do saltimbanco—desde Braga foi trajada com um fato curto das suas companheiras, no qual se revia com enlevado remirar-se. Para maior regalia d'alma e corpo, ia sentada com as duas no largo albardão d'um macho, e lateralmente amparada pelos costaes da carga.

— E se a mulher que te criou viesse buscar-te agora?—perguntava o arlequim.

— Eu gritava e fugia-lhe...

Dizia isto a mocinha e logo as lagrimas lhe desvidravam os brilhantes olhos.

— Tu choras? então tens saudade d'ella? queres voltar para lá?

— Não que a minha ama não tem que me dar

e eu comia-lhe metade do que ella ganhava, e tinhamos fome.

— Quando ganhares dinheiro podes dar-lhe tambem do teu—disse o hespanhol.

— Pois sim.

— D'aqui a um anno já tu ganhas que chegue para ambas.

— Deus queira.

Entraram em Galliza e descançaram na Corunha, patria do funambulo. A mulher d'elle, quando viu a galante creança, dava palmas de contente e clamava:

— E' perfeita!

Lavaram-na, perfumaram-na, vestiram-na graciosamente.

A formosura de Granadina parecia coisa de magia. Sobresahia prodigiosamente de cada vez que lhe acrescentavam um enfeite na cintura, nos braços, nos cabellos que já iam ganhando a nativa côr do ouro.

Começou a dançarina, esposa do acrobáta, leccionando a discipula. Progressos admiraveis, um quebrar de corpo, um elasterio descommunal, uma graça nos tregeitos, um voltear e partir-se de cinta e pescoço que era a inveja das companheiras.

— Zurita!—dizia a mestra ao marido—isto não é peça que se mostre á ralé das praças e aldeia. Creemos a rapariga para maior destino d'el-

la e vantagens nossas. Granadina vai dar a Madrid. Tu o verás!

Aos sete mezes de lição, a mestra meditou um arrojão.

Chamou a si uma dançarina notavel no theatro da Corunha e pediu-lhe que aperfeiçoasse a sua discipula para pisar o palco. A dançarina examinou-a e ficou maravilhada.

— Pouco tenho que lhe ensinar— disse ella— porque este diabinho com a belleza e graça que tem dispensa a perfeição dos passos, se é que tem alguns imperfeitos.

Industriaram-na particularmente nos boleros. Como aquella creança de sete annos remedava todas as garbosas posturas, gestos, ademanes e volteações de que os menos tolerantes olhos se pagam e alegam, embora o quadro, de nenhum modo edificativo, seja figurado por moças no fogo da mocidade, e sobejamente sabedoras do effeito de suas attitudes!

Annunciaram os cartazes theatraes que a joven Granadina se estrearia no palco e invocava a benevolencia publica.

O publico, revestido de benevolencia e caridade, esperou o apparecimento. A gente sisuda viu a creança e riu-se.

Granadina tremia, retrahia-se, relançava os

olhos marejados para a mestra que a espreitava d'entre os biombos da scena.

— Animo que logo te darão palmas, Granadina!—exclamou a mulher do arlequim.

Continuava o publico a rir-se, e a menina como a refugir para o fundo da scena. Do tremor do susto passou ás convulsões d'um insulto nervoso. Perdeu a vista e oscillou sobre o palco vertiginosamente. Correu á scena a mestra a colhê-la nos braços. Então romperam dos camarotes muitas palmas. Estavam lá mulheres: os corações tinham voado a amparar a pobre mocinha, que parecia um anjo n'aquelle momento cahida dos céros do céu a um logar infernal onde estavam homens que o escarneciam.

Levada para o camarim, recobrou os sentidos e desatou n'um chuveiro de lagrimas. Amimaram-na muitos cavalheiros que tinham ido vê-la, e pediram-lhe que voltasse ao proscenio. Apoz grande intervalo, preenchido por um acto de comedia, Granadina entrou menos trémula.

Trovejaram as palmas. Retingiu-se-lhe o setim do rosto. Rompeu como se tirassem por ella choréas invisiveis. Já parecia o anjo que se alava para os seus irmãos no raio de sol por que descêra. O pavimento não lhe sentia o leve poisar da planta. As acclamações cobriam o estalejar das palmas; e como se o ar agitado por ellas redopiasse no ar

a pétala d'um lírio, Granadina parecia avoejar entre os impulsos de encontradas ventanias, que lhe saccudiam as espiraes douradas dos cabellos.

As dâmas dos camarotes, desconfiadas da belleza illusoria de Granadina, a mandaram buscar, findo o passo, para de perto a verem. Contemplavam-na embellezadas e diziam:

— Não é tão linda no palco!

## XII

### Obra mysteriosa do seu anjo da guarda

Quando voltou á scena, Granadina era beneficiada. A mestra e o arlequim deram-lhe a ella os ramos de flores e guardaram a quantiosa ganancia de duros e onças. Granadina, como visse ouro e as companheiras lhe dissessem que ella o ganhára, pediu ao arlequim e á mulher que dessem algum á sua ama. Disseram-lhe que sim.

Passados dias perguntou a mocinha se a sua ama ficára contente. Á innocencia da pergunta responderam-lhe perfidamente que Luiza ficára damnada contra ella por lhe ter fugido; e que estavam a reccar que a viesse procurar á Corunha, com o intento de a levar outra vez para a pobreza e miseria.

Granadina magoou-se com tão ingrata recompensa, dizendo:

— Pois não vou!.. Ella não é minha mãe...

O funambulo mentia quanto póde entender-se

de tal sujeito. Lá era elle tolo que se defraudasse de dinheiro em favor da portugueza das Gaias! Além de quê, se a ama soubesse onde a engeitada estava em comêço de prosperidades, não viria logo buscar o amparo d'ella? O que muito lhe convinha ao proprietario da festejada dançarina era delir da memoria e saudade da moça lembranças de sua ama, começando por lh'a figurar ingrata ao bemfazer e teimosa em tornal-a á indigencia d'onde sahira.

Não obstante, Granadina voltava a pedir por vezes que mandassem dinheiro á sua ama, e elles fingiam cartas em que Luiza do Canto os ameaçava de ir a Hespanha queixar-se de lhe terem roubado a sua engeitada.

Estas cavillações desgostavam a menina, em cujo tenro juizo a mestra ia martellando até conseguir d'ella que deixasse no desprezo a desagradecida mulher.

O empresario do theatro da Corunha obtivera por medianeiros convidar Granadina a desligar-se da tutela do saltimbanco, de quem ella estava sendo desfructada, podendo desde logo principiar a afortunar-se, e tanto que, aos vinte annos, podia ser rica.

A pequena entendeu pouco do que lhe diziam e contou á mestra o que entendeu. Assustaram-se os mineiros d'aquellè veio e cogitaram em mudar

de terra. O empresario, sabedor do designio, entrou em averiguações da naturalidade e filiação da dançarina com o proposito de avisar os parentes de Granadina e movêl-os a impécêrem ao gymnastico os lucros que elle não podia auferir.

O previsto hespanhol já tinha industriado a moça a trocar sua naturalidade, dizendo-lhe que assim convinha para que a ama nunca lhe soubesse paragem certa. De modo que, sendo, como foi, interrogada intencionalmente por pessoas insuspeitas, Granadina respondeu que era de Coimbra, filha de pais assassinados pelos francezes e sem outros parentes nenhuns a quem estivesse sujeita. A mentira logrou o effeito de baldar o projecto do empresario.

Ainda assim, decorrido um anno, Zurita, que já não fazia viagens artisticas com o apparelho de acrobáta, e se intitulava professor de gymnastica, —graças aos rendimentos auferidos da discipula da gallega, tambem cathegorisada em professora de dança—deliberou passar-se a Madrid, para onde a mulher tinha sempre feita a pontaria da sua ambição.

Em Madrid, posto que as dançarinas gozassem reputação difficil de emparelhar, a joven Granadina, chamada nos cartazes «prodigio de Therpsicore», conseguiu admirar e prender o espirito das plateias fatigadas de boleros, jotas aragonezas, ca-

chuchas e quejandas invenções que da capital de Hespanha sahiam para a restante Europa a revelar a arte mais insigne dos iberos.

As escripturas de Granadina eram pactuadas entre os empregados e o professor de gymnastica, o qual se dizia pai da dançatriz—paternidade em que a moça condescendeu de optima vontade.

Mal se lhe conhecia na linguagem hespãnhola d'ella traços de estrangeira. Com dous annos de Hespanha, e tracto nenhum de portuguezes, es-quecêra de todo o idioma patrio; e, se as palavras guturaes lhe sahiam menos barbaras e asperas, a falta redundava em mais doce e branda pronuncia. Encantava a dançar e a fallar, bastando-lhe para enleio de admirações o deixar-se vêr quieta e silenciosa; porque então a filha de Miquelina era a gentileza extrema de graças do céo que não podia ser maculada por pensamento impuro.

Aos nove annos pediu Granadina que a ensinassem a lêr, envergonhada de não ter sabido decifrar os caracteres d'uns sonetos que os poetas madrilenses ajunctaram ás corôas do seu beneficio.

Em frente da casa de sua residencia, na *calle de la Soledá*, via ella muitas meninas e ouvia a leitura d'ellas em commum. Era um collegio. Dizia ella aos seus donos:

—Quem me déra alli!

As meninas saudavam-na e passavam nas ja-

\*

nellas as horas feridas sorrindo e acenando-lhe. As proprias mestras folgavam de vê-la e diziam :

— Que pena ! Uma formosura assim, d'aqui a quatro annos, é uma creatura perdida ! Não ter aquella menina quem a tire da vida de dançarina !

Voltando ao desejo de saber lêr, o professor de gymnastica não lh'o contrariou, tomando-lhe mestre que vinha todos os dias leccional-a. Isto fez que Granadina se descuidasse dos ensaios da dança e entrasse a aborrecer-se das reflexões da mestra; com o quê, os cautelosos exploradores intentaram dissuadil-a de se entregar ao estudo dos livros, menos util que o das piruetas quotidianas por espaço de uma hora.

Não se deixou persuadir Granadina; e á medida que a inquietavam com admoestações, augmentavam-lhe o tédio do theatro e o proposito de se resgatar de tal officio.

A professora reprehendeu-a brutalmente um dia. A menina chorou.

Aos dez annos as lagrimas já são pensativas e reflectidas. Zurita, como a visse melancolica e reconcentrada, interrogou-a; e qualquer que fosse a resposta, o homem disse á professora de dança:

— Qualquer hora, a rapariga deixa-nos.

Notaram mais elles que a dançarina já os não chamava pai nem mãe. Dava-lhes os seus nomes, e dizia-lhes em resposta ao reparo:

— Eu não tenho pai nem mãe. Escuso de me enganar. Hei de ser como Deus me pôz n'este mundo, sem ninguem. Meu pai é Deus.

Do collegio fronteiro continuavam as meninas a cumprimental-a e a pedir-lhe das muitas flôres que lhe viam sobre a cômoda do seu quarto. Uma das educandas, principalmente, pouco mais velha do que ella, distinguia-se das outras em lhe estar sempre que podia fazendo acenos e perguntas infantís. Granadina contava-lhe o que ia aprendendo nas suas lições, e mostrava-lhe as cópias que fazia dos traslados.

A professora de dança muitas vezes ia de má sombra interromper estes colloquios, ordenando-lhe que fosse para os ensaios, se queria não descahir da graça do publico.

Retirava-se Granadina com os olhos aguádos e revelava sensivelmente ás plateias que as graças diminuiam ao compasso que os annos augmentavam. De feito, as esperanças de quem a viu aos oito annos ficavam muito áquem. A dançarina, que não ri ao publico, escurece por metade o brilho do seu donaire e parece ignorar que a sua obrigação é encantar com o riso permanente e fazer das tristezas, se as tem, sacrificio de lagrimas occultas sobre o telonio em que os espectadores compraram o direito de se divertirem.

Pelo que, umas noutes por outras, Granadi-

na nem sequer applaudida era. A mulher do arlequim enfurecia-se a occultas; e por não estalar de dôr, desabafava com ella prudentemente, visto que Zurita lhe dizia:

— Se a ralas, olha que o passaro bate as azas. Deixa-a ter mais tres annos que ella, em sabendo que a amam, se fará mais leveira que uma andorinha e mais risonha do que é necessario.

De mal em peor.

Uma noute, Granadina dançou tão contra vontade, tão desairoza, tão sem garbo e pesada de aborrecimento, que os enfadados mostraram signaes de desapprovação, se não foi propriamente o emprezario que lh'os mandou manifestar como estimulantes.

A menina pateada sahiu nem triste nem alegre. Em casa foi reprehendida e ameaçada de ficar sem modo de vida continuando a desprezar a arte em que ella podia ser a primeira de Hespanha.

No dia seguinte, apoz uma noute de vigilia, Granadina sahiu de seu quarto, atravessou a rua, entrou no collegio e procurou a dona da casa. Foi recebida affectuosamente.

Perguntaram-lhe o que queria.

— Vinha pedir que me recebessem como criada de servir n'este collegio.

— Então a snr.<sup>a</sup> Granadina...

—Eu não sou Granadina—accudiu ella—o meu nome é Flayia.

—E quer servir? A sua familia dá-lhe licença?!

—Não tenho familia. Sou engeitada e sou portugueza. Os hespánhoes com quem vivo não me são nada. Se as senhoras vêem que eu posso ser creada dos quartos das meninas, peço-lhes que me recebam.

—É Deus que a traz para a tirar da vida da perdição! —dissè ao ouvido da irmã uma das senhoras.

—Pois, menina,—respondeu a outra.—demonstre-se um pouquinho que vamos consultar o dono da casa, porque não sabemos se a menina está obrigada por alguma escriptura a ser dançarina.

—Obrigada não, que eu não recebo dinheiro nenhum nem assignei nenhum papel.

Appareceu o dono do estabelecimento, sujeito de veneravel presença. Decidiu que não tinha dúvida em aceitar a menina, menos pelos serviços que lhe ella podia prestar, mais pelo prazer de a descaminhar da má estrada em que as circumstancias a pozeram.

Quando estavam entretidos em conversar com a galante creatura, annunciou-se o professor de gymnastica, perguntando se a sua filha alli estava.

Mandaram-no entrar.

Flavia fallou com animo destemido, dizendo que não era sua filha nem queria ser dançarina; mas sim era engeitada e ia ser creada d'aquella casa. O hespanhol allegou, contra a defeza do dono da casa, direitos absurdos, escripturas, despesas de educação e outras razões que o proprietario do collegio lhe mandou formular judicialmente.

O alcaide não aceitou como bons os requerimentos do antigo funambulo e elogiou o procedimento da menina.

Entrou, pois, a filha de Miquelina no tranquillo exercicio de creada de quarto das educandas.

## XIII

### O general Gassiot

Estamos em 1822.

Retrocedamos nove annos.

Alfredo Gassiot não é personagem que o leitor haja esquecido.

Deixamol-o na fronteira de Galliza. Não o sigamos atravez de Hespanha, que seria excursão perigosa, ou quando menos fastidiosa a noticia dos lances arriscados em que se viu entre o exercito anglo-luso, entre legiões hespanholas e guerrilhas assanhadas com as primeiras victorias obtidas sobre Soult, o devastador insignissimo em latrocinio, mais do que em bravura.

Eil-o finalmente em Madrid: está seguro. Reina alli Joseph Bonaparte que já tinha reinado nas Duas Sicilias. O coronel do exercito de Soult apresenta-se ao irmão de Napoleão, explica verosimilmente a causa da sua forçada detença em Portugal, é redintegrado no seu posto, e embolsado dos

vencimentos com generosa gratificação. Sem demora, enviou a Portugal um mensageiro com o dinheiro recebido do fidalgo de Guimarães, como já foi dito; mas de Miquelina palavra nenhuma dizia que lhe impozera silencio a severa despedida do morgado de Figueirôa.

Wellington aproximava-se, mezes depois, de Madrid, e Joseph Bonaparte despejava a cidade. Atravessou-se-lhe o inimigo ao norte do Ebro; aceitou a batalha em Victoria, fez rosto aos primeiros recontros e forrou-se aos ultimos fugindo á redea solta para Tolosa, á frente dos francezes mais espavoridos que cortados.

O general Foy susteve o exercito, arrebanhou-o nos Pyreneus para o entregar a Soult, que o imperador mandára soccorrer o irmão.

Soult imaginou que era chamado pela primeira vez a vencer em Pamplona. Ilfudiu-se ainda. Estava lá a estrella de Wellington, que lhe abrilhantou a victoria e logo a seguinte de S. Sebastião.

Fortalecera-se o duque de Dalmacia em Biddassôa; e á vista do general inglez desamparou a praça; e fugindo sempre, perdeu Bayonna, Bordeaux, Orthez e Tolosa.

Alfredo Gassiot era general de brigada no comêço de 1814. Ganhára a patente nas batalhas em que as aguias francezas cahiam sovadas no chão da Peninsula.

Soult engrandecêra o bravo da familia dos Titans de Marengo e Austerlitz, ainda grande á frente dos bisonhos, indisciplinados e covardes soldados que Napoleão mandára affrontar-se com a raça indomavel dos Viriatos e Cides, acrescida em sua nativa força pelas proclamações dos frades, que tanto floream a Cruz como a bayoneta.

O duque bandeou-se com a restauração de 1814, entrado em França. Alfredo Gassiot deixou o vilão, e foi em demanda do imperador a Vitry-le-Français. Exultou em Brissac. Pareceu-lhe vêr o anjo antigo da victoria. Seguiu-se Champ-Aubert e Vauchamps. Napoleão expedia os clarões da luz que se debate no vasquejar. Custava-lhe a extinguirse. Tinha combustivel tenacissimo de brilhar e arder. Os lampejos finaes allumiavam ainda, como relampagos formidaveis, grande porção do globo.

Alfredo acreditou no pulso inquebrantavel do imperador até á noute de 20 de junho de 1815. Desde então á luz do paço Elyseu viu que Napoleão era um homem.

É que a noute do desengano seguira-se ao dia de Waterloo.

O general Gassiot recolheu-se a França. Bem que o governo restaurado não decretasse expatriação, Gassiot emigrou.

Era pobre. Com a morte de seu pai, fallira o esteio a que se amparava a prima e os dous fi-

lhos. Em Madrid tinha os irmãos de sua mãe, ricos e respeitados. Pediu-lhes auxilio no extremo desesperar d'outros recursos sem desdouro. Chamaram-no a si com sua família. O ex-general encontrou caridade e estima no paiz talado pelas joldas francezas. De sobra sabiam os madrilenses que nos arrabaldes da cidade vivia o mutilado general com sua familia, uma senhora avelhentada de mortificações e dous filhos, um menino de sete annos e uma menina de cinco. Ao invéz de o inquietarem, visitaram-no, compadeciam-se de cabellos brancos e fundos vincos aos trinta e quatro annos, e contemplavam condoídos o semblante de mad.<sup>me</sup> Gassiot, que por todos era considerada esposa do general.

Em 1816, o morgado de Figueirôa foi a Madrid: Casualmente ouviu fallar do general francez Alfredo Gassiot, nome que elle tinha lido nos extractos da GAZETA DE LISBOA, pertinentes ás ultimas batalhas do prisioneiro de Inglaterra. Pediu miudos esclarecimentos ácerca de Gassiot. Disseram-lhe que vivia nos suburbios de Madrid com esposa e filhos, beneficiado pelos irmãos de sua mãe. Procurou-o. Espantou-se de o vêr tão acabado no lapso de quatro annos, tardo e pesado no exprimir-se, como se as palavras lhe custassem grande perda de forças. O general, querendo em pouco tempo historiar o seu triste envelhecer, disse:

— Creio que principiei a morrer em Waterloo. Mas estas duas creanças não me deixam acabar. Estão muito novas e muito pobres.

O fidalgo de Guimarães desejou cumprimentar mad.<sup>me</sup> Gassiot.

— Vou apresentar-lhe a mãe de meus filhos— disse Alfredo, e apresentou-o como o cavalheiro portuguez cuja beneficencia elle tinha encarecido muitas vezes a sua prima. A dama apertou-lhe fervorosamente a mão e pediu-lhe licença para que os seus filhos a beijassem.

O morgado commoveu-se a lagrimas e estreitou ao peito os dous meninos.

Despediram-se. Alfredo acompanhou fóra da quinta o portuguez.

Ao darem-se o ultimo abraço, o general murmurou-lhe, em segredo, com os olhos a nadarem nas lagrimas:

— Se vir Miquelina, diga-lhe que me encontrou assim velho...

— Se eu a vir?..

— Sim.

— Miquelina morreu ha tres mezes.

Alfredo Gassiot segurou-se muito e convulsamente amparado no pescoço do amigo.

Passados instantes, disse, embargado pelas lagrimas:

— Pois morreu?

— No convento onde a familia a encerrou. Eu nunca mais a vi desde que lá estivemos juntos. Não sei que tormentos ella supportou nos decorridos tres annos. Ha segredos n'isto que dão azo a conjecturas vagas de que eu nada sei liquidar com certeza. Falla-se no apparecimento de um filho que motivou a resolução violenta dos parentes a matal-a na asfixia d'uma cella. O general póde informar-me...

— Eu!.. — atalhou enleiado Alfredo Gassiot.

— Sim: existiria na sua sahida de Portugal a supposição de...

— Existia.

— Pois então alguma base tem os boatos espalhados.

— E a creança vive? sabe-se d'ella? onde está? — interrompeu Alfredo.

— Nada sei, ninguem sabe, a não serem os personagens da tragedia, os verdugos capazes d'um infanticidio, se necessario fosse. O que eu sei é que um padre feitor da quinta de Calvados, onde ella vivia sósinha com a sua ama, era ao mesmo tempo carcereiro e espia da pobre senhora. O padre, depois que ella foi arrastada ao convento, não voltou á quinta, e ańdou contando aos seus amigos cousas tristes que correm mais ou menos desfiguradas. Eu dispunha-me a procurar o padre para colher alguma noticia das violencias que ella

soffrêra, quando me foram dizer que o homem apparecêra morto a tiro na Falpêrra. Se o mataram os salteadores da serra, se ha n'esta morte alguma relação com a de Miquelina, nem sei nem será possível averigual-o. O certo é que ella está sepultada, e sepultada foi no mesmo dia a ama que a criou, e unicamente poderia responder ás perguntas do general, no tocante ao filho de D. Miquelina.

Alfredo chorava soluçante. O fidalgo de Guimarães compadeceu-se e imputou a si a culpa dos infortunios consequentes da apresentação do hospede em Calvados, e da severidade com que o tractára quando lhe cumpria remediar com linimentos uma chaga que o cauterio do abandono exacerbára.

Fazia-lhe, portanto, mal o espectáculo do general chorando. Desprendeu-se com promessas de voltar, e não voltou.

## XIV

### Sorrisos da sincera felicidade

Passaram alguns dias mais tristes que os acostumados do general. Jaquelina, a mãe dos dous meninos, scismava por adivinhar aquelle recrescimento de amargura. Amava-o ella tanto que até se confundiam adoração e respeito nos olhos com que o contemplava. A submissão silenciosa de sua dignidade de mulher á vontade do primo pareceria indifferença de seu estado a quem a não visse chorar. E ninguem a via; que o seu chorar era escondido. Tinha uma grande testemunha e ao mesmo tempo indeclinavel juiz: era Deus. Fugia de ser conhecida e visitada para lhe não darem o titulo de esposa que não tinha. Forçada á impostura, sentia mais dentro a lancetada de sua vergonha. Referindo-se a Alfredo nunca disse senão « meu primo ». Observavam-lhe que era mais doce dizer « meu marido, meu esposo ». Jaquelina sorria, e murmurava: « ficou-me o costume de chamar-lhe primo ».

Tornando á tristeza extraordinaria do general, facil nos é achar-lhe a causa. Eram parte n'ella remorsos, pena e o pensar no destino de seu filho. Tres penetrantes ferros que a um tempo o trespassavam. O remorso pintava-lhe uma formosa e alegre menina que vira em Calvados. A pena mostrava-lhe uma sepultura. O filho ou filha, até entre os dous que tinha, lhe apparecia com o rosto lívido da fome e os membros denegridos do queimar e giar dos agostos e janeiros horrendos dos engeitadinhos.

Estremeceu-se a saude de Alfredo Gassiot, depois de muitas noutes fugidas do lado de sua familia e passadas no quietismo da meditação, dilacerante serenidade, mórmente se está bello o céo, quando o inferno revoluteia na alma do homem.

Bem que a sciencia desatinassê na enfermidade do general, capitulando-a de «nostalgia»—saudades devoradoras da patria—para as quaes receitavam transferir-se a França, Gassiot rejeitava os recursos ófferecidos por seus tios e dizia estar bem onde estava.

Como homem de imaginação apaixonada, entrou-se um dia do receio da morte. Pediu a seus tios que se fechassem com elle, revelou-lhes o segredo de sua alliança com a mãe de seus filhos e pediu-lhes que a não tornassem a vêr sem que elle podesse apresentar-lh'a sua esposa.

Os tios, em breves dias, lhe colheram de França as certidões necessarias; e, clandestinamente quanto pôde ser, se effectuou o casamento em igreja rural.

Como foi então donoso e aprazível de vêr-se o refflorir bellezas no rosto de Jaquelina, renascidas ao calor de alma e coração felizes! Ao mesmo tempo, a negridão do espirito de Alfredo se foi dilucidando, e as visões do tumulto e do filho se desvaneceram, com toda a naturalidade propria e costumeira do animal inexplicavel, chamado homem.

Sondou elle então o fundo nunca sondado do amor de sua esposa. Foi preciso vêl-a remoçada e alegre para entender a força miraculosa do bem que lhe fizera, honrando-a, honestando-a, rehabilitando-a. Em quanto ella foi desgraçada e de dia para dia se avelhentava, não a entendeu, não atinou com a chave d'aquelle thesouro de lagrimas e virtudes em vida peccadora. Ás vezes lhe fazia elle a grandissima injuria de suppôr que sua prima não era mais cuidadosa de sua dignidade, bem que toda humana e convencional, do que muitissimas francezas bem nascidas, bem educadas e mais que muito indifferentes aos enlaces sacramentaes.

Desde este dia de sanctificada união começou a bafejal-os ar celestial de felicidade.

O rico fabricante, pai de Jaquelina, mandava,

volvidos seis mezes, no fim de 1817, chamar sua filha e genro a Pariz, apressadamente.

Partiram, e deixaram os filhos com os parentes em Madrid.

Quando chegaram, o velho estava entrouchando para a eternidade e dispunha a favor da filha de seus muitos haveres. Morreu satisfeito; mas podia e devia ter morrido satisfetissimo se lhe houvesse dado menos ouro na morte e mais coração de pai nos annos que ella e filhos viveram atidos ao esforço mal remediado do artista Gassiot.

Cobrada a herança, voltaram a Madrid a beijar as mãos dos velhos que os tinham agasalhado pobres. Em recompensa dos beneficios feitos, lhes pediram os tios que deixassem na companhia d'elles um dos filhos, a não serem os dous.

Resistir seria ingratição; condescender era paga superior aos disvelos de seus parentes. Cederam-lhes Carlota, fingindo-se alegres de a deixarem a quem tanto lh'a merecia; e levaram Ernesto para entrar em collegio.

Tinha Carlota oito annos, e dez o menino.

Logo que a filha de Alfredo prefez os nove annos, curaram seus tios de lhe dar educação collegial, a prasimento dos pais. Á mingua de bons collegios em Madrid, tomaram a seu cargo estabelecer um, dirigido por senhoras de notavel virtude, mais apontadas á boa morigeración das educandas

\*

do que á cultura intellectual de almas feitas para boas filhas e optimas esposas — virtudes bastante-mente ricas de si para dispensarem opulencias e vaidades litterarias.

O collegio fundado com o auxilio dos tios de Carlota era pontualmente aquelle fronteiro á casa do professor de gymnastica.

A educanda, que se extremava das outras nos risos e acenos á dançarina, era Carlota.

E ella entre todas se alegrou grandemente quando soube que a sua visinha acabava de entrar no collegio, na qualidade de creada das meninas.

Temos, pois, atado o fio dos successos ao anno de 1822, em que foi quebrado.

## XV

### As duas amigas

Carlota Gassiot orçava por quatorze annos.

Sua mãe, com quanta delicadeza podia, lembrava aos parentes que a menina devia estar educada. Os velhos tergiversavam nas respostas, deixando adivinhar que a demora de Carlota em Hespanha procedia de se não poderem apartar d'ella os corações de seus tios. Bem queriam elles leval-a para si, que no collegio pouco tinha que aprender a senhorita; mas o collegio era o sophisma, a diáphana capa com que a santa gente escondia o furto feito á mãe saudosa de sua filha. Ainda assim, levavam-na para casa ás temporadas, bem que a educanda se estivesse sempre a lembrar de suas condiscipulas, encobrendo mal a antcia de se vêr com ellas. Os velhos não se doíam, antes jubilavam com isto; que assim, diziam elles, a pequena ha de também mostrar aos pais desejos de não ir para França.

Como pessoa mais estimada e regalada no collegio, Carlota foi chamada para vêr Flavia e saber a resolução louvavel d'ella.

Flavia córou diante da menina que lhe tinha fallado da janella. Córou como envergonhada da sua posição de creada; e abaixou olhos com humidade forçada, digamos verdade.

Pediú mad.<sup>elle</sup> Gassiot ás mestras que lhe mandassem Flavia ao seu quarto.

Maravilhou-se a creadinha de se vêr affectuosamente tractada e com sua mão apertada na da menina.

— Então vem para cá? — perguntou Carlota.

— Sim, menina... — disse Flavia muita acaanhada e retrahida aos modos meigos da educanda.

— Faz bem em não querer ser dançarina — tornou Carlota — A gente cá fallava muito na menina e tinha pena de a vêr em tal modo de vida. Não sei como seus pais a deixaram...

— Eu não tenho pais... Sou engeitada.

— Ah! é? Coitadinha!.. por isso!.. não teve ninguem que lhe dêsse conselhos... Foi Deus! Olhe que eu sou muito sua amiga, muito... Quando a não via um dia, tinha umas saudades que não faz ideia! E a menina é minha amiga?

— Eu...

— Sim, não é?!

— Pois não vê que...

— Diga...

— Que vim para creada...

— E então isso que tem?

— As creadas não podem...

— Ser amigas? ora essa!.. E quem disse á menina que veio para creada? Não veio, não. As suas creadas são tambem as minhas. Flavia está n'este collegio como minha amiga.

Flavia tinha os olhos a desbordar de lagrimas. Carlota, obedecendo a impulsos de muito affecto, abraçou-a e reteve-a cingida pela cintura com a face ajustada á sua.

— É muito minha amiga, não é? — instou mad.<sup>elle</sup> Gassiot — Diga...

— Eu vim para aqui lembrando-me que a senhora me receberia como sua creada de quarto... Era a minha esperança... — disse Flavia.

— Pois enganou-se. Já lhe disse que a menina n'este collegio é uma educanda, é minha amiga e condiscipula.

E, levantando-se, continuou:

— Espere que eu volto já.

Foi Carlota dizer ao proprietario do estabelecimento e ás mestras que Flavia ficava pagando como as outras educandas a sua educação.

Assombraram-se os ouvintes de tal despropósito, ao qual o grave dono da casa sahio com certas rasões fundadas na indiscrição e puerilida-

de da menina Gassiot, tanto mais imprudente quanto seus tios lhe não tinham permittido tão desatinada como censuravel deliberação.

Carlota escreveu a seus tios immediatamente. Os velhos compareceram. A menina pediu licença para ter á sua custa uma condiscipula, cuja procedencia explicou. Consentiram, quizeram vêr a famosa dançarina, deram-lhe os emboras da sua resolução salvadora, e ás mestras recommendaram que não contraviessem aos desejos de sua sobrinha, em quanto elles fossem assim louvaveis quanto caritativos.

Muito bem podia ser que as mestras e as outras meninas aceitassem de mau animo a dançarina na cathegoria de educanda. Não aconteceu assim. Flavia ganhava corações com sua senhoril docilidade; e então no de Carlota insinuou-se por tal arte que o vêr uma era vêr a outra, abraçadas, inseparaveis, identificadas em contentamentos sem passageira intercadencia de dissabor. Trajavam da mesma côr; eram quasi da mesma altura, dado que Carlota se avantajasse em tres annos; no feitio de rosto e olhos similhavam-se; todavia, as feições de Flavia eram mais finas, mais a primor afidalgado, e a transparencia da pelle, sem embargo dos annos de nudez e fome, mais indicativa de raça adelgada e depurada do sangue que avulta as fórmãs corporaes.

Progreuiu Flavia admiravelmente no processo de sua educação. Tão expedita se mostrou nas prendas de bastidor como no pequeno curso de letras que lhe ensinavam. Aprendeu a lingua franceza com a sua amiga, cujas creadas lhe não fallavam outra, conforme as recommendações dos pais.

Dizia-lhe Carlota que iriam ambas para Pariz, e mostrava-lhe cartas de sua mãe louvando-a da boa acção que praticára, tomando como amiga uma creatura tão carecida do amparo que sua indigna mãe lhe não dera. O general tambem se congratulava de ter uma filha dotada, em annos de experiencia, da generosidade d'alma que só o espectáculo da desventura costuma gerar. Os velhos madrilenses folgavam por igual de a terem em sua casa com a sobrinha, e pediam aos convidados, extasiados n'ella, que lhe não lembrassem a sua triste vida de dançarina.

Assim correram ladeados de santos prazeres tres a quatro annos da existencia de Flavia. A bondade, o genio meigo, o juro grande com que ella pagava o amor de Carlota, o exemplo de obedi-tissima com que melhorava suas condiscipulas, tudo concorria a deliciar-lhe a consciencia de ser querida de todos.

Mas, se eu quizesse inculcal-a como perfeita, não viria aqui dizer que Flavia esquecera Luiza do Canto, a sua pobre ama das Gaias.

Ai! esqueceu-a de todo em todo! Não contava á sua amiga as lagrimas que a desvalida mulher chorava, quando lhe vestia um bajú de remendos e lhe dizia a chorar:

— Lembras-te dos teus vestidinhos de seda, minha filha?... Quem te viu e quem te vê!..

## XVI

### Presentimentos

Aos dezeseis annos de idade Carlota Gassiot sahio de vez do collegio para a companhia de seu tio-avô, unico restante; que dous tinham fallecido com pouco tempo de permeio. O ancião de todo solitario pediu a Alfredo que lhe deixasse em casa a sobrinha até elle cerrar olhos. Flavia de vêr é que foi com a sua amiga, a qual muito concorria com suas amoveis graças e caricias a minorar as achas-cosas tristezas do velho.

Dissera elle á filha de sua sobrinha:

— Dispuz dos meus bens de fortuna a favor de teu pai, menina; é o mesmo que dar-t'os a ti e a teu irmão; ainda assim, verás que me lembrei dos teus alfinetes. Deixo-te a minha terça, e tu reza por alma do teu amiguinho, quando eu tiver passado á presença de Deus.

Carlota enchugou as lagrimas, afagou as cans do ancião e disse-lhe:

— Para que me deixou a terça, meu tio? Não era melhor deixal-a a quem seja pobre? Rica bastante sou eu, segundo vmc.<sup>e</sup> m'ó tem dito. Ha tanta menina infeliz que não tem nada, nada de seu! Por exemplo: a nossa Flavia!.. Que boa esmola faria o tio, se lhe deixasse o que me deixa a mim!..

— Pois tu depois lh'o darás, Carlota. Cá vos fica tudo... — disse o velho sorrindo á virtuosa abnegação do anjo.

— Pois sim; mas o meu maior prazer seria que ella antes do tio que de mim recebesse o beneficio.

— Hei de pensar n'isso... — concluiu o velho.

D'ahi a horas tinha feito codicillo testamentario em que repartia por igual sua terça entre a sobrinha e a portugueza Flavia, amiga d'ella, e com elle moradora em suas casas.

Escreveu o velho, desconfiando da brevidade da morte, ao general, pedindo-lhe que se apressasse a ir tomar conta da filha e dos bens, e levasse consigo a esposa e Ernesto, a fim de os vêr com a já pouquinha luz de seus olhos.

Alfredo Gassiot, Jaquelina e o filho abalaram-se logo para Madrid. O enfermo, sabendo que estava á porta a caleça de viagem, disse á sobrinha que se deixasse estar á beira d'elle, e a Flavia que não sahisse do outro lado do leito.

— Elles cá virão ter... — disse jovialmente

o velho — Quero que vejam como um ancião de noventa annos espera a morte, guardado por dous formosos serafins.

E sorria como se o céo lhe estivesse mostrando as suas delicias em seguimento das bemaventuranças e jubilosa consciencia de uma vida cheia de caridade e justiça.

As meninas não se demoveram até que a familia entrou alvoroçada na camara, cuidando que já encontravam nas agonias o santo varão: tanto era o silencio da casa.

— Deixastes-me um anjo e eu vos entrego dous! — Disse o risonho enfermo.

Jaquelina abraçou-se na filha devorando-a com beijos, sem quasi dar tento da outra menina a quem Alfredo Gassiot e Ernesto abaixavam a cabeça cor-tezmente.

— Aqui está a minha Flavia! — exclamou Carlota levando-lhe aos braços a sua amiga.

— Se é tua — disse a mãe — é tambem minha... Que linda amiga tens, Carlota!

— Linda no corpo ena alma — ajunctou o velho.

Flavia sorriu-se ao risonho dizer do hespanhol e abaixou os olhos diante da fixidez com que o general e o filho a fitavam.

Convergiram as attenções para o velho, cujas mãos todos beijaram.

Quer se lhe dilatassem os pulmões aviventa-

dos por espirações de contentamento, quer resistisse ainda a derradeira fibra de vida tenacissima, o velho, volvidas algumas horas, mandou ao seu escudeiro que o vestisse e passasse á sua poltrona de rodas e o conduzisse á ante-camara.

Este inesperado successo acrescentou a exultação de Jaquelina, cujo prazer de se abraçar á filha certamente seria desfalcado na saudade do parente morto.

Nas intermittencias descansadas das dôres de gôta, o ancião palestrava com graça e folgava de a ter. Flavia era o brinquedo dos seus chistes.

— Ai ! minha feiticeira !—dizia elle—se tu te namorasses dos meus noventa annos, não passava eu pelo desgosto de morrer solteiro ! Se querem apostar que eu vivia outros noventa, depósito já quanto tenho, se Flavia quizer ajudar-me a ganhar ! Quem aposta ?

Como sabiam que o maior prazer do velho consistia em promover a hilaridade, ninguem se eximia ao tributo de uma boa gargalhada, salvo Ernesto Gassiot que algumas vezes se esquecia de rir, de abstrahido que era na contemplação de Flavia. Ora, o gracioso que examinava attentivamente se as suas facecias produziam geral effeito, deu tino da abstenção sizuda de Ernesto e disse :

— Ó rapaz ! parece que tens ciumes ! Ri tu tambem, meu pisa-verdes !

Córou Ernesto e sorriu Flavia. A innocencia da menina achava a tudo graça ou não percebeu a intenção, nem a palavra. Cuidam — digamol-o de caminho — os escrutadores do coração que a suprema prova de innocencia das meninas é o córrar; por isso as fazem logo aos quatorze annos córrar de quanto se lhes diz mais ou menos contingente do amor. Com estes analyistas me desavenho eu. Sou de parecer que a menina que não córa de certos dizeres, por que os não entende, é muitissimo mais innocente que as outras. Flavia, pois, riu do dizer do velho, por que se affizera a rir com os demais. Innocencia pela qual eu não quebro lanças era a de Ernesto, que se fez vermelho até ás orelhas e achou seu tio-avô notavelmente semsaborão.

Entretanto, o velho animado pelo regosijo publico, continuou a galhofar:

— Não te comas de inveja, moço! Eu cá de mim desisto. Cedo-t'a por piedade, e já agora irei celibatario para outro mundo. Cá te deixo a pomba mais linda que eu vi desde que abri os olhos até aos noventa em que vou fechal-os. Como ella está a olhar para mim!.. Querem vêr que a deixo enamorada.. a doidinha!

Maiores casquinadas, e o rapaz a esconder-se na sombra da salêta, e o general a lançar de inveza a vista acintosa á esposa como quem dissesse: « Elle tem rasão.. »

Os gracejos continuaram até se fatigar o velho e adormecer quasi de subito como adormecem os que se apparelham para o dormir sem fim.

Flavia, nos subseqüentes dias, fallava a Ernesto desembaraçadamente como ao general, como a Jaquelina e Carlota. O moço não lhe aparava socegado o lançar de olhos nem ordenava correntia e grammaticalmente o que lhe dizia. Andava como medroso a espreitar e a fugir. Ia-lhe bem aquelle enleio. Sahira do collegio para acompanhar seus pais; não obstante, como vimos, já sabia cõr-rar á palavra *ciume*.

Dizia Alfredo Gassiot a sós com a senhora:

— Ernesto parece-me apatétado... Não vês?

— Se veja!.. Tenho-me rido sósinha, que não fazes ideia!.. Pois elle não me perguntou se haveria no mundo menina tão linda como Flavia!

— Tu ris, e eu scismo sériamente.. Verás!..

— O quê?!

— Ernesto... apaixonou-se.

— Ora!.. Creancices!..

— Creancices?—tornou sisudamente o general—Quem póde prevêr os seguimentos das creancices?

— Ernesto chegado a Pariz vai para o seu collegio—redarguiu a esposa.

— E estudarà?...

— Por que não ha de estudar?! Tens sustos,

meu primo! Se o rapaz tem de alvoroçar-se por cada mulher bonita que lhe apparecer bêm aviados estamos!

— Que sabes tu d'estas cousas?... — disse o general, bamboando a cabeça e dando aos hombros—O que se faz reparavel é o ar deseuidado com que lhe ella falla... Não notaste, prima?

— Sim... eu vejo que ella tão lhana conversa com elle como contigo.

— Mas... formosissima é, não é verdade?

— Olha que enthusiasmo o teu! — observou rindo Jaquelina — Quando tu assim te admiras, meu velho, que fará o filho! Diz-me cá: as portuguezas são todas assim galantes?

— Vi muitas e muito formosas nos sitios por onde estive; mas... iguaes em correcção de feições ás de Elavia, só vi uma ou duas, se muito.

Escureceu-se, por minutos, o espirito de Alfredo Gassiot. Foi porque lhe sahiu á vista a casa de Calvados. Ha relampagos de memoria que abrem um vinco na fronte do homem. E a velhice extemporanea de alguns o que é senão o recordarem-se?

Jaquelina murmurou com supplicante pesar:

— Perdoa-me, sim? Lembrei-te aquella terra maldita, meu filho!... Tomára eu que te esqueçam os supplicios que lá padeceste!... Falle-

mos de outra cousa!... Não estás muito contente de vêr o nôsso velhinho ainda para viver muito?

— Como estás enganada!... Viverá apenas dias... Os medicos não esperam nada.

— Deixa-os fallar... Olha como elle dorme ha duas horas e meia!...

— De um d'estes somnos ha' de ir... Que ditoso morrer!...

## XVII

### Receios e projectos

Realisaram-se as faceis previsões dos medicos. O nonagenario adormeceu acalentado pelas palavras amoraveis dos seus e acordou no Senhor. Flavia carpiu como se parenta fosse, e redobrou de pranto quando se viu herdeira do bastante á sua desambiciosa independencia. Carlota nada lhe tinha dito; nunca lh'o disse depois. Revelar-lh'o seria dar-se como causa da esmola e obrigar a sua amiga á gratidão da pobre remediada e quasi rica, á proporção de suas modestas aspirações.

Liquidadas as heranças, Alfredo dispartiu grande porção da sua por parentes pobres de Madrid e beneficiou liberalmente as mestras de sua filha.

Depois, voltou para França, despedindo-se com lagrimas da quinta em que passára annos, embora amargurados, de expatriado.

Alfredo Gassiot, sem impedimento do dissabor

\*

com que tomava o seu quinhão nos prazeres de Paris, vivia como rico e hobreava em opulencia com os generaes do imperio bandeados na restauração. Os salões d'elle eram o congresso dos poucos amigos fieis á memoria do Prometheo acorrentado ao rochedo de Santa Helena. Infundiam magestade aquelles homens que tinham visto as pyramides, e mostravam em cada cicatriz os lanços em que a morte os tocára e recuára. Fulguravam-lhes ainda, nos olhos, faiscas d'aquelle brilhante e duradouro relampago que Napoleão tirava das boccas dos obuzes nos dias de Marengo. Pois todo aquelle resplendor de figuras tradicionaes e historia viva de gigantes, por um til não era deslumbrado, assim que apparecia nos salões do general, prendendo attentões, a amiga de Carlota Gassiot, a graça divina inseparavel da formosura humana, aquella Flavia que ha annos vimos a pedir esmola á sahida das Gaias para Santo Antonio das Taipas.

Diziam-se louvores de Carlota em virtude do generoso coração com que mudára as tristes condições e o mais que dava a esperar a vida de Flavia, se a excellente menina a deixasse na humidade de serva e com tantos dons corporaes para aspirar a senhora e perder-se como tantas. Germanavam-nas nos gabos: uma era o anjo da belleza, a outra o anjo da caridade; ainda assim, o da ca-

ridade, bem que muito para vêr-se, dava menos nas vistas que o outro.

As previsões do general, no tocante ao amor nascente do filho, ganhavam razão e força de dia para dia. Mal tinham chegado a Pariz, logo Ernesto foi constrangido para o terceiro anno de mathematics, e revelou na primeira lição o descuido, senão perda súbita da faculdade intelligentissima que lhe déra distincções nos annos anteriores. O pai teve noticia da má frequencia do filho, e disse á esposa :

— Vês? Aqui tens o rapaz como eu t'o pinteí.

— Se fôr por causa de Flavia, isso passa-lhe com o tempo.

— Não é aos dezenove annos, prima, e na concentração de um collegio que o tempo costuma operar esses beneficios. Eu, vê se lembrás, tinha a distracção da guerra e da plena liberdade, e não te pude esquecer...

— O peor é se a paixão o adoenta...—observou a mãe assustada.

— Embrutecel-o já ella fez... Doença moral não na ha peor, tirante a loucura.

— A loucura!—acudiu Jaquelina afflicta—Valha-me Deus com as tuas ideias, Alfredo!

— Eu não t'o prometto louco, prima; não te alvoroces. Para mim é já bastantissimo desgosto vêl-o mau estudante e desviado da carreira bri-

lhante que eu tinha previsto. Não nos affijamos, entretanto. Deixal-o estudar ou não estudar. Esperemos.

— Mas elle pede-me com as mãos postas que o deixe vir estar oito dias de ferias do natal a casa.

— Diz-lhe que sim. Peor seria dizer-lhe que não. De remedios heroicos, nada.

Ernesto entreviu as delicias do paraizo n'aquelle fugitivo sonho de oito dias.

Á volta para o collegio, despediu-se da mãe; e, como ninguem, se não ella, o via, chorou.

Muito instado a explicar suas lagrimas, disse que desejava morrer e havia de morrer muito cedo.

Jaquelina fingiu-se desentendida, tergiversou, retendo as lagrimas, e contou ao marido o caso, na sahida de Ernesto.

— De mal a peor—disse o general—É tempo de cortar o mal pela raiz.

— Como?

— Que sei eu!... Reparei que Flavia lhe não dava nenhum signal de o entender...

-- Tambem eu. Tractou-o como de antes com o mesmo descuido e desembaraço. Perguntei a Carlota o que ella dizia de Ernesto, e a pequena respondeu que Flavia o achava mais triste e magro, e se admirava de o vêr ás vezes a olhar para ella com os olhos humidos de lagrimas...

— Ahi principia Flavia a entendel-o... —

atalhou Alfredo — Isto inquieta-me ! Nunca me falta que soffrer ! Aqui tens tu os resultados de uma boa acção a antolharem-se-me funestos !.. Carlotta praticou a virtude de trazer a esta casa, com ares de senhora, uma criada do seu collegio. Flavia afigura-se-me que tem muito juizo, muita innocencia, e dignidade para que todos os beneficios lhe quadrem. Pois, apesar dos bons actos d'uma e d'outra, receio que se nos estejam apparelhando enormes desgostos !

— Não, filho ! — quiz dissuadir Jaquelina, sem dar a razão do seu aviso inverso ao do marido.

— Não ?! porquê ?

— Ainda que se amem não se seguem d'ahi os enormes desgostos que estás agourando...

— Pois quê!... Vá de conjectura... Suppõe que teu filho te diz que quer ser marido d'esta mocinha que foi dançarina em Madrid.

— Ora !... que conjectura !... Estás doudo !

— Mas suppõe que teu filho está mais doudo que eu, e te diz que quer casar com Flavia...

— Despersuado-o.

— Com que razões ?

— Digo-lhe que a sua posição é diferente da de Flavia, digo-lhe...

— Que mais ? Por ora não lhe disseste nada.

— Digo-lhe que não consentimos.

— Ah! essa razão é forte!—disse, sorrindo, o general.

— Pois não é!?

— MUITÍSSIMO forte.

— Pois então?...

— É a razão que teu pai te deu para não casares commigo. E qual foi o resultado?

Jaquelina abaixou os olhos. Não tinha que responder.

— Ah! tens—tornou Alfredo—Se não achas melhores argumentos, concorda comigo que a tempestade se está formando.

— Então que faremos, Alfredo?

— Nada... Esperar desgostos.

— Seria conveniente... Feliz ideia, prima!

— Vejamos essa ideia feliz.

— Se lhe escolhessemos um marido!... Vem ahi tanta gente que a admira!

— Não é de todo desgraçada a ideia; mas está mal annunciada. Devias dizer: « se ella escolhesse um marido... » Nós não escolhemos maridos... Se ella o não quizesse, e padecesse com a violencia, sobrava-lhe razão de se queixar de quem a tirou de creada de servir.

— Isso é assim; mas... olha... queres que eu lhe lembre a conveniencia de casar-se, e a mo-va a entrar n'essa diligencia com alguma vontade?

— Faz o que quizeres; mas, dado caso que

ella ache bonita a lembrança, e a realise com algum dos seus admiradores, crês tu que teu filho fique tão socegado com a sua paixão como Flavia com o seu marido?

— Com o tempo...

— O tempo chega sempre; mas ha casos em que não chega a tempo. Entendes o trocadilho? O rapaz pôde parecer-se com os muitos loucos, com os muitos suicidas para quem o tempo chega tarde. Olha que ha maximas que se conservam em respeito á antiguidade d'ellas. Esta do tempo curar as enfermidades da alma devia ter já cahido, se a estatistica dos dementes e suicidas interessasse em encontrar os anexins de nossos avós. Deves entender, prima, que eu cogito em remediar a doença de meu filho, e sei de mais o que vale a botica ordinaria e as mézinhas caseiras com que os pais cuidam que curam... e matam os filhos.

— D'esse modo que se ha de fazer?— accudiu a dama anciada.

— Nada... Esperar.

— Assim, nada concluímos!

— Pois que queres concluir, prima?

— Acabar com estes receios...

— Em todo caso, eu penso que o melhor era...

— Casal-a?

— Sim.

— Pois anda lá... Dous homens sei eu que

a receberiam como se ella lhe cahisse do céu. O coronel Lebrun tem quarenta e seis annos e cinco mil francos de renda. Não são poucos os annos nem muitos os francos; mas ella é nova e sentirá prazer em ser amada como filha; e pelo que respeita a bens de fortuna, dous mil francos de renda tem ella da metade da terça do nosso tio. Podem viver abundantemente com sete mil francos. O outro admirador é peor: tem doze mil francos de renda, tem vinte e cinco annos, e já gastou metade do patrimonio: é o filho do defuncto general Lemercier. Ambos usaram cõmmigo a lealdade de declarar que amam a nossa hospeda, e nenhum d'elles me perguntou qual seja a procedencia d'ella.

— Flavia não gosta de nenhum — asseverou Jaquelina.

— Bem sei; desgraçadamente sei que não ama nenhum, e porisso mesmo receio que ame teu filho.

— E se ella o amasse...

— Diz o resto.

— Como evitarias as consequencias...

— Ernesto iria viajar no Oriente.

— E privavas-me de meu filho?

— Se não entendesses que era melhor Flavia receber os seus quarenta mil francos e mudar-se para a sua patria...

— D'esse modo desgraçavas tres pessoas ao mesmo tempo. Esqueces quanto Carlota ama Flavia?

— Esse vinculo é o mais fragil. Carlota, . . .

Alfredo susteve a expressão da ideia, que teimou em manifestar-se n'um sorriso.

— Carlota. . . o quê?—perguntou Jaquelina  
— Por que sorris?

— És mulher: tinhas obrigação de me adivinhar. Pergunto: qual das duas te parece mais bella: Carlota ou Flavia?

— Boa pergunta! não será. . . mas a mim parece-me mais linda minha filha.

— Pois affirmo-te que toda a gente diz que a mais linda é Flavia, e eu estou com a opinião de toda a gente, porque o amor paternal é sentimento que não me faz cataratas. Ora isto, que toda a gente diz, ha de Carlota conhecê-lo, se o não conhece já. A roda e cortejo que lhe fazem á amiga não póde lisongeal-a a ella. Obrigam-na a ser testemunha do culto que prestam á outra. É violenta a posição, se me consentes que a nossa Carlota, sem embargo de suas angelicas qualidades, tem uma que desdiz das outras.

— Qual?

— É ser mulher. . . e desculpa-me a indelicadeza.

A senhora respondeu com semblante pensativo ao riso de Alfredo. E, corridos momentos, disse:

—Deixal-a ser mais bella... Carlota não se lhe dá d'isso. A mim me tem ella confessado que nunca viu creatura mais galante que Flavia; e diz isto sem inveja nem despeito. Encarece-lhe a formosura pelo muito que lhe quer. Vou jurar que ainda não sentiu essas diferenças em que tu reparas...

—Ella as sentirá—disse pausadamente o general.

—Pois estou muito certa de que Flavia lhe não ha de tirar os casamentos...—tornou a mãe, despeitada maternalmente.

—Os corações... talvez!

—Vejam que encantos tem a magica menina! —redarguiu a dama simulando o sentimento cioso com tregeitos de gracejo—Até o meu Alfredo deixa que a brilhante gentileza da estrangeira deslumbrasse as graças de sua filha!..

—Creação!.. —atalhou o general, affagando-lhe o rosto—O mal não está no meu encantamento; está, e terrivelmente, no encantamento de teu filho. Vossês, as mães, sabem tremer, mas não sabem prevêr. Não daes tino da nuvem que se carrega e escurenta; mas gritaes muito quando o raio se desentranha da nuvem.

—Como tu me atormentas!—murmurou ella, chorando.

—Não te atormento: previno-te.

## XVIII

### Ciumes

Jaquelina e as duas meninas, recolhidas de um baile, detiveram-se a palestrar na ante-camara de Carlota, relembrando a compostura e atavios primorosos das mais tafulas damas, e a gentileza e garbo de alguns cavalheiros.

Flavia escutava silenciosa as reflexões da mãe e da filha, ou, interrogada, dizia em breve o seu parecer sobre tal adereço ou adorno de mulher. No que respeitava a homens, calava-se, dava aos hombros ou sorria, se as reflexões sahiam engraçadas.

Descendo ao particular intento por engenhosos rodeios, mad.<sup>me</sup> Jaquelina chamou a contas o coronel Lebrun, e disse que nunca vira homem de quarenta e tantos annos tão gentis e amaveis. E, relançando olhos de ladina graça a Flavia, continuou :

— Nem me consta que elle tenha amado me-

nina alguma, a não ser a nossa... — E tocou-lhe na face com uma pluma do toucado.

— Eu!.. — disse enleuada Flavia.

— Pois não viu que pertinácia aquella de a não deixar olhar em frente que não visse os olhos d'elle?

— É verdade... — annuiu Flavia, rindo francamente.

— Pois ahí tem. Olhe que a ama.

— Aquelle velho! — interveio Carlota.

— Velho! — objectou a mãe gravemente — Velho de quarenta annos!.. Pergunta ás meninas de tua idade se o coronel Lebrun é velho... Acha-o repulsivo, Flavia?

— Não, minha senhora... Parece-me um bom homem.

— Que lhe tem elle dito, menina? — volveu Jaquelina achegando-se d'ella como quem vai dizer e escutar cousas muito intimas.

— Diz-me que...

— É muito formosa?

— Sim... — confirmou Flavia com aquelle *oui* sibilado das parisienses por entre um sorriso tambem francez, cousa que já por cá se contrabandeia.

— E que mais? que mais lhe diz?

— Muitas cousas...

— Muitas galanterias, não é assim?

— Sim, minha senhora.

— Olhe, mamam—accudiu Carlota sacudidamente— Flavia tem vergonha de contar. Eu conto... deixas, Flavia?

— Ora...

— Conto?

— Como quizeres... —condescendeu a purplejada menina.

— O velho teve o descôco de querer casar com ella!.. Já viu disparate assim?!

— Disparate! — contraveio mui circumspêcta a senhora — Eu não vejo n'isto disparate, a não ser o teu em lh'o chamar! Flavia merece muito mais, é verdade; mas as qualidades excellentes do coronel são dignas d'esta menina.

— Pois serão... — retorquiou Carlota — mas Flavia não cuida em casar-se nem precisa d'isso, não é assim?

— É; eu nunca me lembrei de semelhante cousa, e faz-me rir estar a gente a fallar em tal — respondeu Flavia.

— A menina está muito nova — tornou Jaqueline — Ria-se quanto quizer; mas não despreze as boas fortunas em quanto a sua belleza lh'as attrahir; porque não ha nada menos fragil e duravel que a formosura...

Flavia reparou impressivamente na frieza d'estes conselhos, e deteve-se a ponderal-os, não para

entrar em negocio de casamento com a sua belleza, mas para entender o motor occulto de taes advertencias.

Incitada por Carlota a explicar a razão de sua tristeza quando ficaram sósinhas, disse comovida:

— Tua mãe desejará que eu me case para sahir de sua companhia?

— Que injustiça!—accudiu a filha de Alfredo Gassiot, abraçando-a estreitamente—Pois tu podes imaginar semelhante coisa!..

— Pois não viste que ella estranhou que eu me risse do casamento?

— Vi; mas que tem? São cousas de velha. Amiga tua é ella, Flavia. Diz aquillo, porque pensa que as meninas devem casar cedo. Não anda ella sempre a prégar comigo que tracte de vêr se algum rapaz me agrada, e lh'o diga a tempo de pensarmos se me convém, antes que eu me apaixoné? E que faço eu? Digo-lhe que sim, e nem penso n'isso. Casar-me eu! Separar-me de ti!... Só por morte, minha amiga!... Não te cases, não? Olha... Vamos fazer um juramento de viver juntas toda a vida?

— Faço!...—exclamou Flavia.

— E eu tambem! Quando meus pais morrerem, ficamos n'esta casa com o mano Ernesto, e a gente tem muito de seu, pois não tem?! Casar!

ora casar!... Não ha tantas senhoras solteiras felizes?

— Sim... — interrompeu melancolicamente Flavia—tu dizes isso; mas...

— Mas quê? Duvidas de mim?!

— Não, não duvido; mas o tal Lebrun disse-me no baile que teu pai pensava em casar-te...

— Com quem?

— Com o filho de um conde que me não lembra... E disse-me elle então que, em tu casando, eu ficaria sem ti.

— Mas quem é esse filho do conde?! Elle vem cá? é nossa visita? Perguntaste-lh'o?

— Não: fiquei tão triste que não quiz saber de nada...

— Quem será?!—murmurou Carlota meditativa, pondo a rosada unha de um dedo entre os labios—Não sei quem seja...

— Está-me agora a lembrar que o coronel me disse...

— Que foi?

— Que o tal filho do conde andava a viajar.

— Ah!.. já sei... é o filho do conde de Touraillé, d'aquelle velho, cégo de um olho, que deve muito dinheiro ao papá, e tem um castello não sei onde...

— Será esse...

— Que me importa que seja?..

Em verdade, era o filho do conde de Touraille quem o general de Napoleão negociava para genro. O conde representava uma das familias mais antigas de França. Expatriára-se em 93 e repatriára-se com Luiz XVIII em 1815.

Como se alliançaram dous caracteres tão inversos em doutrinas politicas? O camarista de Carlos X como cahiu na graça do general de brigada, que dizia ter morrido em Warterloo?

Desconcerto que está na pauta d'este mundo, cuja ordem depende d'aquelle e d'outros maiores desconcertos.

Alfredo Gassiot, o filho do artista, o republicano do feitio de quasi todos os seus correligionarios, era rico; e, dado que o fausto lhe não alumiasse as muitas horas escuras, affez-se a elle, e ao tracto dos que tinham nascido n'elle. O conde, com quem eventualmente se encontrou, era o fidalgo solarengo, pompeando galas, estipendiando com mão larga as viagens do filho unico, posto que toda a gente dissesse que o velho dismantelára os haveres, a ponto de se referirem a prodigio as despezas grandiosas da sua magnificente equipagem de trens e lacaios. O segredo d'isto sabiam-no os credores, e Alfredo Gassiot principalmente. Por sua parte, o conde é que de todo em todo ignorava o desfalque de sua casa; porque, inventariando quintas suas, livres e desembaraçadas de hypothe-

cas, era um nunca acabar, afóra os privilegios rendosos abolidos pela revolução, dos quaes elle se andava redintegrando, com esperanças de ficar máis rico do que tinha sido antes de os revolucionarios o desbalisarem: factó verificado em muitos dos seus companheiros de exilio.

Mas a verdade pura e liquida era que o conde de Touraille estava pobre, e que Alfredo Gassiot desejava que sua filha viesse a restaurar os bens dos avós de seu marido, assignando-se *condessa de Touraille*. Perdoavel ambição e louvavel intento de salvar do olvido um castello em Normandia, do qual tinham sahido dous grãos-mestres dos cavalleiros do Hospital, e muitos outros parentes e privados dos reis de França.

Entretanto, Alfredo abstinha-se de consultar a filha antes que ella visse Hugo, o futuro conde que viajava e era esperado em Pariz. Avisadamente resolvera o pai não inculcar á filha meritos do moço nem vantagens do enlace, sem que Carlota sentisse vontade de ser ella a inculcadora. Aos amigos contava o general os seus projectos, talvez com o proposito de remover propostas de noivos. Uns louvavam-no como delicados; outros estranhavam-lhe o reviramento de ideias; e todos riam da vaidade aristocratica do filho do artista.

Como quèr que fosse, Hugo chegou a Pariz, e Alfredo Gassiot recebeu-o com um lauto ban-

\*

quete, quando lhe elle foi pagar a segunda visita.

Era o dia da prova, consoante as esperanças de Alfredo.

O filho do conde era rapaz de agradável presença. Vinha queimado do sol da Azia. Trazia de lá os olhos ainda vulcanisados. Isto parece que devia assustar Carlota; mas, verdade verdade, não assustou. A menina borboleteava á volta de todo aquelle fogo e sentia apenas o suave aquecimento do coração. Escusado é dizer que foi súbita a combustão. É o costume.

Alfredo Gassiot reparava na filha, estudando-lhe nos olhos o alvoroço do sentimento. Facil estudo. Seria, porém, discreto e preciso que elle estudasse tambem os olhos de Hugo. Dispensou-se d'isso, tendo como certo que o futuro conde não vinha escolher, vinha mostrar-se.

Andou errado.

Hugo via Carlota; mas olhava para Flavia. Dous effeitos opticos muito differentes.

Flavia é que o não via.

E quem via tudo mais perfeitamente era Ernesto Gassiot.

Vejam que jôgo de olhos alli foi n'aquelle jantar!

Hugo de Touraille perguntava ao pai, indigi-

tando-lhe Flavia, se as portuguezas eram raça de Circassia.

O conde respondia:

— Não sei; mas olha que a rica é a franceza.

Alfredo Gassiot perguntava á filha:

— Que te parece Hugo *de* Touraille?

E accentuava o *de* enfaticamente.

— Bem...—respondia Carlota.

Ernesto, encostado ao fogão, perguntava á mãe...

— Não reparou ainda no ar de espanto com que o snr. de Touraille está sempre a olhar para Flavia?

— Reparei... e que te importa isso?

— A mim... nada; mas... acho feio que minha irmã não despregue os olhos d'elle...

Mad.<sup>me</sup> Jaquelina fallou de passagem quasi ao ouvido do esposo.

Alfredo Gassiot riu-se; e, perguntado sobre a intenção do riso, murmurou:

— Lembra-te do que eu te disse ha dias a respeito da amizade de Carlota e Flavia. Carlota reconhece hoje que Flavia é mais linda e tem d'isso pesar. Apoz do pesar ha de vir o despeito, e depois o ciume, e depois... o odio... Repara n'ella...

Quando Gassiot mandava reparar, Carlota ouvia de perfil, com mal assombrado rosto, o que Flavia lhe dizia com muita meiguice.

via um ar de agrado para Carlota, de severidade para Ernesto e de indiferença para ella. Confrontava estas diversidades e nada sabia inferir. Supplicava a Carlota que lhe abrisse a sua alma e a não deixasse penar mais tempo na duvida da sua amizade. Carlota sorria-se violentada e dizia-lhe: « Sou tua amiga como sempre fui. »

Hugo continuava a visitar a familia, que o recebia já constrangida e glacialmente cortez. Ernesto quasi que lhe retirava a mão. O general acolhia-o com a mais aprumada urbanidade. Carlota não o desfitava; e elle não desfitava, sem molestar-se, Flavia.

O conde procurou a sós o seu credor e disse-lhe com sensiveis mostras de magoado:

— Meu filho não ama mad.<sup>me</sup> Carlota.

— Já sei: ama a engeitada que é *dama de companhia* de minha filha—occorreu prompto o general com um sorriso maldoso.

— Isso não sei. É possível; mas nada me induz a reccar consequencias funestas de tal affecto, se existe.

— Menos a mim, snr. conde. O que eu muito folgava de merecer ao snr. Hugo de Touraille seria que elle se abstinhesse de cortejal-a em presença de meus filhos: é mau exemplo.

O conde reprehendeu o filho. Questionaram e reconciliaram-se, pactuando que elle acharia sem

grandes delongas mulher ricã, mais rica do que a antipathica e lorpa neta do artista.

Riram ambos do pundonor d'um Gassiot, e assim fidalgamente se despediram, deixando em aberto o saldo de contas.

Na ausencia de Hugo, abrandou-se a condição ciosa e soberba de Carlota. Não confessava o peccado de maltractar a amiga contra razão; mas tinha remorsos. Acariciando-a como d'antes, tacitamente lhe pedia perdão.

Alfredo, acabado o tempo de férias, ordenou ao filho que voltasse a frequentar o anno lectivo perdido.

Não o contradisse Ernesto.

Na vespera da sahida, como Flavia estivesse, ao escurecer, sósinha na sala de musica tocando cravo, Ernesto entrou de sobresalto, e tão surdamente pisava o tapete que a menina sómente deu tino d'elle ajoelhado aò pé de si. Levantou-se de golpe, e viu que elle, sem proferir palavra, lhe deixava aos pés um grosso rolo de papeis, e fugia.

Flavia tremeu suspensa e oscillando no que faria. Avisinhava-se gente. Apanhou o rolo e sahiu da sala.

Era Carlota que a vinha chamando. Voltou Flavia á sala, e disse-lhe com a lealdade do anjo, para não dizermos com a innocencia:

— Teu irmão deixou-me isto...

Já não era innocencia: era virtude mais alta. Fidelidade, inteireza, honra, coração subordinado aos dictames da summa probidade.

— E que é isto?—perguntou Carlota.

— Não sei, minha filha.

— Vamos vêr.

E fecharam-se no quarto de uma d'ellas.

Desataram a fita negra. Desenrolaram, e viram uma carta, despegada d'um caderno que, na primeira pagina, dizia FLAVIA, com esta epigraphe de Lamartine:

*Heureuse la beauté que le poëte adore!*

*Heureux le nom qu'il a chanté!*

— São versos do mano feitos a ti!—exclamou Carlota— E a carta?... Leio?

— Lê... por que não? — respondeu Flavia, sentindo-se, súbito, atravessada no seio por uma dôr, por ventura remorso de se não ter escondido com a carta e versos de Ernesto.

A carta era assim breve:—*Se eu não sentisse e ouvisse os passos da morte, estas lagrimas não iriam á sua mão, Flavia. Deixo-lh'as, que não me resta mais consolação que a certeza de que me ha de chorar. Começou hontem a minha vida, e já gastei a força com que Deus me dotou para o soffrimento. Matou-me o silencio, a concentração e o va-*

*ticinio de que a sua desgraça é amal-a eu mais do que a meus pais. Antes de eu lhe mostrar quanto lhe quero, a paixão santa e homicida com que amo, perdi a estima de meu pai. Amparava-me a esperança de lhe sacrificar tudo; mas não posso viver com a certeza de que a sacrifico. Morro, amando-a; morro pedindo a Deus que lhe dê uma juventude tão ditosa quanto devia ser a minha, se eu a não tivesse encontrado, Flavia, entre o meu coração virgem e a morte d'elle, entre o meu berço e a minha sepultura. Posso dizer que sahi dos braços de minha mãe para os da morte. Morro sem culpas. Deus me receba no seio da sua misericórdia e o céo dos desgraçados receba o pobre moço que lhe beija a mão, Flavia...*

Carlota irrompeu em clamores, correndo ao quarto da mãe, a brados:

— Mamam, accuda ao Ernesto que se mata! Accuda ao collegio!

O general sahi anciado ao encontro da esposa, que o ia procurar esbofada sem poder articular palavra.

Carlota ia depoz a mãe com a carta na mão, da qual o aturdido pai se apossou.

Leu-a, e aceleradamente sahiu caminho do collegio. Procurou o filho. Disseram-lhe que não tinha ainda entrado. Volveu a casa, sahiu, tornou, percorreu os pontos mais infamados de suicidios sobre

o Sena, desandou, entrou de novo ao collegio e soube que seu filho chegára momentos antes. Entestou com a porta e bateu. Demorava-se Ernesto em abril-a. O pai conheceu que o ar do quarto estava afumado. Meteu hombro á porta e quebrou a lingua da chave. Correu para o filho, que se levantára, espantado do estrondo. Perguntou-lhe o que fazia. Ernesto respondeu:

— Estou queimando papeis.

Alfredo levantou alguns dos que estavam a monte, e leu no tópo de uma pagina FLAVIA. Encarou mui fito no filho e disse balbuciante, como se um grito das entranhas se lhe cortasse na garganta:

— Ernesto!.. meu querido filho!..

O moço debulhou-se em lagrimas e escondeu o rosto. Aceitou o pai ao director e creados do collegio que se retirassem. Depois, aconchegou do seio o filho e murmurou:

— Não me mates, Ernesto! Não mates teu pai!.. Sahe do collegio; vem para casa; que eu te perdô as minhas afflicções e as de tua pobre mãe!

— Peço-lhe que me deixe ficar...—disse Ernesto—Preciso de estar aqui algumas horas... Depois... irei...

— Vens já.

— Tenho estes papeis aqui espalhados...

— Eu, t'os ajuncto e fecho na tua gaveta, se não os queres levar contigo.

E, dizendo, colhia do pavimento os papeis.

Ernesto abaixou-se apanhando-os, e pediu ao pai que se sentasse por um pouco tempo, que elle o seguiria.

Entretanto, Flavia ajoelhada no seu quarto pedia á Virgem que restituísse o filho á mãe, que por tres vezes a tinha ido amaldiçoar, encarregando-a da morte de Ernesto.

— Ó mãe de Deus! — exclamava a atormentada menina — bem sabeis que eu não tenho culpa! Accudi á minha innocencia! Vinde em soccorro d'esta desvalida de pai e de mãe. Sêde-me vós tudo, ó Senhor dos Afflictos!

Suffocada pelos soluços, cessou de clamar e cahiu com o rosto contra o chão.

Volvidos momentos, Jaquelina entrou desesperada no quarto, viu Flavia prostrada, encôrrou-a com os olhos chammejantes de cólera, e bradou:

— Ha de matar-te o remorso, infame engeitada!

— Ó minha mãe! — exclamou Carlota — não seja injusta! Flavia não me deixava vêr a carta, se estivesse culpada...

Á mãe parecêra não ouvir a filha. Tinha o ouvido attento n'outra parte. Parára uma carruagem á porta. Sahiu pulando as escadas, até avis-tar no pateo o marido com o filho.

— Vens, meu Ernesto? — perguntou ella.

— Vem — respondeu Alfredo Gassiot.

— Graças, meu Deus! — clamou Jaquelina.

Ora, Deus justiceiro havia de lisongear-se muito do reconhecimento d'aquella senhora, que provára sua justiça e paciencia vociferando injurias sobre o corpo cahido da *infame engeitada!*

## XX

### O pundonor da engeitada

Carlota sentou-se á beira de Flavia, levantou-lhe a cabeça, depôl-a no seu regaço e humedeceu-lh'a de lagrimas.

Dizia ella entre si: «Eu cauzei a infelicidade d'esta santa alma!»

Recobrado o alento, Flavia levantou-se, fitou primeiro espavorida, e depois docemente Carlota, e perguntou-lhe :

— Teu irmão?

— Já veio.

— Graças, Maria Santissima!

E ajoelhou de mãos postas.

As *graças* e louvores d'aquella, sim; honravam e glorificavam a Divina Providencia.

— Não teve perigo nenhum?— tornou Flavia.

— Não. Ainda o não fui vêr; mas as creadas disseram-me que viera bom e está no quarto do pai.

Flavia recolheu-se em si. Estava recordando-se.

— Quem me chamou *infame engeitada* foi tua mamam?— perguntou ella sorrindo de modo que as lagrimas lhe pareciam fel a amargarur o sorriso.

— Não... ella... não— tartamudeou Carlota.

— Ouvi eu... Não me esqueci... quiz Deus que eu me não esquecesse... Olha, Carlota, diz a tua mãe, diz-lh'o em nome de Deus, juiz de minha alma, que eu sou engeitada, mas infame não...

— Filha!.. — atalhou Carlota— perdôa á mamam, que estava muito angustiada... e perdoa-me a mim que lhe mostrei a carta...

— E fizeste bem... que eu na esperança de salvar teu irmão, tambem a mostrava, sem pejo, cuidando que cumpria um sagrado dever... Fizeste bem, minha Carlota; mas, se te merece algum favor esta pobre rapariga, visto que teu irmão veio, não mostres os outros papeis, se elles ainda ahi estão...

— Olha... tenho-os aqui...

— Pois dá-lh'os a elle, e pede-lhe que se compadeça de mim... Que me não faça parecer culpada... que o snr. Ernesto bem sabe que estou innocente, e nunca, se não agora, soube que era alguma cousa tão funesta na sua vida...

— Pois sim, eu lhe entregarei os papeis.

— Entrega, minha boa amiga; e depois faz-

me a esmola de mandar comigo algum dos teus servos á porta de qualquer convento que se abra á chegada d'uma infeliz... como poucas...

— Pois sahes d'esta casa!?!—exclamou Carlota Gassiot tirando por ella contra o seio — Deixas-me, Flavia? podes separar-te de mim? Deixas-me... tu!

— Deixo, ámanhã, infallivelmente.

— Não sahes d'aqui!

— Lembras-te quando eu era dançarina? tinha onze annos... e sahi... Bem o sabes... Hoje tenho dezasete...

— E para onde vais, louca?

— Iria, como ha seis annos, pedir um salario de creada...

— De creada?!

— Sim; mas não irei; porque teu tio me deixou uma esmola; e as pobresinhas recebem e aproveitam as esmolas como se lhes cahissem dos thesouros de Deus. A mão já sêcca de teu bemfazejo tio conduz-me a um cubiculo de convento e lá me dá umas sopas, não azedadas pelas lagrimas da vergonha...

— Ó Flavia! — tornou Carlota — pois tu podes!.. Que ingrata és para mim!.. Que paga me dá!..

— Devo-te muito... — voltou logo a filha de Miquelina — mas não posso pagar-te com o despejo, com a indignidade de receber insultos que me fa-

zem lembrar a desconsideração de engeitada, de creada feita senhora pela tua generosidade...

Carlota sahi do quarto rapidamente e foi contar, chorando, á mãe o que passára com Flavia.

Jaquelina ouviu-a pouco menos de impassivel e serena. Finda a narração, curou de consolar a filha, dizendo-lhe que a deixasse ir para o convento, se essa era a vontade de Flavia.

— A mamam não tem pena d'ella? — arguiu Carlota — Tractou-a tão asperamente...

— Vens reprehender-me?! — disse a mãe com severidade.

— Não, mamam... — respondeu timidamente Carlota.

— Parece-te bom andar teu irmão perdido do juizo e teu pai atormentado por causa da tua amiga?

— Mas que culpa tem ella?!

— Não sei... Se não estivesse n'esta casa essa creatura, viviamos socegados e felizes...

— Pois sim... deixal-a ir... coitadinha...

Entrou o general a tempo de ouvir as ultimas palavras e quiz que se lhe contassem as primeiras.

É Flavia que quer ir para um convento e eu acho que faz muito bem — explicou Jaquelina.

Alfredo Gassiot mandou sahir a filha do quarto.

— Vai para junto de Flavia e sê amiga d'essa menina, que merece a nossa compaixão — disse elle, sentou-se, e proseguiu:

— Primá, é necessaria muita prudencia. Flavia tem sido até hoje digna da nossa amisade. Ernesto nunca lhe tinha dito palavra pela qual ficasse ella entendendo que era amada. Não a culpes; porque as injustiças, se alancêam as victimas, tambem ferem quem as faz. Além do remorso, tens que temer o supremo infortunio, que é a loucura ou o suicidio de teu filho... desgraça menor que a loucura. Vês tudo quanto eu previ realizado?... Vês...

— Por isso — interrompeu a dama — digo eu que o melhor é sahir ella d'aqui.

— Remedio inutil é esse...

— Então que queres? casal-os? — redarguiu ella irritada— Sim! se não ha remedio nenhum se não casal-os, case-se Ernesto com a engeitada portugueza!.. Falta-me vêr isso!

— Ora vamos... — tornou placidamente o general— Nada de clamores, prima. Conversemos sem levantar a voz: Não quero que Ernesto case com Flavia...

— E elle quer? — disse a esposa sobresaltada.

— Quer.

— Ora essa! Que escuto, meu Deus!

— Que espanto esse!.. E, se não casar, diz que ninguem o salva do suicidio. O caso já vês que é mais de lagrimas que de espanto...

— Santo nome de Jesus! que fatal mulher Car-

\*

lota nos trouxe!.. Aqui está, aqui está o fructo que se tira de ser bom!..

— Vamos ao que importa e não moralisemos, que é tarde. O que nos convém é contemporisar. Uma negativa formal á vontade de Ernesto seria dizer-lhe que se matasse. Deixei-o agora esperançado. É preciso que te portes em conformidade comigo. Sómente assim poderemos illudil-o até que o tempo, a idade, e outras mulheres o desvairem de Flavia. Para o collegio não volta, nem eu quero que volte. A carreira está cortada. Pouco monta isso. Sobra-lhe de que viva sem habilitações. O que eu quero é a vida de meu filho, seja á custa do que fôr. Se o casar-se com a engeitada fosse condição de viver, deixava-o casar.

— Deixavas?!—sobreveio assombrada Jaquelina.

— Deixava.

— Oh!

— Estás hoje mais propensa ao assombro do que pede a razão!...

— Pois tu davas teu filho a uma...

— Engeitada?

— Sim.

— Dava. Sabes tu se alli está a filha de nobilissimos pais?! A inferirmos-lhe das qualidades phisicas e moraes a filiação, temos que na alma é nobre e distincta, e nas fórmas e compleição de-

nota que procede de organizações muito afidalgadas. Suppondo, porém, que seu pai era um commerciante, bem sabes tu que meu avô de Hespanha commerciaava em lãs; se filha de fabricante, pouco ha que vendemos as fabricas de teu pai; se filha de artista, eu não me deshonro de ser filho do lapidario João Gassiot. Assim, pois, as ossadas de nossos pais e avós podiam estar quietas, se acaso viessemos a descobrir a genealogia da mulher de Ernesto. Nada, pois, de philaucias absurdas, prima.

— Sendo assim—volveu ella sorrindo ironicamente—então, meu amigo, nada de pannos queptes: o melhor é casal-os já.

— Por emquanto, não. Folgo, se és sincera, de te vêr disposta a consentir em ultima estancia. . . Agora me occorre uma exquisita lembrança! . . . E quem nos diz a nós que ella queira Ernesto! . . .

— Como?! que lembrança! pois ella não havia de querel-o?!

— É possível. Ahi estão já dous pretendentes indeferidos, e ambos com bons documentos para ganharem bom despacho, se o requererem de meninas que por ahi abundam bem nascidas, bem educadas e com aceitaveis patrimonios. Sabemos nós até onde chegam os altos espiritos de Flavia?

— Isso é facil: pergunta-lhe se quer casar com meu filho. . . — disse Jaquelina a rir de irritada e offendida pela duvida.

Delongou-se a conversação até alta noute. Jaquelina ia fechar a porta da sua ante-camara, quando Carlota pediu que lhe fallasse.

— Venho dizer-lhe antes de me deitar que Flavia teima em sahir ámanhã.

Alfredo ouviu e perguntou:

— Já está deitada?

— Não, papá.

— Vai dizer-lhe que eu lhe peço o favor de me ir fallar á sala.

— Deita-te que precisas de socego, primo—contradiisse Jaquelina—Quando te ergueres lhe fallarás.

— Ha de ser já. Vai, Carlota.

Flavia sem hesitação alimpou a face molhada de lagrimas e foi á sala, onde Carlota a deixou, mandada por um gesto do pai.

— Disseram-me que a menina quer sahir d'esta casa—começou o general.

— Amanhã para entrar n'um convento.

— E nem sequer pede licença a quem, até certo ponto, lhe tem servido de pai, e a tem considerado como se fosse irmã de minha filha?

— Beijar-lhe-hei a mão com quanto affecto e gratidão...

Suffocaram-na os soluços. O general continuou:

— A menina foi offendida por alguém d'esta familia? Offendeu-a meu filho, minha mulher, ou minha filha?

— Não, senhor... Ninguém me offendeu.

— Então porque quer sahir?

— Porque não posso com a responsabilidade de desgostos de que sou causa innocente.

— Sei que é innocente, sabem-no todos.

— Todos?..

— Porque me pergunta se *todos*?

— Snr. general!—disse resolutamente Flavia — eu não posso continuar a receber as mercês com que tenho sido aqui tractada. A maior demonstração que eu posso dar do meu reconhecimento é sahir.

— Como? não a entendo, Flavia!

— É sahir para que a paz e quietação de pessoas, a quem tanto devo, se restabeleça.

— Isso não é razão.

— Pois se não é...

— Tem outra?

— Sim, senhor: tenho... A razão é que não posso mais ser feliz aquí

— Pois se não é feliz, sacrifique-se ás pessoas que desejaram dar-lhe todos os bens d'este mundo. Deixe-se estar, porque da sua permanencia aqui depende a vida de meu filho. Não estima o irmão da sua amiga Carlota?

— Estimo muito; mas...—E fez uma longa pausa.

— Não conclue a sua ideia, menina?

— Não sei o que queria dizer...

— Pois eu lhe desperto a lembrança. Estima meu filho?

— Já disse que sim, snr. Gassiot; mas não me exponho a ser maltractada...

— Quem a maltracta, elle?

— Não me faz bem nem mal. A carta, que me escreveu, diga, elle se eu fui...

— Já sei que não, foi causa provocadora do desatino de meu filho; mas é certo que elle a ama, Flavia; e eu não me opponho a que se amem.

Flavia fitou Alfredo com os olhos brilhantes d'uma luz que elle julgou ser um exultar febril de coração.

— Quer-me dizer que o ama tambem muito? — perguntou elle.

— Não, senhor.

— Pois não ama meu filho?!

— Não, snr. Gassiot. Sou amiga d'elle como sou amiga do snr. general, como seria amiga de um meu irmão.

— E, se elle lhe pedisse o affecto de esposa, não lh'o daria?

— Não posso dar-lhe mais que o amor de irmã.

— É então insensivel á paixão que o levou ao extremo de querer matar-se? Isso é uma crueldade que denuncia má alma, Flavia! Ama algum outro homem?

— Não sei o que é amar, snr. Gassiot. Tenho dezasete annos. A minha vida tem-se passado hora por hora com sua filha. Os meus segredos não são nenhuns; e, se alguns tivesse, todos saberia Carlota...

— Pois bem!—tornou o general, depois de passear àgitadamente no salão—imponho aos seus dezasete annos o preceito de não sahir d'esta casa, onde ninguem a offendeu.

Flavia, forçada pela soberania do preceito, levantou o rosto altivamente. Fazia lembrar Miquelina diante do capitão-mór e do padre, no dia em que a levavam ao cadafalso do convento.

Gassiot esperou alguns instantes o que sahiria do soberbo altear-se d'aquella formosa cabeça; e, como ella se demorasse, perguntou:

— Que me quer dizer, menina?

— Que não devo ter a villania e deshonra de apparecer mais diante de quem me chamou *infame engeitada!* As engeitadas são verdadeiramente infames quando não tem vergonha...

— E quem lhe deu esses nomes insultantes?  
—atalhou o general.

— Insultante é um sómente; o outro é o meu nome, pertence-me, sou a engeitada, que agradece os beneficios e não os contrapeza com as injurias.

— Mas quem lhe chamou infame? —instou Gassiot.

Flavia apertou a fronte nas mãos e chorou com a respiração convulsa de suspiros. Esteve assim largo espaço, e o general junto d'ella silencioso.

N'este conflicto, sahiu debaixo do reposteiro Jaquelina, que provavelmente escutára o extenso dialogô com perdoavel curiosidade. Aproximou-se de Flavia e disse-lhe com maviosas fallas :

— Eu fui injusta, menina. Lembre-se que sou mãe e cuidava que meu filho estava morto. Perdô-me a injustiça que lhe fiz pelo amor que lhe tem a sua Carlota.

Flavia beijou a mão da senhora e deixou-se abraçar com a vehemencia de um sincero remorso.

O general cravou uma vista rancorosa nos olhos da mulher. Sentiu-se ella desopprimida do remorso; mas ao mesmo tempo vexada e ferida pela censura muda e humilhante do marido.

Fechou-se alli o lance; mas, recolhidos aos seus quartos, os dous esposos, ao nascer do sol, altercavam tão azedos e desavindos que bem podiam assignalar aquellas horas como as mais infernadas de sua vida.

Para darmos em pouco uma ideia das armas com que Jaquelina sustentava a refesta, bastará dizer que uma das suas expansibilidades de cólera tou d'este feitio :

— Querem vêr que a tal engeitada ainda levanta guerra entre pai e filho por causa de ciumes?!

Quando ella assim vociferou, o general sahiu e encontrou o sol doirando o pó das salas. Atirou-se para cima de uma ottomana, e lembrou-se então, não sabemos por effeito de quaes combinações, de uma mulher, enterrada quatorze annos antes, chamada Miquelina.

Sacudiu com força de sobre o coração a pesada lembrança.

A imagem de Miquelina fugiu. São faceis de soprar e espalhar cinzas de mortos sobre quem pesa a sepultura ha quatorze annos.

Pouco depois, o general convidou o filho a passear no bosque de Bolonha. Os frizões estavam apostos á carruagem. Partiram.

Era a primeira vez que Jaquelina via sahir o marido sem lhe dar conta de seu destino nem despedir-se com o osculo ceremoniatico dos casados de *bom tom*.

A conversação no bosque passou d'esta sorte entre pai e filho:

Disse Alfredo Gassiot:

— Vamos a uma prática de irmãos. Aqui não ha pai nem filho. São dous amigos. Escuta-me como amigo e tambem como perito em negocios do coração. Primeiramente, cumpre saber que Flavia não te ama...

— Não...

— Não te ama ainda. O *ainda* conclue e mo-

difica a ruim notícia. Ha-de amar-te, ha-de amar-te, sem minima duvida. E eu quero que te ame e seja tua esposa. Hontem dei-te esperanças; hoje dou-te a certeza.

— Oh! meu pai... — exclamou Ernesto, querendo ajoelhar.

— Então? isto é palestra de amigos, ou temos genuflexões dramaticas!? Senta-te, Ernesto. Vamos ao ponto, Flavia não póde nem quer estar comnosco...

— Não quer?... — cortou afflicto o moço.

— Não... Prohibe-lh'o a nobre alma que tem. Tua mãe injuriou-a, imputando-lhe a tua morte, quando a estavas dando aos teus poemas. — Sorriu e continuou: — Não odeies por isso tua mãe, que por muito amar-te perdeu o juiso, e bastante do bom coração que lhe conhecemos. Flavia está vivamente offendida e tua mãe por igual indisposta contra ella. Não creio possivel reconciliar-as até se presarem. N'estas circumstancias, qual é o teu parecer, Ernesto?

— Não sei... O pai quer salvar-me... Delibere por si, que eu...

— Não sabes? Pois então, deixa-me deliberrar. O meu aviso é que Flavia se recolha como pensionista ao convento de *l'Abbaye-aux-Bois*, onde vai encontrar senhoras muito illustres. Sabes que as recolhidas tem plena liberdade de se avistarem nas

grades com quem lhes praz? Não sabias! É um jubilo inesperado que te dou. Vamos á tua opinião...

—É a de meu pai... E quanto tempo ha de ella...

—Lá estar?

—Sim, senhor.

—O tempo da tua graduação em engenharia. Faltam tres annos. Esperas?

—Tres annos...—murmurou o moço levantando ao céu os olhos.

—É muito? queres menos?

—O pai decidiu.

—Não decidi: consultei.

Ernesto beijou-lhe ambas as mãos, e exclamou:

—Devo-lhe a segunda vida, meu querido pai!..

E quando vai Flavia?

—Logo que os preparativos da entrada estejam feitos. São faceis de fazer. Amanhã, o mais tardar.

—Mas...—disse Ernesto, abrindo os olhos spasmodicos como quem recorda a supervenção de uma inevitavel calamidade.

—Que é?

—Não me disse o pai que ella...

—Te não amava? Já esperava a pergunta.

Disse que ainda te não amava, mas...—este *mas* é mais alegre que o teu—assim que a visitares tres

vezes e lhe disseres que teu pai te manda, e quer a ella chamar-lhe mais tarde «filha», verás que mudança! e verás que profeta eu sou.

— 'Ai!—contrariou o moço—engana-se, meu pai!.. Se me ella amasse, mostraria a minha carta a Carlota?

— Não.

— Pois ahi tem...

— Aqui tenho o quê? Uma prova de que te não ama? Isso estava dito.

— Nem amará.

— Provas de mais e falsamente, Ernesto. A logica syllogistica poderá levar-te para essa errada inferencia; mas a logica experimental dá-me outra. Ás tres visitas, és amado!

## XXI

### Separação

Alfredo perguntou a Carlota o que fazia a sua amiga.

— Está no seu quarto, papá.

— E tua mãe?

— Ainda não sahio do d'ella.

— Já fallaste a Flavia? De que intento a achas hoje?

— No mesmo: quer ir para um convento.

— Vai-lhe dizer que eu hoje vou preparar-lhe casa no mais commodo e recreativo recolhimento de Pariz. Vou á rua de Sevres, ao elegante convento de *l'Abbaye-aux-Bois*. Amanhã entrará, se quizer.

Carlota chorou e pediu ao pai que lhe não tirasse a sua companhia de sete annos.

— É forçoso—disse seccamente o general— Não debes querer que a tua amiga soffra os maus impetos do genio de tua mãe.

Carlota cumpriu as ordens do pai.

Flavia abraçou-se consternadamente na sua Carlota, e deu-lhe os mais enternecidos nomes do coração apaixonado. Misturavam e bebiam as lagrimas nos reciprocos beijos. Comprometteram-se em amar-se eternamente e viverem unidas, assim que podessem ajunctar-se de modo que ninguem padecesse por amor d'ellas.

Jaquelina soube a resolução do marido por lh'a contar a filha. Estimou-a, e ao mesmo tempo doeu-se da desconsideração que Alfredo lhe dava, não a consultando nem prevenindo.

À tardinha, o general chamou á sala Flavia e disse-lhe:

— Minha senhora, ámanhã estão promptos os seus aposentos. As alfaias foram compradas á sua custa. Faço-lhe este aviso para que a menina entre desobrigada na posse do que é seu, e vá certa de que saldou suas contas com toda a gente, e ninguem d'esta casa poderá considerá-la devedora.

— Devo a todos ; . . — disse Flavia.

— A menina é accionista de oito coupons de cinco mil francos cada um. É a herança que teve em Madrid. Aqui os tem, com os juros vencidos desde a liquidação de metade da terça de meu tio, tirado o que paguei de entrada, e decoração dos seus quartos no convento de *l'Abbaye-aux-Bois*. Queira receber os titulos. Será avisada oportu-

namente para mandar receber os juros, que prefazem dous mil francos annuaes proximamente. Esta quantia é superior á pensão que Flavia tem de pagar á abbadessa directora do convento. Ser-lhe-hão dados quaesquer miudos esclarecimentos por pessoas a quem a recommendo, quando não seja eu que directamente entenda no que lhe fôr necessario saber.

Flavia hesitava em aceitar os coupons e dinheiro que o general lhe offerecia. Alfredo voltou para a filha e disse:

— Põe este dinheiro e acções n'algum bahú de Flavia.

Em seguida, abraçou a amiga de Carlota, e muito abalado e com os olhos lagrimosos, proferiu estas palavras:

— Creia que, se fosse minha filha, não me deixaria maiores saudades. Conserve a nobre alma que tem. Espere, que ha de ser feliz... Não chore assim, Flavia...

E, beijando-lhe a fronte, murmurou-lhe ao ouvido:

— Ame Ernesto; ame-o como irmã, se mais não poder...

O restante do dia correu sem que Jaquelina visse o marido nem Flavia.

Fechára-se a digerir o seu fel aquella senhora, cuja antiga docilidade degenerára na malissi-

ma e cega paixão do orgulho, peorada por ciumes que, em vinte e quatro horas, lhe queimaram as entranhas.

Ciumes da engeitada!

Ao outro dia, levou-lhe Carlota uma petição da sua amiga, que se queria despedir. Jaquelina respondeu que estava doente e lhe desejava muitas venturas.

Instou Carlota ameigando a mãe. Foi repulsada com desamor.

Flavia espantou-se e disse:

— Que odio é este? Ainda ha dous dias tua mãe confessava a minha innocencia e me pedia perdão das injurias!... Que mal lhe fiz depois?... Paciencia... Deus sabe que lhe não fiz nenhum...

— É por causa do mano que ainda a não foi vêr ao quarto—explicou a seu modo Carlota.

— Mas sou eu culpada?... Teu mano faz mal em não ir vêl-a... e a mim tambem me tem feito quanto mal podia... Tão felizes que eramos, Carlota!... Que disse eu ao snr. Ernesto para elle ser causa de tudo isto!... Diz a teu irmão que deixe ser minha amiga tua mãe, que tão boa foi para mim...

Lanhava o coração vêl-as arrancarem-se dos braços para entrarem juntas na carruagem com Alfredo Gassiot.

E o dilacerante adeus á portaria do convento

foi laço de tamanha lastima que perderia, se eu quizesse dar-lhe côres no pensamento da leitora.

Alfredo, de volta do convento, foi ao pé da cama de sua esposa, e disse acentuando gravemente as palavras :

— A engeitada já não está aqui. Póde sahir do seu laboratorio de calumnias, prima. Terei todo o cuidado em que n'esta casa não entrem victimas em que a senhora possa sevar essa ferocidade de ciumes, assanhada aos trinta e nove annos de idade.

E voltou-lhe costas, quando a prima, já quebrantada e arrependida, principiava a dar explicações de sua imperdoavel injustiça.

Como quer que fosse, a peleja entre os dous esposos começára para toda a vida. O general propriamente, no lapso de bastante annos, ha de muitas vezes admirar-se de não poder perdoar e esquecer as calumnias da mãe de seus filhos tão queridos ! A congruencia de Flavia e Jaquelina n'este desgosto interminavel poderá elle percebê-la ; mas a intervenção da imagem de Miquelina, ida para o seu Creador ha tantos annos, esquecida de todos e até d'elle quasi nos primeiros-seis da sua morte, como ha de explical-a ? Pensará que a velhice, ao visinhar-se a morte, cobra providencialmente lucidissimas lembranças dos delictos, para na presença do Juiz Supremo os não denegar ?

\*

## XXII

### Segredo de um anjo

As duas meninas escreviam-se diariamente.

A conformidade de Flavia, consoante as cartas a pintavam, era fingida. Assim como, na presença da directora e das mais senhoras, atabafava as lagrimas, esforçava-se tambem no escondê-las de Carlota, mostrando-se resignada. Excruciavam-n'a, porém, saudades de Carlota e um indisivel sentimento de affecto ao general, sentimento que nascêra, como a súbitas, no momento em que lhe elle disse as ultimas palavras: *Creia que, se fosse minha filha, não me deixaria maiores saudades.*

Estas palavras soavam-lhe contínuas no intimo seio.

Não podia ir vê-la a sua amiga, por que a mãe adoecêra e peorava da molestia do arrependimento com intermitentes de raiva. Do pai dizia Carlota que sahira para a provincia a negocios de casa e levára consigo Ernesto. Lastimava-se do

reviramento da sua vida, e protestava, assim que o pai chegasse, pedir-lhe licença para também se recolher a *l'Abbaye-aux-Bois*.

Flavia, dado que se não carpisse, rogava á sua amiga que desistisse do intento e não sacrificasse a sua tão bella e tão florida mocidade ás tristezas de um convento, embora as senhoras vissem de tal feitio que os actos religiosos eram n'aquella casa pouco menos de extinctos.

Contava Flavia que uma senhora viuva, chamada mad.<sup>me</sup> Recamier, moradora n'uma casa subbordada ao convento, reunia nas suas salas grandes personagens de Pariz, não obstante dizer-se recolhida. Ajunctava que mad.<sup>me</sup> Recamier pedira á directora que lhe apresentasse a portugueza. « Fui, escrevia Flavia, e arrependi-me de não resistir ao pedido da abbadessa. Rodearam-me muitos homens de respeitavel presença, perguntando-me cousas de Portugal, das quaes eu não sabia dar conta. Mad.<sup>me</sup> Recamier, sendo eu interrogada por um de seus hospedes já idosos, levantou a voz e disse:—Menina, sabe quem a interroga?—Não, minha senhora — respondi — É Chateaubriand — tornou ella. — Abaixei a cabeça, porque me lembrou as nossas leituras de ATALA E RENÉ no collegio de Madrid, e do GENIO DO CHRISTIANISMO que tua boa mãe nos lia. . . Passei tres incómodas horas, ou silenciosa, ou obrigada a escutar coisas que

não entendo. Mad.<sup>me</sup> Recamier falla como os generaes do imperio que vão a tua casa. Parece um homem a dizer aquellas coisas com um enthusiasmo que nos faria rir, se estivessemos juntas, e com a certeza de não termos de assistir a outra prégação d'esta senhora. . . »

N'uma das subsequentes cartas contava Flavia que lhe tinha sido entregue um bilhete de visita de Hugo de Touraille, cujo pai ella tinha visto no salão de mad.<sup>me</sup> Recamier. Em seguida, noticiava que o filho do conde a tinha procurado, e ella se escusára de o receber, desculpando-se com molestia. Na carta immediata dava parte de lhe ter sido entregue uma carta de letra desconhecida no sobrescripto; a qual carta era de Hugo, com a proposta de a fazer sua esposa. « Não respondi — ajunctava ella — porque receio que as cartas continuem, e eu me veja obrigada a não as receber. Dou graças a Deus por ter arredado de ti um homem que te não merecia e eu bem cuidei que me roubava o coração da minha Carlota. »

Jaquelina viu esta carta, sorriu-se e disse á filha :

— A tua amiga quer humilhar-te. . .

— Humilhar-me ?!

— Sim. Dá-se como amada e pretendida esposa do homem que teu pai te destinára. É como se te dissesse: — « eu valho mais do que tu. »

— Ora!...—replicou a menina—A mamam é injusta...

— Serei... e tu és uma innocentinha... Não sabes nada do que se passa no coração de certas creaturas...

O general, quando voltou da provincia, viu a correspondencia de Flavia; e, lendo a carta calumniada por sua esposa, disse:

— Que excellente, que pura alma a d'esta menina!...

Carlota referiu-lhe a interpretação que sua mãe déra á carta. Alfredo Gassiot deteve-se a pensar, enguliu as phrases que a ira lhe suscitou contra a mulher, e conteve-se com dizer:

— Não creias o que a tal respeito diz tua mãe, Carlota! O antigo discernimento de tua mãe perdeu-se. Ama essa menina, que tem virtudes singulares. Aprende d'ella. Deus, em paga da boa obra que fizeste, dá-t'a como anjo inspirador. Salva-te do remorso de seres menos justa com Flavia, para não experimentares o castigo que eu mereci considerando-a muito menos do que ella me sahio. De Hugo de Touraille estás vingada. Já depois que não vem a esta casa, me pediu a tua mão. Neguei-lh'a, e não consenti que me apertasse a minha.

Carlota deu signal de alegrar-se com a sua vingança. Escreveu logo a Flavia, contando-lh'a; e Flavia, em resposta, disse que abençoada fosse

por Deus a resolução do pai da sua amiga, e concluia protestando não gastar tempo a fallar de tal pessoa.

Ernesto foi portador de uma carta de sua irmã para a reclusa.

Flavia recebeu-o com muito agrado e deteve-se no locutorio todo o tempo que o moço, ora embelezado n'ella, ora tartamudo de frivolidades, quiz demorar-se. Não parecia o author dos poemas que sua irmã entregára á portugueza, nem o prosador da carta sentimental. O que elle parecia era o que raros amadores parecem: um moço extremamente apaixonado.

Era o devoto que, em adoração do Senhor, se transporta, mas não ousa articular palavras communs dos homens. Com Deus e com a mulher adorada como Deus, senão mais, a voz, a expressão é um alhear-se a alma para onde não vá o que é sangue, o que bate no pulso e afogueia a cabeça. A mudez é respeito; as frivolidades são as bugiaras de que é capaz o espirito apagado da luz do coração que deixou de ser valvula de sangue. Momentos, horas, ou qual seja o nome que deva dar-se-lhes, iguaes ás de Ernesto Gassiot, não se contam pela pauta chronologica dos actos humanos. Ahi ha transição de salto aos atrios do paraizo, onde a contemplação do sempiterno é goso sem fim. O amor divino preluz nos instantes arrobados do

amor humano. Se são relampagos, é o sol eterno que perfulge e apaga-se. O coração viu-o, creu e não quiz mais provas de sua immortalidade.

Melhores, mais levantadas do que estas razas considerações deviam de volitar as ideias do poeta lamartiniano, do discipulo do apostolo, do Paulo que prégava a segunda christandade, a segunda resurreição das almas: — almas insepultas, errantes na lagôa estygia da philosophia sensual, não conhecendo mais poesia séria que a de Delille, nem mais poesia ridiculosa que a de Beranger, brilhante crysalida de Parny.

O divino instante das tres horas foi interrompido pelo tempo, submettido ao relógio do convento. Ernesto sahiu. Ia triste, ia vexado da sua timidez.

Flavia disséra de si, do convento, das suas saudades, de tudo que lhe occorreu, phrases bem ordenadas, bem occasionadas ao assumpto, correntes e limpidas. E elle, uma coisa formosa e dignissima disse e foi... que Flavia era a sua querida irmã. Isto... foi um anjo que lh'o segredou, e elle não o entendeu.

## XXIII

### Reviramentos

Desconfiado de sua eloquencia, Ernesto Gasiot, mediante a intercessão de Carlota, remetteu os poemas a Flavia, e illudiu as ancias de vê-la, passando horas contemplativas da noute defronte do convento.

Flavia não leu impassivelmente a insinuante poesia do collegial. O coração estava n'aquellas paginas. Nem á mulher já enganada e desengana-da de poetas, seria natural a duvida; menos podéra duvidar o seio não vulnerado de perfidias. Flavia acreditou-o; mas admirou-o antes de o amar—obsequio de que os poetas amantes devem lison-gear-se quasi nada.

Escrevia a reclusa á sua amiga que Ernesto fazia versos sensibilizadores, nos quaes revelava muita bondade de coração, e ella os recebia e guardava como prova d'um sentimento correspondido com o mais vivo affecto de irmã.

Molestou-se o rapaz d'esta frieza. O ar temperado do amor aos dezanove annos é o dos vulcões. O poeta começou a desesperar, e acolheu-se desalentado á sciencia profetica do pai.

— É cedo, filho. . . E que mais queres tu já? — perguntou o general — Chama-te irmão: é que á pobre menina sem familia o affecto de irmã se figura o mais bello de quantos ha. Quando ella estiver bem submissa do amor fraternal, o outro sentimento virá de si.

Ernesto cursava as aulas para comprazer com o pai; todavia, os versos e a meditação levavam a melhor sobre as mathematicas. De quinze em quinze dias, recebia Flavia algum novo e mavioso poema, enviado pela posta interna. Directamente Ernesto não se affoutava a dar-lh'o em mão nem ousava ir em pessoa compulsar o calor das suas lyricas no espirito da menina. Carlota por sua parte, receosa da mãe, tambem guardava silencio nas poucas visitas que fazia e nas já raras cartas escriptas á sua amiga. De sobejo sabia ella que o desgosto invencivel da mãe era o medo de vêr Flavia esposa de seu filho, sendo ella a causa do menospreço do marido, triste desordem de sua casa e desatino de Ernesto. Demais d'isto, acrescia na reserva de Carlota o desconfiar-se da sinceridade de Flavia, effeito de lhe estar mad.<sup>me</sup> Jaquelina continuamente incutindo suspeitas sobre

querer ella exaltar-se e abatel-a com a proposta de Hugo de Touraille.

Não ha que reparar nem incriminar na versatil Carlota Gassiot. Duas rasões a desculpam : uma, a teimozia da mãe que incessantemente laborava em desatar os vinculos de sua filha á engeitada, não tendo melhor expediente de viingar-se do marido; outra razão era ter ella amado e nunca esquecido o filho do conde, o futuro conde de Touraille, mancebo de quem as gazetas fallavam, quando cumpria exemplificar o typo aprimorado do cavalheirismo.

Cumpria que a menina fosse compleiçionada excepcionalmente para não dobrar ás insinuações maternas e ás mais rijas e imperiosas de seus proprios coração, orgulho e ciume.

Ainda assim, pelejavam-lhe na alma os dous sentimentos adversos. Tinha horas de sentir-se remordida pela consciencia da injustiça; outras horas arrependia-se de ter levantado até si a dançarina, que a deslumbrára a olhos do unico homem com quem imaginára e esperára a felicidade de esposa... e esposa condessa de Touraille. Ha aqui alguma coisa muitissimo vil e raza; mas o nivel da humanidade é aquillo.

Flavia conheceu a tibieza do amor de Carlota e escassamente se queixou, para não dar a perceber que a sua amisade exigia grandes disvelos

e atenções. A causa d'este arrefecimento cuidou ella não poder ser outra senão o dissabor de Jaquelina e porventura de Carlota, resultante da inclinação de Ernesto.

Isto supposto, Flavia, escrevendo á sua amiga, ageitou ensejo de poder dizer-lhe que a fim de obviar suspeitas da abbadessa e outras superiores do convento, lhe pedia recommendasse a seu irmão que lhe não escrevesse pelo correio nem a visitasse desacompanhado de Carlota.

Ernesto leu isto, e escondeu-se para chorar e escrever. Contra a recommendação de Flavia, enviou-lhe uma carta que, segundo elle, devia ser a derradeira. Era d'um comprimento só perdoavel a amantes. Dizia em prosa o que havia sido redito em verso: mas levava uns realces de sentimentos que os versos não tinham: eram as nodoas das lagrimas.

Flavia tambem chorou. Respondeu; mas, gastada a commoção, releu a sua resposta e rasgou-a, por não saber como substituir estas palavras:— *O amor que me dá é bem recompensado; se Deus me dêsse a conhecer minha mãe, só ella saberia os segredos do meu coração. Havia de contar-lhe o que tenho dito a mim propria; por que verdadeira amiga estou em crêr que só pôde sê-lo a mulher que é mãe e adivinha as tristezas de sua filha...*

Ernesto Gassiot, baldada a esperança da res-

posta, envergonhou-se de chorar puerilmente diante de seu pai. Pediu vénia para sahir de Pariz e furtar-se á continuação inutil dos estudos. Alfredo admirou-se da quantia de dinheiro pedida pelo filho. Perguntou-lhe se ia viajar. O moço tergiversou em quanto o pai lhe não disse :

— Quero positivamente saber o teu destino. Se elle fôr digno de ti não receies que t'o estorve. Para onde vais ?

— Para o bloqueio de Argel—disse Ernesto.

— Vai. Lá estão mancebos francezes da primeira plana, conjurados na defenção da honra nacional. Vai, e volta homem no coração, igual ao homem que vais no espirito.

Ernesto foi embarcar a Toulon.

O governo francez, no fim de 1827, mandou recolher as náos do assedio, reconhecendo a inutilidade e perigos de tal estrategia.

Apoz uma ausencia de seis mezes, Ernesto voltou a Pariz e encontrou o pai separado da mãe e filha.

Os cabellos do general estavam todos brancos. Eram cincoenta e poucos mais annos de homem que os passasse no giar das masmorras.

Tinham assim corrido os seis mezes: Carlota ligára-se a Jaquelina, evitando quanto podia as caricias e reflexões do pai. Rompera de todo relações com Flavia. Respondia diariamente a umas cartas

que não eram certamente da reclusa. Durante uns dous mezes, que o general demorou na provincia, onde tinha quintas, a casa de Jaquelina ia um cavalheiro a quem Alfredo não apertava a mão.

O conde de Touraille, o novo, porque o pai tinha fallecido, rocommendando-lhe que não perdesse de vista a filha dos Gassiot, facilmente se insinuára no animo de Carlota, escrevendo-lhe, e negando despejadamente que houvesse convidado Flavia, a ser sua esposa, para justificação do quê, pedia a Carlota que exigisse a carta ou cartas confirmativas de tal injuria á sua linhagem. Seria completa a justificação do conde, a pedir Carlota as cartas. Flavia todas lhe devolvêra, quando o instincto lhe ensinou que era essa a praxe. A filha de Jaquelina, aconselhada por sua mãe, não quiz outras provas além da palavra do conde.

Referiu elle que a tinha pedido ao pai. Isso já ella o sabia. Esta verdade veio em confirmação da outra calumnia. Queixou-se o conde da descortezia com que Alfredo Gassiot lhe recusára a mão. Tambem ella sabia isto que seu pai lhe contára. Ajunctou o gentil-homem de Touraille que teria matado Alfredo Gassiot, se elle não fosse pai de Carlota. A menina relançou-lhe uns olhos de amoravel reconhecimento.

Para se casarem faltava unicamente o consentimento paternal.

Jaquelina não escrevia ao marido. Carlota, animada pela mãe, pediu-lhe a licença, fundamentando-a na sua inquebrantável paixão pelo conde.

O general passou em continente a Pariz. Lançou em rosto á filha a baixeza de seus sentimentos; o impudor com que acceitára o homem que affrontosamente a despresára.

Carlota accusou Flavia de calumniadora, exacerbando assim a ira do pai. Sahiu Jaquelina em defeza de Carlota. Recrudeceu a lucta e a desordem. A dama rompeu os diques do fel represado, ora em lagrimas, ora em vociferações.

Homem que vira o mundo e palpára as chagas do vicio e abrira com seus proprios delictos algumas, o general, receiando que sua filha, destemida com o amparo da mãe, se abalançasse a algum arrojo, consentiu no enlace com o conde, dotando-a como se casasse a prasimento seu.

Realizado o casamento, o conde partiu para o seu solar no proposito de resgatar os bens empenhados, e levou a sogra, que estipulára não separar-se da filha.

Alfredo Gassiot estava, pois, só e a vêr-se no abysmo de sua insulação, quando o filho chegou de Argel.

## XXIV

### Explicações

A desatenção de Carlota e a noticia do seu casamento com o conde de Touraille impressionou de tal sorte Flavia que não era bem dôr nem tristeza o que ella soffria: era as angustias de um affigidissimo sonho. A fealdade do caso parecia-lhe impossivel. Carlota casada com Hugo, o homem que a tinha despresado, e de quem Flavia referira francamente as pretensões despresiveis e rebatidas com um desdem igual ao enojo!... A alma da sua Carlota assim abatida a ponto de envergonhar-se de contar os novos projectos de seu casamento á sua amiga unica!..

Dest'arte explicava Flavia o rompimento vagaroso e depois o completo silencio da condessa de Touraille.

Fez-lhe profundo abalo este successo: adontou-lhe o espirito, ensinando-lhe protervias ignoradas, ulceras da condição humana, que ella nunca vira nem sequer suspeitára.

Não será facil coisa motivar a quebra que no animo de Flavia padeceu ao mesmo tempo o affecto de irmã muitissimo extremosa, como ella o estava sentindo, anciada por noticias de Ernesto Gassiot. O melhor do seu coração era de Carlota. Ferida e esmagada n'elle, Flavia retrahiu-se, cobrou pavor do mundo, horrorisou-se da mentira e da ingratição. Amasse ella com toda a alma, que a deslealdade da amiga não damnificaria o amor a Ernesto; mas o que Flavia sentia é o que muitas irmãs, em casos semelhantes, podiam ter no coração: vivas saudades, momentos de lagrimas e desejo ardente de vêr o mancebo que devia expatriar-se e procurar esquecel-a nas batalhas, como usam esquecer-se os que morrem.

Alfredo Gassiot tinha ido ao convento poucos dias antes da tornada do filho. De Carlota apenas disséra que ella fingia ser feliz. Do filho contou que a esquadra franceza ia recolher-se. Nem palavra proferiu ácerca de sua mulher. Chorava a intervallos, e Flavia sentia fervores de encostar a cabeça encánecida do general ao seio e dizer-lhe: « Ainda tem uma filha! o meu coração chama-lhe pai! »

Ernesto desejou ter morrido em Africa, ao vêr a soledade em que seu pai envelhecia. Todavia, a consternação do pai pungia-o menos do que a sua. Era espectaculo aquelle para que o moço,

calcando suas mágoas, cuidasse em quebrar alguns espinhos ás mortificações do velho. Não o quiz assim o egoismo do coração do homem, a violencia do amor que desata ou corta no gume da ingratição os mais sagrados vinculos. Carpia a desventura de seu pai; porém o ferro que mais o anavalhava era a sua paixão; para si é que o moço queria balsamos.

Aventurou-se a procurar Flavia, que o recebeu taciturna e triste. Ernesto desembaraçado como homem já feito, ou esporeado pela dôr, fez rudes e aspérrimas censuras a sua irmã: a portuguezza escutava-o calada quando lhe não ia á mão, lembrando-lhe que primeiro do que ella escolhera o snr. general o marido, com quem Carlota vivia talvez feliz e até esquecida de amigos e parentes.

— Os desgraçados, portanto, — disse Ernesto — são meu pai e eu. Os mais todos são felizes. Minha mãe escreveu-me hontem, sabendo que eu voltára do mar...

— E é feliz sua mãe?! — atalhou Flavia.

— Diz-me que tem grande parte do contentamento de Carlota.

— E do snr. general não tem saudades?

— Não me falla em meu pai; mas eu sei que ella repetidamente lhe escreve, pedindo-lhe que a authorise a convidar o genro a passar o inverno em Pariz na nossa casa. Meu pai não responde nem

\*

responderá. Aquelle homem está morto... Minha mãe... essa vive; ainda pensa no inverno em Paris; quer mostrar-se mãe da condessa de Touraille. É, pelo conseguinte, feliz. Carlota... escusado é perguntar se o será...

— Quem sabe!..

— Um desconto sómente lhe póde agorentar a satisfação: e este será talvez lembrar-se a condessa, no seu castello senhorial, que um seu avô era fabricante e outro seu avô lapidario. Tirante isto, minha irmã é afortunada como todas as almas do infimo lôdo... Todos felizes!.. Até Flavia, até a minha irmã adoptiva do coração é felicissima, não é?

— Podéra ser mais e menos do que sou...

— Nada; mais não! Quem póde vêr insensivelmente o alheio infortunio, ignora que ha dôres. Ignoral-as é não as ter experimentado. Tenho conhecido que os altos espiritos não descem aos estrados humidos de lagrimas. A divinisação da formosura não admitte incensos de tão baixo...

— De que modo me está fallando, snr. Gasiot!—interrompeu Flavia.

— Admira-se e estranha-me!

— Muito...

— Offende-me a sua admiração... Se eu pudesse agora chorar, seria de cólera...

— Meu irmão!...—exclamou abafada de espanto e mágoa a reclusa.

— Não sou seu irmão, Flavia! Nada de títulos que importam nada para consolação do desgraçado que lhe pede menos artificio e mais sinceridade...

— Snr. Ernesto, que motivos...

— Que motivos? Os da minha irremediavel perdição—accudiu Ernesto com recrescente vehemencia, como se o referver do sangue lhe não dêsse espaço a meditar resposta—Flavia tem-me atirado aos abysmos que me repellem... Não lhe conto a minha vida de um anno de tristeza e dous de desesperação... Olhe que não é isto pesar de lhe compungir a sensibilidade... É pejo de homem... Flavia tem as virtudes todas de um anjo; falta-lhe o dom divino com que Deus dota a mulher; as fibras que estremecem compadecidas, a segunda alma dos affectos, a intelligencia apaixonada das lagrimas alheias... Comprehende estas?...

Ernesto enchugou os olhos e proseguiu:

— Que significa, senhora, essa dureza de coração?... Que entranhas de ferro poderiam ensurdecer aos brados com que lhe pedi a felicidade... supplicada com tanta precisão de me arrancar ao pensamento do suicidio!... Quem poderia lêr e não responder á carta ultima que lhe enviei ao passar-me para onde eu cuidei que tinha a sepultura!... Não me queria? era-lhe eu odioso? dissesse-m'o! Bastava o supplicio de a não merecer;

era bastante a affronta do desprezo! Repellido e ultrajado era de mais!

— Que mundo eu estou vendo, meu Deus! — murmurou Flavia — Que cadeia de injustiças!...

— Sou eu também injusto?

— Muito, snr. Ernesto...

— Quando me deu uma palavra de esperança?

— Esperança... de quê?

— A sua pergunta não pôde ser innocente!...

Pois que esperanças lhe pedia eu? que lhe diziam as minhas cartas? que explicação tiveram as desordens com minha mãe?...

— As desordens com sua mãe — disse animadamente Flavia — explicam o meu procedimento, snr. Ernesto. Eu sahí de sua casa com alcunha de *infame*. Bem alto me gritaram aos ouvidos que eu era uma engeitada. Engeitadas abafam o coração quando elle aspira ao que não deve sequer sonhar. Fui eu a causa das desavenças de sua familia; aceitei e escolhi este convento ou qualquer outro para me não envolver involuntariamente nos desgostos de sua casa. Infame me chamaram; não o era; mas sel-o-ia depois, se d'aqui fizesse guerra a sua mãe, que me odiava, e incitasse o snr. Ernesto a desobedecer-lhe, quando a minha maior ventura n'esta vida seria ganhar outra vez a estima de mad.<sup>me</sup> Gassiot...

— Mas...

— Deixe-me dizer-lhe tudo para me justificar, snr. Ernesto, ainda que me custe muito. Não li insensível as suas cartas. Á ultima respondi...

— Não recebi...

— Bem sei que não recebeu: rasguei a resposta. Reprehendi a demasiada sinceridade do meu coração. Condemnei-me ao silencio, sacrifiquei-me á tranquillidade de seus pais, e pareceu-me que sua irmã me aconselhava esta boa acção, quando me pintava os crescentes desgostos de sua mãe por causa do agrado com que o snr. Ernesto me escrevia. Que havia de fazer eu sem ninguem que me defendesse das arguições de sua mãe irritada contra mim? Tudo que ella affirmasse era acreditado. Diria toda a gente que uma dançarina, engeitada, desvalida e beneficiada por uma familia caritativa, lhe pagára com a ingratiidão de se querer considerar digna de...

Conteve-se.

— Digna de...—repetiu Ernesto.

— Ser esposa do filho do general Gassiot, que é hoje pai da condessa de Touraille...

— Flavia!—exclamou o moço—Não se justificou...

— Não?! então... não sei... não posso...

— Póde: diga que me não ama. Diga...

— Mentiria. Amo-o com a ternura e dedicação de irmã... e este amor é tanto—proseguiu

ella transportada e incendiada de enthusiasmo—que eu sómente satisfaria a minha alma podendo abraçar a esposa de Ernesto e dizer-lhe:—«Minha irmã, amo-te a ti como a elle; deixa-me viver contigo e com elle!»

Ernesto levantou-se de repellão, encóstou as mãos ás rechas da grade, e disse com um sorriso ironico:

— Obrigado! A inutilidade do seu arrebatamento!..

— Quê?!—perguntou Flavia.

— As palavras não valiam a pena do enthusiasmo! Eu não lhe vim pedir que presasse minha mulher. Se eu fosse homem de má fé, cuidaria que a senhora me estava logrando, apoucando-me o entendimento a proporções muito menores do que as d'elle. Minha senhora, minha irmã, minha amiga, e amiga de minha mulher—continuou elle tossindo impulsos de contrafeito riso—adeus! seja ditosa, e glorie-se de ter acalcanhado um coração de moço que desde hoje ha de bater no peito de um homem.

Sahiu. Flavia, estupefacta, só respirou, quando pôde chorar.

## XXV

### Desatinos. vulgares

Corria o anno de 1830.

O ministro da guerra Bourmont e o almirante Dupérre acaudilhavam nova expedição sobre Argel.

Entre os trinta e cinco mil homens embarcados em Toulon estava Alfredo Gassiot e seu filho Ernesto. O general do imperio ia como voluntario, sem distinctivo de patente. Ernesto decorava-se com as dragonas de alferes (*sous lieutenant*).

No dia 17 de junho d'aquelle anno, quarenta mil arabes do exercito de Ibrahim-Aga, cortados do ferro francez, escreveram com o seu sangue a victoria de Bourmont no campo de Staouéli. O voluntario Gassiot remoçára n'aquelle dia. O fogo da refréga calorificára-lhe o sangue. Conhecia-se o bravo d'Austerlitz. A soldadesca perguntava quem era o maneta, e descobriam a cabeça diante do general de Napoleão.

Ernesto sahio ferido levemente. O pai curou-lhe as feridas e disse:

— Vim como teu cirurgião, filho. Achei-me no conflicto para entreter o tempo.

Poucos dias depois, os descendentes dos conquistadores de Hespanha, abencerrages e zegrís, cahiram no abysmo, d'onde apenas lhe será permitido o resurgimento nas paginas ora gloriosas, ora tristes, e sempre romanescas da historia.

Os Gassiot demoravam ainda por Argel quando estalou a revolução de julho em Pariz. Carlos X desobstruira as escadas do throno para a passagem de Luiz Philippe. O marechal Bourmont foi substituido, e voltou para França. O voluntario Gassiot seguiu o general, e Ernesto seguiu seu pai, constangidamente.

Fez-se uma transformação natural, todavia triste, no viver do alferes Gassiot, em Pariz.

A libertinagem engodou-o com as suas primeiras blandicias. O moço arrancou do seio puro o coração, esvasiou-o das lagrimas, attascou-o nas orgias e encheu-o de lama. Acompanhavam-no homens que lhe faziam ter vergonha da sua fraqueza de amator lacrimavel e lamartiniano. Ernesto contava a sua vida em tom declamativo, quando não cantava trovas suas, com estribilhos deshonestos, e intermeadas por córos de gargalhadas. O nome de Flavia era já sabido dos ébrios, e elle por

sua parte sabia nomes de meninas mais illustres e menos respeitaveis.

Acontecia, porém, que Ernesto, nas intermitencias lúcidas, se algum socio lhe mettia a riso Flavia, remeçava a luva ou mettia mão á espada. Era uma curiosidade originalissima aquelle moço entre os despejados que trãziam por lupanares e prostibulos os appellidòs de seus pais e os appellidos das damas de suas relações.

O general indagou do viver do filho, quando lh'o apearam d'uma sege com o rosto acutilado em duello complementar d'uma noute de embriaguez. Então soube os baixos desvarios em que elle trazia enxufurdada a sua mocidade de parçaria com mancebos já expulsos da sociedade honesta e famosos em toda casta de desvergonha.

— Eis aqui os meus dous filhos no que deram!  
— disse entre si Alfredo Gassiot— Carlota deu-me com o pé no coração; Ernesto deixou-me sósinho e foi distrahir-se na crápula!.. Os meus filhos!.. As minhas esperanças!..

O general, assumindo o aspeito severo de pai e juiz, reprehendeu o filho, depois que as deshonoras feridas cicatrizaram.

— É pena— disse elle— que um militar ferido no assalto ao forte do imperador em Argel, se deixasse cortar pela espada d'um devasso embriagado!

Ernesto respondeu com um gesto de enfado. O general replicou:

— Nunca te puz mão de castigo, quando eras menino. Hoje, que és homem, se tornares a responder-me com esse ar de desprezo, sóvo-te debaixo dos pés. Não duvides; que eu convenço-te depressa.

Passados alguns minutos, parou no seu passeio mesurado, e disse:

— Como cahiste na desordenada e aviltada vida que levas?

— Como cahem todos os desgraçados que precisam suicidar-se lentamente.

— Nem todos os desgraçados são abjectos. Ha ahi muitos que se ennobrecem pela coragem, pela conformidade, pelo esforço. O exemplo sou eu. Aqui estou sósinho, sem tua mãe, sem tua irmã e... sem ti... que estás morto. Alguem me viu nos lupanares? já me viste levado em braços de patrulhas atordoado pela virulencia? Desgraçadissimo fui, quando eras creança... Nunca chovam sobre ti as calamidades que eu comportei sem cuidar no suicidio da embriaguez! Não sabes o que é desgraça, Ernesto!.. A suprema sei eu qual é... É uma que está em ti e não a conheces. É a deshonra. Era o nome desprezível que, antes de eu o saber, todos te davam. Em seis mezes ninguem o ganhava tão notorio, tão estrondoso!

— Meu pai! — exclamou Ernesto — desprese-

me quanto o mundo me despreza, quanto eu a mim me desprezo propriamente.

— Mas que foi isto?—redarguiu Alfredo—É Flavia a causa d'esta perdição em que te vejo?!

— É.

— Como assim? Não me dizem que tu a ultrajas com galhofas, com vitupérios e atrozes zombarias?

Ernesto apertou a fronte nas mãos convulsas e murmurou:

— Como eu me perdi! como eu me perdi!...

E, deixando cahir os braços, olhou a fito o pai, e disse com firmeza:

— É certo. Sou um infame! Se meu pai zela o seu nome, se me não quer vêr n'algum abysmo de desconhecida miseria... mate-me! mate-me que é salvar-me e salvar-se a si...

O general contemplou largo espaço o semblante do filho, e rompeu em pranto desfeito, offerecendo-lhe o seio. Ernesto, antes de lançar-se n'elle, ajoelhou, encostando a face aos joelhos tremulos do velho.

— Queres que eu vá supplicar a Flavia que te salve?—balbuciou Alfredo.

— Não, meu pai. Resta-me no coração uma fibra incorrupta. Flavia não me ama... E eu... insultei-a...

— Quando?

— Estava ébrio...

— Escreveste-lhe?...

— Procurei-a.

— Quando?

— Ha quinze dias.

— E podeste insultal-a? Um homem de tua educação... Feriste-lhe a sua honra?

— Não, senhor. Pedi-lhe as minhas cartas e os meus versos: rasguei tudo, e atirei-lh'o á cara. Quando sahi do convento ia já atravessado de remorsos. Entrei n'um café, embriaguei-me, e referi n'uma roda de conhecidos o acto que praticára. Um d'elles, menos ébrio que os outros, disse-me que eu praticára um mau feito. Atirei-lhe com um copo ao rosto. Desafiou-me e feriu-me. Aqui tem a historia do meu duello... Que quer meu pai supplicar a Flavia?

— Dizes bem, que hei de eu supplicar a Flavia!...

O general sahiu vagarosamente do quarto do filho, e fez-se conduzir ao convento de *l'Abbaye-aux-Bois*.

Perguntou por Flavia. Responderam-lhe que estivera gravemente enferma e começava a convalescer, com ordem de não sahir do leito.

O velho escreveu nas costas de um bilhete as seguintes palavras: *Um homem que pede perdão de ser pai de E. Gassiot.*

Chamou a creada de Flavia, entregou-lhe o bilhete e sahiu.

Poucos minutos depois recebia este escripto:

« Lembrava-me do meu bom amigo, e pensa-  
« va qual seria a razão de me ter abandonado, quan-  
« do me deram o seu bilhete. Entendi logo o seu  
« pedido de perdão; e chorei calculando a sua dôr.  
« Olhe que não me affligiu do sr. Ernesto senão  
« o desamor d'uma offensa que eu lhe não merecia.  
« Mas quantos irmãos se offendem muito mais do  
« que elle me offendeu? O que foi passado. Creia  
« que o estimo do mesmo modo: sou sempre a ir-  
« mã extremosa d'elle, já que não ousou assignar-  
« me a sua filha carinhosa, *Flavia*. »

O general chamou o filho e deu-lhe a lêr a carta.

Ernesto releu-a e disse trespassado de angustia:

— Mostra-me isto para me cravar mais dentro o punhal do remorso?

— Não: mostro-te essa carta para que vás diante de Flavia arrancar os espinhos do remorso. Vai, quando ella pudér ouvir-te, e chora algumas d'essas lagrimas que te descem nas faces.

— Nunca mais a verei. . . — murmurou Ernesto — nunca mais, meu pai!.. Esta mulher póde não odiar-me; o que ella não poderá jámais é amar-me. . .

Ao outro dia, Ernesto Gassiot desligou-se das

obrigações militares e sahiu de Pariz para uma de suas quintas. Espicaçava-o a vergonha de ser visto nos cafés onde se discutia o facto do duello, em grande auditorio de risadas; por que os discursadores, querendo evidenciar a justiça divina e humana no resultado do desafio, apregoavam o exemplo recente de dous embriagados batendo-se a sabre, e de ter sido ferido na cara um dos dous que atirára com uma bala de poemas, amarfanhados na mão, á cara de uma reclusa de *l'Abbaye-aux-Bois*. Os trovistas mais salgados e apimentados compunham do caso uns soláos, que, alterados os nomes dos personagens, appareceram impressos nos almanaks de 1831. Alguem se animára a prevenir o general Gassiot da ridicula celebridade do filho; e o vexado pai, relatando a Ernesto as informações recebidas, não lhe impediu, antes afervorou a sahida para a provincia.

— Vai—disse-lhe elle—retempéra a tua alma, readquire o vigor de teus brios. Olha que tens vinte e um annos, Ernesto. A corrupção da alma, na tua idade, é um aleijão monstruoso. Volta quando te sentires bom, e digno de aceitares a affeição de irmã que Flavia te dá.

Ernesto interrompeu :

— Que me faz a mim a affeição de irmã !. . Já me cança este jogo de palavras que me fariam rir, a não ser eu tão desgraçado !. . Meu pai, não

entendamos com essa mulher! Deixe-a; que não lhe fallarei mais d'ella. Se eu conseguir desculpar-me alguma vez de a ter offendido, gostarei que ella me perdôe... e, senão perdoar, bastar-me-ha para allivio de remorsos o que padeci antes do insulto e o que hei de padecer com a consciencia da minha deshonra.

## XXVI

### O amor de Flavia e a felicidade de Carlota

Ha coisas admiraveis, n'isto do amor principalmente. Ninguem devia já maravilhar-se d'ellas por muito repetidas; mas ha sempre quem admire.

Entre muitos sei eu este caso de Flavia, que não é dos raros. Depois que Ernesto, fulminando-a com apóstrophes incendidas de raiva, lhe atirou á face os poemas e as cartas, dá-se o caso de principiar ella a amal-o com paixão.

Espante-se quem pudér.

Quem a visse chorar e adoecer de perigosa febre depois, cuidaria que o insulto a esmagára.

Não era.

Chorava de compaixão d'elle; adoecia de ancias do coração que ella forcejava por espadaçar, cada vez que lhe soava dentro uma voz, dizendo-lhe que aceitasse o esposo a despeito de todos e de tudo. E porque não? que importavam os des-

peitos de Jaquelina? Que tinha que a mãe de Carlota, condessa de Touraille, a diffamasse de engeitada ingrata? Isto figurava-se a Flavia que era muito; mas a reluctancia procedia de causa mysteriosa, de, para assim o dizer, instinctiva repugnancia. Por quê? Não é do fôro de homens entender nas secretas operações da Providencia.

Todavia, a paixão vulcanisou-se súbita, quando Flavia soube que Ernesto, já então na provincia, tinha sido acutilado no duello por adversario que lhe estranhára o feito indelicado. Eram as senhoras informadas do salão de mad. Recamier que lhe levavam as novas. A ideal amada de Chateaubriand sabia tudo, folgava de saber tudo que occorria desde os reconditos retretes de Luiz Filippe até ás fumarentas *estaminets* e ruidosas revelações de escandalos, chronicas declamadas no café Tortoni. Sabia tudo, e rira muito do duello e das trovas correntes a contar o caso dos dous embriagados, entregando sua causa ao juizo de Deus, á mingua de juizo humano.

Soubéra, pois, Flavia os acontecimentos; e, ao sabel-os, sentiu-se amorosissima até ao transporte de mandar em busca de Ernesto Gassiot.

Disseram os creados do general que Ernesto sahira de Pariz. Animou-se Flavia a escrever a Alfredo Gassiot pedindo-lhe novas do filho. O velho foi ao convento e deteve-se largas horas, re-

\*

ferindo expansivamente, como quem carecia de desafogar-se, as suas angustias, a terrível soledade do seu viver, a ausencia do filho coberto de opprobrio, e a consoladora esperança de ainda o vêr rehabilitado. Flavia, antes que vencesse os soluços, chorou muito, e muito instada a dizer a razão de sua anciedade, balbuciou:

— Chame-o... Diga-lhe que o amo!..

— Então quer salvar meu filho? — exclamou o velho exultando até ás lagrimas.

— Quero que elle me perdôe o que tem padecido... Quero ir para a sua companhia, meu querido... Oh!.. eu ia chamar-lhe pai!..

— Ó minha amada filha!.. — clamou o general — dê-me esse nome que me enche de contentamento a alma... Ha de dar-m'o sempre... sim? ha de querer que meu filho lhe dê metade do meu coração de pai?..

.....  
Deu-se pressa o general em chamar o filho a Pariz.

Devolveram-lhe fechada a carta, com outra que Ernesto deixára para ser enviada a seu pai, alguns dias depois que tivesse sahido da provincia.

Ernesto Gassiot, apoz uma longa conta dos tédios e desesperações de sua vida occiosa e mais propria a peorar-lhe os soffrimentos que a extirpar o cancro que lhe desfibrava o coração, deliberára

seguir a carreira das armas em reino estrangeiro, e buscar na lucta do corpo o intorpecimento da alma. « Esquecer-me ou acabar, é o meu fito. Não levo outra esperança; por que as esperanças que para aqui vieram comigo, todas perdi. » Dizia elle, e ajunctava que alguns seus camaradas de Argel iam militar nas fileiras do duque de Bragança, representadas por uns poucos de homens agrupados na Ilha Terceira com destino a conquistar e restaurar a corôa da legitima soberana dos portuguezes. Declarava, pois, que ia apresentar-se com a sua patente aos generaes do imperador; e, terminada de qualquer modo a lucta, voltaria a França impetrar o perdão de seu pai, para quem a resolução tomada devia de ser, senão honrosa, perdoavel.

E terminava d'esta fórma:

« Releve-me agora, meu querido pai, uma  
« confidencia. Não sei dizer-lhe que prazer sinto em  
« ir... talvez morrer na patria da mulher a quem  
« eu dei as primeiras e ultimas lagrimas. É san-  
« cto pensamento e sublime a elevação da minha  
« alma, que eu já cuidei de todo incapaz de sobre-  
« nadar no seu lamaçal... é dôce á minha ima-  
« ginação pensar que o meu sangue ha de tingir  
« o chão onde a pobre engeitadinha verteu muitas  
« lagrimas, como ella contava a Carlota. Ha n'is-  
« to ainda um voar da minha antiga alma... Se-

«rá o derradeiro aspirar alto do poeta, que nasceu  
«influenciado por esse infeliz anjo, que eu... não  
«verei mais...»

O general mostrou esta carta a Flavia.

— Escreva-lhe! — exclamou ella — Escreva-lhe, meu querido pai! diga-lhe que venha já, que eu não terei vontade que não seja a d'elle... :

Alfredo Gassiot escreveu; mas a sua carta não chegou á Terceira, interceptada plausivelmente pela esquadra do bloqueio. O general, desesperado da resposta, apercebia-se para ir em demanda do filho, quando um incidente lhe atalhou o intento.

Mad.<sup>me</sup> Jaquelina appareceu-lhe subitamente, quando elle sabia de sua camara. Ajoelhou e de mãos erguidas lhe rogo que aceitasse o arrependimento com que ella se acolhia á sua misericordia.

Alfredo levantou-a e disse-lhe com brandura:

— Nunca te expulsei d'esta casa, em que tinhas parte igual á minha. Assim pois, podias entrar, quando te aprotivessé, sem dependencia do meu perdão. É certo que me não trazes a felicidade, que essa acabou ás tuas mãos; mataste-a com poucas punhaladas e depressa. Não importa. Vive triste como eu. Vive sem filhos como eu tenho vivido. Contempla-me n'este acabar lastimoso de vida; e, se ainda assim pudéres ser feliz, agradece á Divina Providencia o que eu já não posso merecer-lhe.

Jaquelina arfava em convulsões de afflicta e como aterrada do semblante cadaverico de seu marido.

— Perguntas-me por teu filho?—proseguiu elle—bem póde ser que a esta hora esteja morto. Anda lá fóra expondo a vida desastrosa na guerra, porque lhe não deixaste a felicidade e paz do coração. Agora te perguntarei eu:—Tua filha é feliz?

Jaquelina respondeu soluçante:

—Não m'o perguntas, Alfredo...

—Compreendo a resposta.

—Eu fugi... —vôltou ella com a voz cortada de suspiros anciosos—fugi para não assistir á desventura da minha pobre filha...

—Covarde fuga!—atalhou Alfredo—Fugiste da beira do abysmo onde a convidaste a descer contigo... e deixaste-a cahir... déste-lhe o impulso para a quéda...

—Alfredo, tem piedade!—accudiu Jaquelina—não me queiras matar, quando eu venho pedir-te que ampares nossa filha... O conde sabe que ella não tem um pai que a defenda, por isso a maltracta e despreza... Perdôa-lhe á pobre menina, e dá-lhe um quarto n'esta casa, onde ella possa chorar livre da flagellação d'aquelle infame homem...

Detiveram-se em comprido dialogo. Basta que, em summa, saiba o leitor que a condessa de Tournaille, á imitação do máo filho da parábola de Jesus, invejava o pão de suas creadas.

O conde levava consumidos os ultimos milhares de francos do dote de Carlota, em toda a casta de devassidão, como se o jogo de per si não bastasse a empobrecêl-o.

O general authorisou mad.<sup>me</sup> Jaquelina a ir buscar sua filha.

Não viu o conde sahir sua mulher. Exultou com a nova, que lhe levaram ás suas tapadas, onde andava caçando, e maravilhou-se jubilosamente de vêr que a nobre condessa deixára os brilhantes com que elle a mimoseára no dia das escripturas nupciaes.

## XXVII

### A Luiza das Gaias

Era no dia 25 de fevereiro de 1834.

No largo da aldêa das Gaias, por volta das nove horas de uma clara mas frigidissima manhã, estava sentada no degrau unico de um cazebre, fiando, uma mulher que poderia contar entre cincoenta e cinco e sessenta annos.

Passou um lãvrador do logar e disse-lhe:

— Tia Luiza, vá lá a casa comer o caldo.

— Irei, tio Antonio; Deus lhe dê saude—  
respondeu Luiza do Canto.

Passou uma sécia moça e atirou-lhe ao regaço uma abada de castanhas, dizendo:

— Tome lá, tia Luiza; estas são serôdias.

— Deus te console, Maria; vou-me regalar com ellas. Muito gosto de te vêr, cachopa! És da idade da minha Flavia, com differença de dias. Quando me trouxeram a menina, eras tu que me tiravas o leite. E como tu brincavas com ella por

aqui!... Estou a vêr-vos!... Lembras-te da minha Flavia?

— Mal me lembro...

— Pois sim, sim; isto já lá vai ha que tempos!... Quantos tens, Maria?

— Faço vinte e tres no mez do S. Miguel.

— É isso, é. Vinte e tres!... parece que foi hontem...

— Adeus, tia Luiza; vá lá comer o caldo á noute—disse a moça despedindo-se.

D'ahi a meia hora Luiza de Canto voltou de comer o caldo esmolado e sentou-se no degrau a comer as castanhas.

Onze horas seriam quando, da banda de Guimarães, desembocou no largo das Gaias uma senhora sentada sobre um macho, guiado por um arrieiro.

— As Gaias é aqui, patrôa—disse o arrieiro.

— Aqui?

— Aqui mesmo. Senão, eu pergunto.

E, voltando-se á velha fiandeira, perguntou:

— Ó tiazinha, aqui é o lugar das Gaias?

— É, sim, senhor.

Flavia retivera as redeas do macho, e estava circumvagando os olhos pelo largo, olhando em todas as portas, e reparando mais áttentamente na casa de Luiza.

— Por quem quer que pergunte, patrôa?—disse o arrieiro.

— Por ninguem—respondeu Flavia.

— Vmc.<sup>e</sup> quem procura?—perguntou a velha.

— Pergunte áquella mulher como se chama, indigitou Flavia.

— Como se chama, tiazinha?

— Sou Luiza, para o servir.

A senhora quedou-se a olhal-a com uma fixidez de amorothica. Apeou-se e perguntou ao arrieiro:

— Aqui ha estalagem?

— Ha alli fóra na estrada das Caldas uma taverna.

— Vá para lá e espere que eu o mande chamar.

O arrieiro sahi do largo.

A viajante deteve-se ainda alguns segundos repassando miudamente os olhos sobre tudo que a rodeava, e firmando-se mais de espaço em Luiza, que parára de fiar contemplando a senhora.

Depois, aproximou-se da fiandeira, e disse-lhe, com pronuncia hespanhola, vendo que ella se levantava:

— Deixe-se estar sentada.

— Estou bem, minha senhora.

— Faz favor de me dizer: haverá por aqui alguma casa que se alugue a uma doente que precisa de ares do campo?

— Aqui não ha, senhora. Lá adiante em Sarri-

to Antonio das Taipas é que ha. À senhora, ainda que eu seja confiada, é estrangeira?

— Sou.

— A modo que é hespanhola?

— Sou.

— E anda sósinha por estes reinos!.. Benza-a Deus que tão galantina é!.. A doentinha é v. s.<sup>a</sup>?

— Não.

— Lá me quiz parecer!.. quer a senhora sentar-se n'um banquinho?.. elle é pobre; mas limpo, póde sentar-se á vontade.

— Se faz favor, sento-me.

Sentou-se e proseguiu:

— Vmc.<sup>o</sup> é sósinha?

— Sou, sim, senhora.

— Não tem filho nenhum?

— Não tenho...

E suspirou como a desafogar-se do apertar do remorso.

— E tem vivido sósinha toda a sua vida? — tornou Flavia.

— Toda a vida não; estive com meu pai que trabalhava na forja aqui n'esta casa; elle ao depois morreu e eu andei a servir até aos trinta e dous annos. Depois, como o outro que diz, vieram os contratempos, e eu por aqui tenho atamancado a vida. Trabalhei em quanto tive per-

nas; mas o reumathismo tolheu-m'as; agora ainda vou dando algum passinho; mas no tempo frio estou para ahi encarangada nas palhas...

—E quem a sustenta?

—O bem-fazer dos lavradores; um dá-me o caldo; outro um bocado de brôa; outro uma pinga, e assim me vou remediando com a muita paciencia que Deus Nosso Senhor me dá.

—Que triste vida! Ha tantos annos sósinha n'esta cabana! — disse Flavia, cogitando no modo de a fazer fallar da sua engeitada, e ao mesmo tempo suspeitando que não fosse aquella Luiza a sua ama. Continuou:

— Vmc.<sup>o</sup> parece-me que já me disse que soffrêra desgraças...

— Quem as não soffre, senhora! Ainda não ha uma hora que aqui passou uma rapariga que me deu umas castanhas... Quer a senhora umas castanhinhas muito sãs, que ainda alli tenho duas mãos cheias d'ellas?

— Muito obrigada... Então uma rapariga que passou... — tornou Flavia accudindo á memoria da velha.

— Fez-me chorar, porque me traz á lembrança a minha filhinha...

— Ah! vmc.<sup>o</sup> tinha uma filhinha?..

— Não era minha; mas eu tinha-lhe o amor que Deus sabe, e ella tão mal me pagou... Coi-

tada... era uma creança de sete para oito annos; e eu, se quer que lhe diga, não sei se ella morreu, se fugiu, se que foi... Perdi-a... Ha quinze annos que me desapareceu... A senhora perdôe-me pelo amor de Deus estar-lhe eu a moer a paciencia com as minhas desgraças... Eu não fallo senão n'isto... Não me esquece, com annos que eu viva, a minha Flavia...

A caminhante estremeceu, e, feita uma pausa forçada pela commoção, disse:

— Não me enfada com a sua historia, tia Luiza. Conte-me como foi que se perdeu a sua creança... Era engeitada, não era?

— Agora era ella engeitada...—atalhou Luiza.

— Não era!?—exclamou Flavia de modo que pôderia alvoroçar pessoa menos bôta de sentidos e mais perspicaz do que a velha meio-céga e surda.

— Não, senhora, não era engeitada. Trouxeram-m'a não sei de d'onde; vestiam-na de ricos vestidinhos; até perolas tinha! Davam-me pela criar um dinheiro louco; levavam-m'a d'aqui ás vezes não sei para onde.

— Não sabe?

— Não, senhora... Se eu soubesse, não ficaria a menina desgraçadinha quando tinha tres annos.

— Então porquê?

— Porque nunca mais aqui appareceu a mulher que me pagava e levava a menina á mãe.

— Á mãe?.. Então Vmc.<sup>o</sup> sabia que ella tinha mãe?

— Pois ella tinha... mas aonde... isso sabe-o Deus... Ninguem me tira do juizo que a mãe ou o pai morreram... Fosse lá como fosse, a menina ficou por aqui até aos sete annos a comer e a vestir como Deus era servido... Se eu não tinha p'ra lh'o dar! Muitas vezes o tirei da bocca; mas, quando vinha o inverno, frio e fome não nos faltava, minha senhora...

A velha referiu as diligencias que fizera, e o leitor já sabe, para descobrir em Braga a mulher que ella suppunha ser creada de fidalgo ou conego. Chegou ao caso de vir de Guimarães, onde vendia fructa, e não encontrar a sua menina. Muita gente lhe disse que a vira a folgar com outras raparigas á volta d'um saltimbanco e duas raparigas que faziam habilidades; mas ninguem lhe dizia onde ella passasse. E acrescentou:

— Andei por todos esses poços dos lavradores a espreitar se ella teria cahido; mandei botar pregões nos adros de sete freguezias á missa do dia. Nada de novo a respeito da menina. Fiz promessas de ir descalça á Senhora do Porto e de dar duas voltas de joelhos á volta do sanctuario do Bom Jesus do Monte. Botei inculcas por toda

a parte; fallei a almocreves de longe, a liteireiros, a senhores que passavam na estrada. Seis annos andei n'isto, até que perdi as esperanças...

— E então — interrompeu Flavia — nunca de parte nenhuma lhe vieram novas d'essa menina?!

— Não, senhora; nem uma palavra de ninguém.

Deteve-se Flavia pensando na falsidade do professor de gymnastica; e encheu-se de ternura e gratidão á mulher que tanto soffrêra, e ella quasi odiára, em virtude das impostoras ameaças forjadas pelo hespanhol.

— Pois nunca... — tornou a senhora — nunca lhe mandaram de parte nenhuma dinheiro que...

— Dinheiro de quem? pois eu não disse já a v. s.<sup>a</sup> que não recebi mais nem uma de cinco desde que a menina ia a fazer tres annos?

— Sim, disse... mas... depois...

— Depois, quem m'o havia de dar?... Mais de um anno andei eu como pasmada, a chorar, a chorar, que até perdi a minha vista! Dizia eu cá para mim: «Se os pais d'esta menina apparecessem agora que conta lhe daria eu d'ella?! Sim! como lhe havia de eu dizer que a perdi!?» Ainda eu não disse á senhora que a mulher que m'a trouxe — por signal que se chamava Gertrudes — muitas vezes me disse que a minha menina havia de vir a ser muita rica, por que pelos modos o pai ou mãe

eram gente de muitos teres; e tambem me dizia que eu, quando fosse velhinha, havia de ter uns bens que me rendessem o necessario para a minha manutença e vestido. Ora quem me dizia a mim que o pai ou mãe da minha Flavia ainda podiam estar vivos, e lá por coisas que Deus sabe não podiam cuidar da filha, e mais cedo ou mais tarde viriam por ahi em cata d'ella?! Sim! E eu que lhe havia de dizer? Não é assim, minha senhora?

— Tem razão...

— Pois ahi está.

— E vmc.<sup>o</sup> não pôde nunca descobrir nada, absolutamente nada do nascimento d'essa menina?

— Nada. A Gertrudes dizia-me que se eu escogitasse, tanto como isto, de quem eram os pais da creança que m'a tirava logo. Deu-me ordem para que dissesse que a menina viera do Porto; e eu assim fiz crêr; mas ágora veio! A Gertrudes levou-a d'aqui tres vezes, e não se demorou mais de quatro para cinco horas. Em quanto a mim, o pai ou mãe vinham de longe vê-la n'alguma mata ás escondidas, e pouco se demoravam. Ainda lhe não disse que uma vez, já passados dous annos por cima do perdimento da menina, passou aqui um senhor já velho e a modo de fidalgo, e perguntou-me se eu fôra a ama d'uma rapariga que andava nos pregões do adro d'uma igreja ahi á beira de Guimarães. Disse-lhe que sim, muito

contente, cuidando que a menina apparecêra. Esteve elle a perguntar-me pelo miudo que idade tinha e quem m'a trouxera. Contei-lhe tudo. Elle ouviu, ouviu, deu-me um cruzado novo de esmola e foi-se embora. Aconteceu que vinha um lavrador acolá d'álem para este lado, e depois me disse que aquelle senhor era o snr. chantre de Braga. D'ahi a seis mezes tirei-me dos meus cuidados e fui a Braga a vêr se o tal senhor... sim, eu ia vêr se elle, dizendo-lhe eu que era a amada tal mocinha, me dizia alguma coisa; porque eu fiquei com a pedra no sapato...

— E então ?

— Ai ! minha senhora ! quando lá cheguei já tinha morrido ha cinco mezes ! . . . Que havia de eu fazer ? Fiquei para aqui a pedir a Deus que me não deixasse morrer sem vêr a minha Flavia.

— E Deus fez-lhe a vontade ! — disse a senhora.

— Que diz v. s.<sup>a</sup> ? — perguntou a velha duvidosa do seu ouvido.

— Que Deus não a deixou morrer sem vêr a sua Flavia.

— Aonde ? — exclamou Luiza deixando cahir o fuzo.

— Aqui.

— Pois . . . pois . . . — tartamudeou a velha cahindo em joelhos por não poder suster-se.

— Sou eu a sua Flavia.

Luiza do Canto rompeu em gritos, que pareceriam de grandissima afflicção a quem lhe não visse o rebrilhar dos olhos e os labios convulsos de riso nervoso.

Flavia tirou-a pelo braço e conduziu-a para o interior da choupana, pedindo-lhe que não gritasse nem dissesse o seu nome. A velha, perdido o alento, mal lhe ouvira a recommendação.

Tomou-a nos braços Flavia, deitou-a sobre a maltrapida enxerga, e sentou-se aos pés da tarima. Relançou os olhos por toda a casa e reconheceu a lareira, a fresta contigua á cama e uma imagem do Bom Jesus do Monte enquadra em pau santo.

— A casa da minha infancia... — murmurou ella, deixando correr copiosas lagrimas.

Ao abaixar os olhos para o andrajoso lençol que pendia ao chão, viu o espaldar d'um berço, que devia ter sido rico pelos labores da madeira de fóra. Tirou-o debaixo do catre e disse:

— Seria o meu berço?!

Recobrou o alento Luiza. Sentou-se na cama, balbuciando como estrouvinhada:

— Que sonho, meu Deus!..

— Não sonhou, Luiza! Aqui está a sua Flavia...

— Ó Virgem nossa Senhora! ó minha mãe do céo! ó Senhor dos milagres! disse-me que não

\*

morro sem vêr a minha Flavia!.. —exclamou a velha, crescendo para a senhora, e como receosa de tocar-lhe o vestido de seda preta.

Flavia abraçou-a, beijando-a e dizendo:

—Abrace, abrace a sua engeitadinha... Eu tambem não morrerei sem vêr o meu berço... É este o meu berço?..

—É, é, minha filha... minha senhora... É o seu bercinho... Vendi tudo, vendi a camisa, vendi a roupa melhor da cama; mas o bercinho nunca o quiz vender!

— Pois ha de vender-m'ó a mim... Dou-lhe por elle a sua sustentação e todos os regalos da sua vida até á morte. Venho cumprir a promessa que lhe fez a mulher que me entregou ao seu amor. Terá os bens abundantes que lhe prometteram, Luiza...

A velha dava uns saltos de creatura que nunca tivesse tido reumathismo.

## XXVIII

### Encontrou-o

Grandissimo espanto foi o dos moradores das Gaias, quando viram uma liteira de Guimarães parada á porta de Luiza. Sobreveio o assombro ao espanto quando viram Luiza enroupada n'um chaile rico entrar na liteira e logo depoz ella uma fidalga com um berço debaixo do braço, e a liteira partir. Não há, porém, palavra que exprima a estupefacção, o pasmo do gentio, quando Luiza, alguns passos adiante, mandou parar a liteira á porta d'uma choupana mais pobre do que a sua, e disse a uma velhinha que se aquecia á restea de sol:

— Caetana, tu és a mais pobrinha da aldeia porque pagas renda do teu cazebre. Aqui tens a chave da minha casa. Dou-t'a com tudo que está n'ella. Agradece a esmola a esta menina, e pede á Virgem Mãe de Deus que lhe dê saude.

A liteira partiu caminho de Guimarães.

Ao outro dia, Luiza do Canto vestiu-se com bons vestidos de Flavia; e, entradas novamente na liteira, caminharam para o Porto.

Chegadas á cidade, já desafogada do assedio, Flavia sahiu com a sua ama e pediu a um guia que a levasse a casa do negociante francez Pierre Baylac, a quem apresentou uma carta de suas irmãs que viviam recolhidas no convento d'*Abbaye-aux-Bois*.

A carta pedia esclarecimentos ácerca do official francez Ernesto Gassiot, empenhado na guerra da restauração do throno de D. Maria II, desde a expedição dos Açores.

O negociante leu e disse promptamente:

— Conheço perfeitamente o capitão Ernesto Gassiot. . .

— É vivo?—interrompeu com alvoroço Flavia.

— Antes de hontem ainda era vivo, porque o vi sahir com o general barão de Ríco de Celleiros, commandando uma companhia do 18.

— Para onde foi?

— Seguiram ao norte: devem estar caminho de Amarante, segundo dizia a parte do quartel general de hontem. Foi tambem com elle outro bravo que faz honra á nossa França, o coronel Pessu, que tem feitó proezas. Gassiot não lhe fica á retaguarda! Foi ferido gravemente no dia 29 de setembro na grande batalha! Morreram muitos offi-

ciaes francezes, e lá ficavam todos senão fosse o coronel St. Leger.

—Soube-se isso em Pariz—disse Flavia.

—Tornou a ser ferido no dia 5 de julho nas linhas, ao lado do coronel Du Vergier, que morreu das muitas cutiladas. D'esta vez bem cuidamos que o intrépido Gassiot não vencias os mortaes golpes que recebeu. Dizem que o pai, general de Napoleão, foi valente; basta que fosse tanto como o filho! Estarei eu fallando com a irmã do snr, Gassiot?

—Nada, não...

—Ouvi dizer que elle tem uma irmã condessa...

—Não sou eu.

—E tambem me contaram os camaradas d'elle que a sua entrada n'esta campanha era o resultado d'uma paixão amorosa; e que o capitão andava atraz da morte e ella a fugir-lhe... Agora parece-me que adivinhei quem é a senhora...

Flavia abaixou os olhos marejados e murmurou:-

—Sou muito amiga do snr. Ernesto; devo muitos beneficios a toda a familia Gassiot.

— Pois, senhora— tornou Baylac— o melhor é deixar-se hospedar n'esta casa e esperar o fim da lucta que está a terminar. A guarnição anda quasi toda a limpar as provincias e não póde tardar aqui.

— Não obstante — contraveio Flavia — eu venho resolvida a seguir o exercito até onde possa alcançar Ernesto Gassiot.

— Isso é temeridade! — replicou o francez — Como ha de ir uma senhora de seus annos com uma creada por esses caminhos em que, a cada passo, apparecem guerrilhas miguelistas e ladrões que a podem desfeitear?

— Ninguem me faz mal... — respondeu Flavia — Desembarquei na Corunha e passei sem perigo nem receio...

— Sósinha?

— Às vezes em companhia d'outros passageiros, que me tractaram benignamente; outras vezes sósinha com um arrieiro.

— Que imprudencia! Não repita semelhantes affoutezas, minha senhora...

— Não posso deixar de ir até encontrar o snr. Gassiot — insistiu Flavia

— Minhas manas pedem-me que lhe preste o auxilio todo nas suas diligencias. Não me recomendam que lhe dê conselhos; ainda assim eu insto em pedir-lhe que não siga a marcha do exercito; mas, se a resolução é inalteravel, consinta a senhora que eu envie em sua companhia um velho caixeiro de minha casa para ao menos ter consigo quem a tempo a previna e salve dos perigos.

Flavia condescendeu, e logo fez depositario

o negociante dos seus coupons e dinheiro, valores excedentes a doze contos de réis, dos quaes Pierre Baylac lhe passou titulo de deposito, e reflexionou:

—E anda pelo mundo sósinha uma senhora de vinte e poucos mais annos com tal quantia de dinheiro em si!.. É precisa muita indiscrição, queira perdoar-me!

—Não sei se sahirei mais de Portugal... — disse Flavia—Onde fizer a minha habitação necessito de meios com que viva...

—Pois a menina não é franceza? tenciona ficar em paiz estrangeiro?!

—Estou no meu paiz.

O commerciante conheceu, por um gesto de Flavia, que as suas averiguações lhe soavam impertinentes. Pediu a Flavia suas ordens, e conveio em enviar no dia seguinte o caixeiro encaminhador da mysteriosa senhora.

Nó dia seguinte, 29 de abril, sahiu Flavia com sua ama em liteira e o caixeiro a cavallo.

Chegaram á noute a Santo Thyrso, onde, no dia anterior, as forças do exercito libertador, encontrando as avançadas da brigada de José Cardozo, vingaram repellil-as.

O barão de Pico de Celleiros accelerára as marchas sobre o inimigo. Apenas o general passava, cobriam-se de milicianos e guerrilhas dispersos

as estradas. O francez teve grande medo e não vingou incul-o no animo de Flavia.

Os caminhantes proseguiram no dia seguinte sua jornada, na estrada de Amarante; mas o liteireiro, temeroso tambem de que lhe embargassem os machos para a conducção da artilharia, retardava o passo, e a cada poisada inventava um accidente no desmancho da locomotiva ou desferramentos dos muares para ficar áquem muito longe do exercito.

No dia 1 chegou a liteira á vista da Lixa, sobre um alto d'onde se avistavam acampadas n'um sêrro as forças de D. Miguel. A distancia de meia legua, entre Flavia e o exercito absolutista, marchavam as tropas do imperador. Flavia ouvia o estridor das carretas, e a espaços o estrondo marcial da musica.

Parou a liteira onde lhe era obrigatorio ficar, no couce das bagagens, escoltadas de tropa que vedavam a passagem de mulheres.

Na manhã do dia 2 rompeu o fogo. O exercito liberal formou tres columnas. O barão, á frente da columna central, entestou com a linha, ordenando cargas de cavallaria. A do inimigo seria menos intrépida, mas rebatia mais experimentada. Rechaçada no assalto, quebrou-se-lhe o impeto e retirou debaixo das lanças e espadas, até desordenar a reserva. Travou-se a lucta desesperada, á

queima-roupa. O barão de Pico de Celleiros assumiu, no afôgo do encarniçamento, o commando da cavallaria. Expediu um grito como a chamar a glória que lhe fugia. Cada homem despresou sua vida, trocando-a pela honra de a perder. A desesperação disparou na victoria. Cardozo fugiu. Ergueuse a Deleuma do triumpho; mas nos alaridos, que horrorisavam Flavia, faltavam os brados de noventa e nove homens do exercito vencedor. Doze dos mortos eram officiaes.

As bagagens recolheram-se ao exercito. A liteira de Flavia caminhou com ellas. Ressoavam os vivas á rainha, a D. Pedro, á constituição, por sobre os jubilosos hymnos da musica.

Ninguem fallava nos mortos; e todavia Flavia pedia ao caixeiro que perguntasse se tinham morrido officiaes.

Lá no campo sómente poderiam sabê-lo.

Pararam as bagagens e a liteira.

Flavia apeou. A soldadesca, encarregada de amontoar os cadáveres, olhava contra ella e dizia:

— Que mulher é aquella?

Aproximou-se Flavia d'um official de veteranos, conductor das bagagens, e perguntou-lhe em hespanhol onde poderia ella encontrar o capitão francez Gassiot.

— Isso é lá no centro, senhorita. Se procuras-

se o coronel Pessu já eu lhe dizia que o vi passar n'uma maca muito ferido.

Flavia tremeu, oscillaram-lhe os joelhos, arripiaram-se-lhe os cabellos de frio e pediu ao caixeiro que lhe dêsse o braço.

Dados poucos passos, Flavia tartamudeou:

— Pergunte... pergunta... que medó, meu Deus!..

— Aqui vem um official francez... Eu pergunto...

— Não... não! — susteve Flavia — Meu Deus!... matai-me antes que eu o saiba...

— Tenha animo... Sente-se n'esta carrêta, que eu vou saber e volto já.

— Não... quero ir.

— Morreram officiaes francezes?—perguntou o caixeiro a um soldado do batalhão nacional.

— Dous vi eu cahir feridos... O coronel Pessu e o capitão Gassiot...

— Morto?—exclamou Flavia.

— Morto não, ferido.

— Vamos, vamos!—gritou ella—Onde estão?

— Não sei dizer-lhe. As macas vão pelo caminho da Lixa.

Corriam. O francez ia como arrastado pelo braço d'ella.

— Morreria?—perguntava Flavia quasi asfixiada de correr.

— Não, minha senhora... Pois não foi elle já ferido tantas vezes?.. E quem nos diz que o tal voluntario se enganou!..

— É verdade! — obtemperou ella, ganhando alento.

— Perguntemos a este alferes de cavallaria que ahi vem.

O alferes trazia os olhos embellesados no formoso e incendido rosto de Flavia.

— V. s.<sup>a</sup> póde dizer-nos onde encontraremos o capitão Gassiot?

— Na ambulancia, pelo menos o corpo.

— Está morto? — accudiu Flavia.

— Cahiu mortalmente ferido.

A senhora pôz as mãos ambas e disse n'um tom de maviosa supplica, digna do milagre que Jesus fez a Martha:

— Não está morto, não?

E que lagrimas a fio! Como ellas se espelham logo tambem nos olhos do alferes, que talvez as não tivesse para a sua familia, se elle fosse o moribundo!

— Eu vou acompanhar-os á ambulancia — disse elle commovido.

Sahiram do campo juncado de cadaveres de homens e cavallos mortos. Avisinharam-se d'um tóldo na encosta do monte que se quebra no logar da Lixa.

Flavia tremia, e olhava espavorida para a ambulancia, onde entravam e saham officiaes com semblantes contristados, limpando lagrimas.

O alferes adiantou-se, dizendo á senhora que esperasse.

Fallou de relance com um camarada que sahia, e quedou-se á porta do hospital de sangue, com as costas voltadas para a dama, cuja respiração parecia o anciar do estrangulado no vasquejar da morte.

— Elle não vem?!—disse ella ao caixeiro.

— Vou eu lá... Espere-me...—murmurou o caixeiro.

— Vou tambem.

Achegaram-se ao alferes.

— Está aqui?—perguntou ella, fazendo menção de entrar.

— Não entre, senhora!—atalhou o militar.

— Porque não?.. Morreu!..—bradou Flavia.

O interrogado não deu resposta.

Flavia soltou um grito estridente, rompeu por entre a chusma de officiaes, e bradou:

— Ernesto! Ernesto!..

Quizeram retel-a. Deixou o chaile nas mãos de quem a segurava. Parecia céga n'aquelle circumvagar de olhos; mas viu, viu um rosto lavado de sangue já coagulado. Reconheceu-o. Levantou as mãos á frente. Avançou para o estrado sobre que

se estirava o cadaver. Cahiu de rosto sobre o seio do morto, e sentiu ainda nos labios o acre d'aquelle sangue.

Era mavioso de tristeza vêr aquelles homens tismados da polvorada enchugarem os olhos aos punhos das fardas. Fez-se um silencio sepulcral á volta d'aquella mulher inclinada sobre o cadaver, cujos braços abertos pareciam querer abraçal-a e esconder-se com ella na vala dos mortos.

## XXIX

### Onde Deus a levou!..

Vão passados cinco dias. Flavia não está morta nem insana. Os anjos do Senhor abateram as ancias d'aquelle seio puro, consummada a providencial catastrophe. As lagrimas, que lhe abriam vincos no rosto, eram de fogo; mas quizera Deus que ella as respirasse assim, para salvá-a. Se cherubins se alassem todos da terra, que inferno seria isto? Convinha que Flavia vivesse para algum santo acto de amor, de consolação, de resplandecimento a almas submersas em trevas.

O cadaver de Ernesto Gassiot tinha sido embalsamado por ordem d'ella. Fechado em um caixão laminado de chumbo, ia ser enviado a França.

No acto do embarque, Flavia quiz vê-lo. Osculou-lhe as mãos, e depôz entre ellas um escripto que dizia assim :

*Ao snr. Alfredo Gassiot*

*Meu bemfeitor, prometti restituir-lhe seu filho. Envio-lh'o como o encontrei. Perdôe-me! Deus não me deixa morrer. Se é para expiação que eu vivo, bemdita ella seja. A sua filha do coração, Flavia.*

Viu sahir o navio para França. Volveu á casa hospedeira, beijou as mãos do velho commerciante, e disse-lhe:

— Vou procurar uma casa de campo onde viva algum tempo. Careço de quietação.

Isto era dito de modo que impunha silencio á contrariedade.

Baylac perguntou-lhe se queria o seu dinheiro.

— Peço-lhe que m'o troque em moeda portugueza — disse ella.

Cambiotu-lhe o negociante os coupons e lizes. Viu-a sahir com a sua Luiza, e por fim lhe perguntou:

— Onde vai ser a sua paragem?

— Não sei ainda. Fui criada nos arrabaldes de Guimarães. Leva-me para alli o coração... Deixo-me levar.

Parou n'aquella terra triste; mas folgava de vêr as arvores, a moldura magnificente d'um painel que infunde amargura e tédio n'alma.

Perguntou onde lhe alugariam ou venderiam

uma quinta nos suburbios de Guimarães. Informaram-na de se estar offerecendo uma, que tinha antigamente pertencido a um corregedor assassinado pelos francezes, e depois passára a um capitão-mór, do qual a herdára um filho, façanhoso realista que tinha morrido dous annos antes na batalha do dia de S. Miguel. A viuva vendia a quinta, porque era voz publica de se andar por lá passeando uma alma penada, a alma do corregedor, provavelmente, assassinado com grande restituição ás costas.

Luiza do Canto pedia encarecidamente á sua menina que não comprasse semelhante quinta.

Flavia foi vê-la.

Achou-a sublime de tristeza. As heras marinham pelas paredes até enquadrarem e taparem as janellas. Os loureirões enredavam-se de modo á volta da casa que lhe afogavam as portas. O jardim era um silveiral. As estatuas allegoricas, circumpostas outr'ora no rebordo do tanque, estavam mergulhadas em lodo.

Era a quinta de Calvados.

Luiza a cada rumor imaginario cuidava vêr a alma do corregedor ou de quem quer que era.

Entrou Flavia á casa. Quem a mostrava era um antigo caseiro que o era havia quarenta annos. Flavia perguntou a causa de tal abandono de uma propriedade que devia ter sido recreativa.

O caseiro contou que a senhora viuva, desde que, um anno depois do tempo dos francezes, se recolhera ao convento, nunca mais tornára e lá morrera, passados oito annos. Disse mais que duas filhas da senhora ambas tinham morrido novas; mas que a snr.<sup>a</sup> D. Miquelina fôra d'este mundo dez annos antes da snr.<sup>a</sup> D. Roberta, freira em Braga. Que depois, ajunctou elle, a quinta fôra dar como herança a um irmão do snr. corregedor, e, morto este, a um filho, que, se não acabasse na guerra, deixava a viuva a pão de pedir.

Luiza do Canto reformou as suas ideias em quanto á alma alojada no edificio, inclinando-se a suspeitar que o espirito penado fosse o do homem que morrera na guerra.

Flavia ouvia sem escutar as observações psicologicas da sua ama.

Dentro da casa estavam uns poucos de trastes antigos, algumas cadeiras de coiro marchetadas, uma cómoda muita velha com semelhança de contador e alguns escanos com brazão pintado na sala de espera.

Disse o caseiro, referindo-se ás velhas alfaias, que a viuva do snr. capitão-mór lhe déra ordem de vendel-as, a querer alguém compral-as.

Flavia entrou em ajuste. Apareceu-lhe o procurador da viuva authorisado. Convieram no preço não discutido pela ajustadora. Lavrou-se a escri-

\*

ptura. De uma parte appareceu a viuva, da outra a compradora Luiza do Canto.

Coisa admiravel! A velha chorava de alegria quando Flavia lhe disse:

— Aqui tem os bens que lhe prometteu Gertrudes em nome de meus pais.

Mas o admiravel não está n'isto: é que Luiza nunca mais curou de ponderar qual das duas almas suspeitas lhe infestava a sua propriedade.

Trastejada a casa modestamente, entrou a proprietaria n'ella com a sua menina, e tractaram de escolher quartos.

Flavia affeçoou-se a um por onde as trepadeiras incultas entravam mais espessas, atravez dos caixilhos desvidraçados. N'este quarto é que estava a velha cómmoda ou contador, com um espelho encrustado e pendido. A senhora mandou que movessem d'alli a cómmoda para o proximo quarto que Luiza escolhera.

Alguns jornaleiros cuidaram em arrastar o traste; mas, ao primeiro empuchão, as juntas descoladas gereram e a taboa do espaldar despegou-se.

Flavia disse que desfizessem a cómmoda incapaz de servir e lh'a tirassem de qualquer modo do quarto. Arrancaram a taboa despegada e tiraram presa n'ella uma gaveta em que Flavia logo viu papeis.

— Aqui estão papeis!—disse ella.

— Não ponha a mão n'isso!—accudiu Luiza gesticulando—Cautella, que não vá ser feitiçaria!

A senhora tirou o papel mais cimeiro, sacudiu-lhe o pó, e leu mentalmente: *Ó minha querida Flavia!..*

—Que é isto?! *Flavia!..* que é isto, meu Deus!—disse ella entre si.

E, pegando de tudo quanto a gaveta continha, sahiu do quarto aceleradamente e entrou n'uma sala mais afastada.

Luiza seguiu-a a coxear, clamando:

—Vai afflicta! vai afflicta, menina!? não lh'o disse eu!.. bote fóra essa papellada...

—Deixe-me!.. —disse Flavia arquejante.

E leu de novo as linhas escriptas nas costas de uma carta, as linhas que Miquelina tinha escripto dezanove annos antes:— *Ó minha Flavia, ó minha querida filhinha, não tornarei a vêr-te? Ó meu Deus, dai-me um signal de que eu não morrerei sem vê-la uma vez, uma só vez vos peço!*

—Ó Luiza! ó Luiza!—exclamou ella.

—Que é, que é, minha senhora?

—Escuta, escuta isto!..

E leu á ama as palavras.

A velha escancarou a bocca até onde os musculos obedeceram ao repuchar do espanto, e disse:

—Jesus, santo nome de Jesus! isto que é?

Flavia voltou o papel e começou a lêr... não leu. Expediu um grande grito e exclamou:

— Esta letra!.. esta letra!..

— Que é? que é?..

— Esta letra é de Alfredo Gassiot!

— De quem?.. A menina sabe quem é esse?

Como se chama?..

Flavia estava lendo uma carta escripta em hespanhol, a qual começava assim: *D'aqui a pouco não terei quem me dê novas tuas, Miquelina. O morgado avisa-me de que eu vou ser assassinado pelos teus parentes e creados! Bem vinda seja a morte. Não me defenderei, porque já não tenho que perder. O matarem-me é a misericordia que os homens já agora podem unicamente haver com o teu desgraçado Alfredo...*

— — É elle! é elle!.. Ó Mãe Santissima, esclarecei-me!

— Quem?— perguntava a velha esbofada formando um maior pavilhão com as mãos ambas encaneladas sobre os ouvidos.

Flavia continuava a lêr, e a soltar ais estridulos a cada phrase surpreendente com que a luz do espirito se lhe ia fazendo.

O papel immediato era um embrulhinho quadrado.

— Não abra! — exclamava Luiza, fazendo o signal da cruz sobre o embrulho, mas de longe.

Desdobrou Flavia o papel, que continha dous. Um dizia: *Os cabellinhos da minha Flavia, quando fez um anno* — Dizia o outro: *Uma trancinha dos cabellos da minha Flavia aos dous annos.*

Levantou-se a senhora, correndo pela sala com tregeitos de enlouquecida.

A velha benzia-se.

E Flavia bradava:

— Sou eu! sou eu!

— Que será, meu milagroso S. Torquato! — resmuneava Luiza, começando um credo em cruz.

— Ó Luiza! — tornou a louca — Veja estes cabellos... lembra-se d'estes cabellos?..

— Cabellos! — murmurou a ama temerosa.

— Sim... Alguem lhe pediu estes cabellos quando eu era pequenina?

A velha esfregou phreneticamente os olhos, esbugalhou-os muito ao perto das madeixasinhas, e entrou a gritar:

— Ó menina, ó menina, estes cabellinhos dei-os eu á Gertrudes!.. Anjo bento! que vejo eu!?

Flavia já não podia com as commoções. Queria lêr mais cartas; mas fugia-lhe a luz, azulejava-se-lhe o papel; tomavam-na uns vagados incomportaveis. Atirou-se aos braços da sua ama e exclamou em voz surda:

— Ai! que eu não posso mais!.. Tenho me-

do de morrer agora... Não me deixeis morrer, meu Deus, que eu sei... quem é meu pai!

Pouco depois, acalmou-lhe o arfar do seio, descerrou os olhos esgazeados e murmurou:

— Que foi tudo isto... eu não delirava, Luiza?... Os papeis e os cabellos estão aqui...

E sentou-se no sobrado correndo as mãos pela fronte gotejante de suor. Em seguida apertou as cartas sobre o coração, e murmurou:

— O que Deus me deu!.. Como foi que eu mereci á Divina Providencia este bem...

Ficou a scismar largo tempo e disse com transporte e angustia:

— Será isto um engano, Luiza? não serão meus estes cabellos?... não serão?..

— Vou jurar sobre uns evangelhos que são... —confirmou a ama — Estes mais pequeninos cortei-lh'os eu, quando a menina tinha um anno; estes maiorzinhos pediu-m'os a Gertrudes da primeira vez que ella foi buscar a menina.

— Oh! — tornou Flavia, a chorar — Então minha mãe beijou estes cabellos!.. Pôz aqui os seus labios... verteu lagrimas n'elles...

E beijava-os sofregamente, ajoelhando-se n'este lanço, com as mãos postas e os dedos achegados á bocca.

Extenuada outra vez, sentou-se, e disse:

— Eu morrerei, Luiza!?. Parece-me que o

sangue me sóbe á cabeça... Luiza, minha ama... sabe que eu sei quem é... quem é meu pai?..

—Sabe?! que me diz, meu anginho do céu? sabe quem é seu pai?..

—Sei... Espera... deixa-me vêr...

E lançou mão de outra carta, muito desbotada de lagrimas, escripta n'um papel que vasava a tinta, em muitas linhas apenas intelligivel n'algumas palavras. D'um periodo final pudéra ella decifrar estas: *Guarda-me o thesouro... seio... venha a ser o anjo do teu resgate... Deus nos... pela innocencia d'elle.*

No fundo d'esta carta, escriptas por outra letra e tinta, liam-se estas palavras:

*10 de setembro de 1812, dez horas da noute.  
Flavia. Gaias, freguezia de S. Martinho de Sande  
—Luiza do Canto.*

—Agora... mãe do céu!—exclamou Flavia —não posso duvidar! Luiza, aqui está o seu nome! aqui está escripto por minha mãe!.. Ajoelhe-mos, agradeçamos a Deus!..

Era uma oração de extasis o orar de Flavia. Senão quando, de súbito, inclinou cabeça e olhos ao pavimento, amparou a testa nas mãos, e murmurou:

—Ernesto... Ernesto!.. eras meu irmão!..

## XXX

### Lances indescriptiveis

Quinze dias andados, depois dos anteriores successos, o general Gassiot, encerrado na sua camara, d'onde mais não sahira desde a hora em que recebeu o cadaver de Ernesto, escrevia a Flavia, para lhe ser entregue em Portugal a carta, mediante as irmãs do negociante Baylac. O general pedia a Flavia que o não deixasse ir d'este mundo sem ainda lhe occasionar o prazer de carpir-se na presença de quem soubesse, como sómente ella sabia, o que era diluir o coração em lagrimas.

A soledade de Alfredo Gassiot era, na verdade, completa. Carlota, dous mezes depois que fugira ao marido, definhava-se de saudades d'elle; e, comparando a paz da casa paterna com o bulicio das suas casas acastelladas de Touraille, arrependia-se de ter obedecido ás lastimas da mãe, esquecendo-se de que ella mesma dizia invejar o pão de suas creadas.

Contribuia a entristecer-lhe a vida em Pariz a mudança da casa do pai. Não recebia visitas o general nem as consentia á esposa. As carruagens todas foram vendidas. Nem theatros nem sahida alguma distractiva. De portas a dentro uma quietação monacal, um silencio de igreja deserta.

O general ou se fechava nos seus aposentos, ou passeava nas salas d'onde fugia quando se avi-sinhavam passos. Entre os dous esposos mal se encontravam as vistas e mais raras vezes as palavras. Jaquelina vivia como envergonhada de si propria; ou, em revolta contra o despego do primo, escondia-se a chorar por já ter perdida a energia para vociferar com justiça e contra justiça, como se dá com todas as pessoas de genio desgraçado para ellas e flagellante para os outros.

Este viver, e principalmente o amor de Carlota a Hugo—amor nem deslouvavel nem incoherente—dêram de si o facto, nem original nem censuravel, de escrever ella clandestinamente a seu marido. O conde pensou uma hora com lucidez e cahiu em si, prometendo emendar-se, jurando-o á condessa pelas cinzas de seu pai e pela sua honra, que era menos de cinzas. A lucidez que lhe aclarára o espirito não tinha prodigio que dêva espantarnos. Era a previsão da pobreza e o medo de perder ao futuro a herança presumptiva por morte de seus sogros.

Carlota exultou com a resposta de sua carta. Pareceu-lhe que estava amando mais do que nunca o seu conde. Revelou á mãe o proposito de voltar para o esposo. Jaquelina bravejou contra o despondor da filha. Da braveza descahiu na humilhação dos rogos. Fraudou-se-lhe tudo. A sua força moral de mãe acabára, perdera-se desde que ella animára a filha á rebellião contra os brios de seu pai. Estava pagando o terrivel saldo que se paga cá em baixo, segundo a taxa mysteriosa da inexoravel justiça — aparentemente humana, mas, a toda a luz da consciencia, divina.

Carlota apresentou-se ao pai, e disse-lhe que desejava tornar para seu marido.

Alfredo encarou n'ella com mudo assombro; e, volvidos poucos segundos, disse:

— Vai.

A condessa de Touraille quiz despedir-se de sua mãe e não foi recebida.

Mad.<sup>me</sup> Jaquelina lançou-lhe a sua maldição... Não lhe podia impecer a maldição nem prosperar a benção de tal mãe. A santificação dos direitos maternas volve-se em nenhum poderío, quando a mãe deu exemplo da postergação e menoscabo dos deveres. Deus quer que filha e mãe se tornem como duas mulheres alheias uma da outra.

Jaquelina já incutia compaixão; mas o general tinha sobre si um tamanho peso de cruz que

não o deixava levantar olhos para o rosto atormentado de sua mulher. Deixava-a a só com as agônias d'ella para que a mulher o deixasse a elle devorar as suas. Não queria assim finar-se a mãe de Carlota n'aquelle arder occulto de raivas á filha e ao marido. Desvairou por alóucadas fantasias, até abraçar a menos desatinada. Escreveu ao marido que mais não vira desde a sahida de Carlota. Pediu-lhe recursos para viver em casa sua apartada d'elle. O general respondeu: *Disponha a minha prima de tudo que fôr seu. E, se entender que tudo é seu, disponha de tudo.*

Jaquelina arbitrou uma avultada pensão annual e apartou-se. Deu explicação de tal proceder ás antigas relações de sua casa. Levaram-lhe a bem o acto e alcunharam de doudo o general—doudo de amores senis, diziam os commensaes de mad.<sup>me</sup> Jaquelina, d'uma engeitada reclusa em *Abbaye-aux-Bois*.

Ora, estas coisas passavam quando Flavia demorava ainda no convento.

Sahira ella para Portugal, e Gassiot ficára n'aquelle quarto do seu palacete, esperando novas do filho, e sorrindo á esperança de o vêr entrar esposo da filha do seu coração.

Sahiu do quarto para ir vêr o cadaver cujas mãos lhe offereceram o bilhete de Flavia.

Sómente, apoz muitos dias, pôde o velho, que

Deus mantinha vivo á beira do tumulo, escrever a Flavia pedindo-lhe que fosse vê-lo chorar.

Estava escrevendo, quando lhe noticiaram a entrada de duas senhoras á sala de espera. Perguntava o general o nome das senhoras, quando Flavia lhe appareceu no quarto e se ajoelhou aos pés d'elle.

Alfredo inclinou-se a recebê-la no braço, que tremia.

— Tão mudada! tão magra!.. — murmurou o general com as lagrimas a fio — Cuidou que eu tinha morrido, Flavia? Perdôe não lhe ter respondido. Recebi o cadaver do nosso Ernesto... Mas ainda agora... veja... estava-lhe escrevendo, e pedia-lhe que viesse vêr-me... Olhe como eu estou acabado, olhe que velhice tão desventurada... Nós choramos Ernesto... e eu queria que me chorasse alguém...

— Meu pai... — balbuciou Flavia.

— Dê-me, dê-me esse nome que era a minha alegria, pedida ao Senhor com tanta fé... Chame-me pai, que eu a estou olhando filha do meu coração e viuva do coração morto do meu Ernesto...

— Era impossivél!.. — atalhou Flavia — Primeiro separou-nos uma força divina; depois, foi a morte... Ernesto não podia ser meu esposo, porque era meu irmão...

O general entendeu como sempre tinha en-

tendido o pertinaz affecto de irmã com que Flavia pagava á paixão de Ernesto.

— Pois não me disse que seria esposa de meu filho?— lembrou Alfredo.

— Não podia ser, não podia ser!— respondeu ella com energia abraçando-se no pescoço do velho.

— Porquê?

— Porque eu sou sua filha. . . sou filha de Miguelina, nasci na quinta de Calvados!..

Alfredo Gassiot apenas articulou n'uns sons roucos e convulsos estas palavras:

— Que é? que é?.. *Miguelina!*..

E, como se o pavimento balouçasse, o general oscillou aos lados, e amparado nos braços da filha, recuou até embater na parede. Aqui, tomou na mão tremente a face de Flavia, e remirou-a tão de perto, que a filha sentia o halito afogueado da bocca em que parecia estar paralisada a lingua. Fallava-lhe ella, beijando-o, apertando-o ao seio; e o pai ria-se com umas contracções musculares tão insolitas que amedrontavam.

A este tempo, assomava á porta a velha Luiza do Canto que não pudéra mais tempo conter a sua anciedade em esperar a menina, e ousára pedir aos creados que lh'a mostrassem.

Alfredo cravou os olhos n'aquella súbita aparição, e declinou-os d'ella á filha.

— É a ama que me criou! — disse Flavia —

Luiza, aqui tem meu pai. . . Venha cá. Conte-lhe a minha vida até aos sete annos. . .

O general estava pouco mais de mentecapto; Flavia, porém, temendo-se de que o ar spasmodico de seu pai denunciasse um estado de duvida sobre a verdade de ser ella sua filha, tirou d'um saquinho de velludo um masso de papeis, desatou-os e disse, mostrando-lhe uma carta:

— Esta letra é sua, meu pai?

— É, é! . . . — exclamou elle.

Flavia voltou a carta, mostrou a pagina onde Miquelina tinha escripto, e perguntou, mostrando-lh'a:

— Lembra-se da letra de minha mãe?

— É esta! . . . aqui está a letra de Miquelina. . .

— Leia — tornou ella.

O general proferiu lendo convulsivamente: *Ó minha Flavia, ó minha querida filhinha, não tornarei a vêr-te. . . .*

Leu tudo, leu duas vezes, e quedou-se n'uma immobildade de somnambulo.

— Quer vêr mais letra de minha mãe? — continuou Flavia.

E mostrou-lhe os embrulhos do cabello com as designações escriptas por Miquelina.

A crise devia acabar pela elucidação ou morte do espirito.

O general, antes de vêr a filha, viu Deus.

Desapértou-se brandamente dos braços d'ella e ajoelhou.

Palavra não balbuciou nenhuma: as lagrimas, porém, borbulhavam dos olhos, umas apoz outras.

D'aqui ávante, não me abalango a descrever o que vejo na minha imaginação. A linguagem humana escassamente vinga esboçar em sombra um terço das sensações da alma. Somos pobrissimos, e eu mais que todos os que se confrangem como desesperados de não poderem exprimir um traço das magnificencias da fantasia.

## CONCLUSÃO

Mad.<sup>me</sup> Jaquelina Gassiot, avisada da convivência de Flavia com seu marido, n'uma de suas quintas da provincia, requereu divorcio, allegando o que uzualmente allegam esposas feridas nos seus direitos. O general requereu ao mesmo tempo a perfilhação de Flavia Gassiot e não contraveio ao libello da esposa. Dest'arte, salvava a sua dignidade e da filha.

Flavia desejou apresentar-se a mad.<sup>me</sup> Jaquelina e defender com humildade a honra de seu pai ultrajada e ridiculisada nos tribunaes. Não lh'o consentiu o velho.

Dividido o casal por sentença de divorcio, Jaquelina viveu rodeada de parazitas e morreu, poucos annos depois, ainda rica; mas o general recusou lançar mão da herança de sua mulher.

A condessa de Touraille entrou na graça do pai, que lhe perdoou, lembrando-se que fôra Carlota o anjo inspirado que lhe trouxéra sua filha Flavia. Coincidiu a reconciliação com a morte do conde n'um duello e a sublevação dos credores em chusma contra a viuva. A condessa voltou para

seu pai. Tinha vinte e oito annos. Era espectaculo de mover a prantos vêr aquella senhora envelhecida por desgostos incessantes chorando ainda e sempre de saudades do seu verdugo ! Como supportára com paciencia os effeitos de sua rebeldia á vontade do pai, estava absolta no juizo divino. Acolheu-se ao seio da irmã que lhe queria com a ternura dos quinze annos.

Luiza do Canto morreu em 1844, legando a Carlota Gassiot a sua quinta de Calvados. Os seus ultimos dez annos foram o céu. Expirou nos braços da menina que, para assim dizer, lhe nasceu nos d'ella.

Alfredo Gassiot ainda vive. Tem oitenta e tres annos. É o ultimo general de Napoleão que a morte não ousa ferir entre duas vidas que o defendem.

A condessa e Flavia são duas senhoras idosas que muitas vezes ajoelham no cemiterio do *Pere-la-Chaise* diante d'um moimentó de marmore negro, cuja epitaphio diz :

**O CAPITÃO ERNESTO GASSIOT,**

NASCIDO EM 1808

MORTO NAS CAMPANHAS DA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL,

AOS 2 DE ABRIL DE 1834.

**AQUI JAZ.**

**FIM**

*m*







# WIDENER LIBRARY

Harvard College, Cambridge, MA 02138; (617) 495-2413

**If the item is recalled, the borrower will be notified of the need for an earlier return. (Non-receipt of overdue notices does not exempt the borrower from overdue fines.)**

<p>WIDENER WIDENER AUG 23 2007 SEP 10 2007 CANCELLED</p>	

***Thank you for helping us to preserve our collection!***



